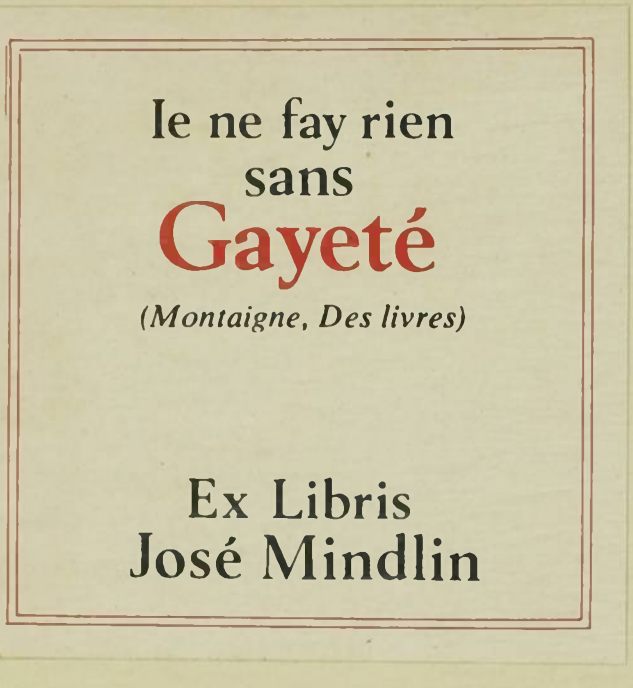
Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

VENERAVEL.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

VENERAVEL.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª;
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS SYMBOLICOS,

OU DOS

TRES PRIMEIROS GRÁOS

do Rito Francez.

PRIMEIRA PARTE.

VENERAVEL.

RIO DE JANEIRO.

1834.

Prefacio.

A Ordem dos Maçons he huma associação de homens virtuosos, que têem por objecto a mais perfeita igualdade, e viverem unidos pelos laços da amizade, confiança e estima, debaixo da denominação de Irmãos, e de excitarem-se huns aos outros á pratica das virtudes.

Em consequencia desta definição, he da sabedoria e do interesse de todas a Lojas só admittirem á participação de nossos mysterios individuos dignos de partilharem todas estas vantagens, capazes d'alcançarem o alvo proposto, e de quem não tenhão que envergonhar-se, perante os Maçons de todo o Universo.

(VEN.)

Assim, quando se trata da admissão de hum Profano (*), a Loja a quem he apresentado deve considerar que vai dar hum Membro á associação geral, e hum Irmão a cada Membro: que huma vez admittido, os Maçons de todo o Universo, de qualquer estado, qualidade ou condição que sejão, serão obrigados a reconhecê-lo por tal. He por tanto da honra da Loja, e do interesse de que deve estar animada pela gloria e prosperidade da ordem, que o aspirante seja digno de ser apresentado a todos os Maçons; e acolhido por todos os Irmãos como hum homem virtuoso, como seu Irmão, que nesta qualidade tem direito á sua mais intima amizade: a Loja, pela admissão de hum membro, se torna moralmente responsavel, perante todos os Maçons, do

(*) Desde a mais alta antiguidade, esta palavra significa inadmissão ao templo e aos mysterios. *Profanum extra templum.* Profano significa por tanto, não admittido actualmente, por opposição a ser iniciado.

caracter e qualidades do individuo que adoptou.

He pois de absoluta necessidade todo o escrupulo, exactidão, e severidade nas indagações e informações sobre os individuos que forem apresentados ás Lojas. Hum outro ponto não menos importante, he a uniformidade, ha tanto tempo desejada, em a maneira de proceder á iniciação.

Animado destes principios, o Grande Oriente de França se occupou da redacção de hum Protocolo d'iniciação dos tres primeiros gráos, ou gráos Symbolicos; e quiz tornar a chamar a Maçoneria a seus usos antigos, que alguns innovadores tinhão tentado alterar; e restabelecer estas primeiras e importantes iniciações em a sua antiga e respeitavel pureza.

As Lojas que lhe são affiliadas, devem conformar-se pontualmente a este

Protocolo, para que aos Maçons viajantes se nao offereça huma diversidade tão revoltante, como contraria aos verdadeiros principios da Maçoneria.

REGULADORES
DO
RITO FRANCEZ.

Grão d'Aprendiz.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Profano algum póde ser admittido antes de 21 annos de idade. Deve ser de condição livre e decente, e emancipado.

O criado, de qualquer condição que seja, só póde ser admittido como Ir.·. servente.

Não deve individuo algum, que exerça profissão vil ou abjecta, ser admittido; raras vezes o poderá ser hum homem de officio, mesmo sendo Mestre, sobre tudo nos lugares em que as corporações e communidades não se acharem estabelecidas.

Nunca poderáõ ser admittidos os obreiros,

denominados *companheiros*, em as artes e officios.

A admissão de hum Profano só poderá ser determinada em terceira reunião, contando aquella em que foi proposto.

O intervallo entre a proposição e a iniciação será de tres mezes; porém este intervallo poderá reduzir-se a quarenta e cinco dias, se neste tempo houverem tres sessões magnas.

Todo o Profano admissivel será annunciado em particular ao Veneravel em exercicio, por hum dos membros da Loja. O mesmo acontecerá a respeito de todo o Maçon que quizer ser filiado.

O Veneravel proporá, da fórma que se segue, o Profano á Loja reunida, e durante os trabalhos, sem nomear ou designar de maneira alguma o Irmão que lh'o propôz.

« MM.·. II.·., o Profano N.·. (os nomes, prenomes), de tal idade, de tal estado, nascido em..., morador..., etc., foi proposto, e pede ser iniciado em nossos A.·. Mysterios, com o titulo de membro desta Loja. II.·. 1º e 2º Vigilantes, annunciai-o nas vossas colum-

nas; e convidai os II.·. a que indaguem a respeito do Profano proposto, no intervallo desta á proxima sessão, para que então se delibere se devem nomear-se Syndicantes. »

O 1° V.·. diz: « I.·. 2° V.·., II.·. que condecorais a Columna do Meio-Dia, o Ven.·. propõe o Profano N.·. (repetindo os nomes, prenomes, idades, qualidade, domicilio, etc.) para ser iniciado em nossos A.·. Mysterios, com o titulo de membro desta Loja, e nos convida a que indaguemos sobre elle, no intervallo desta sessão, a fim de deliberar-se então se devem ser nomeados Syndicantes. »

O I.·. 2° Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. e o I.·. 1° Vig.·. nos propoem, etc. » (Repete a proposição nos mesmos termos.)

Na sessão seguinte tratar-se-ha da proposição do Profano, e o Ven.·. dirá:

« II.·. 1° e 2° Vig.·., convidai os II.·. a que nos communiquem o que sabem a respeito do Profano N.·., proposto na ultima Sessão.

Os VV.·. repetem, cada hum na sua columna, este annuncio.

Os II.·. que tiverem observações a fazer, pedem successivamente a palavra, levantando-se e extendendo a mão.

O Vig.·. da columna em que se pede a palavra bate huma pancada de malhete, á qual responde o outro Vig.·., e depois o Ven.·.

O Vig.·. diz: « Venerabillissimo, hum I.·. na minha columna pede a palavra. »

O Ven.·. responde: « Podeis fallar meu I.·. »

Os II.·. que estão no Oriente, quando quizerem fallar, pediráõ a palavra ao proprio Ven.·.

Nota. A formula de fazer circular por tres, todos os annuncios que se fazem em Loja, he rigorosa em todas as circunstancias, e denota o caracter essencial dos trabalhos regulares.

No caso de muitos II.·. pedirem em concorrencia a palavra, pertence ao Vig.·. ver qual a pedio em primeiro lugar, e dize-lo ao Ven.·.

Se ninguem se levanta, o I.·. 2° Vig. diz em voz baixa ao 1° Vig.·.: « Reina o silencio na minha columna. »

O 1° Vig.·. diz então em alta voz: « Ve-

nerabilissimo, reina o silencio em ambas as columnas. »

O Ven.·. diz: « Apresentai as vossas conclusões, I.·. Or.·. »

O I.·. Orador se levanta, faz as observações que julga a proposito, e espera que lhe respondão; porque a haverem razões em contrario ás suas, deve ouvi-las e discuti-las.

Se não ha observações a fazer, ou quando estão sufficientemente discutidas, a conclusão he que se devem nomear Syndicantes para examinarem as qualidades do Profano proposto. Se entretanto a natureza e a importancia das observações determinão o Orador a pensar que não devem ser nomeados, elle o dirá á Loja; porém em hum e outro caso, o Ven.·. ordenará o scrutinio da maneira que se segue:

« I.·. 1° Vig.·. ordenai ao Mestre de Ceremonias que conte os votantes, e distribua o scrutinio. »

O 2° Vig. dá esta ordem ao Mestre das Ceremonias; e este depois de ter distribuido as espheras (huma branca e outra preta para ca-

da volante), da conta ao 1° Vig.·. do numero dos II.·. presentes.

O 1° Vig.·. annuncia o mesmo numero ao Ven.·.

Nota. Os Visitantes têem direito de votar, visto que se trata de dar hum irmão á ordem inteira.

Então o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° Vig.·., annunciai nas vossas columnas que o scrutinio vai ter lugar a respeito das conclusões do I.·. Or.·., tendentes a que sejão (ou não sejão) nomeados Syndicantes para tomarem informações sobre o Profano proposto. As espheras brancas denotão voto a favor das conclusões do I.·. Or.·., e as pretas voto em contrario. »

O I.·. 1° Vig.·. bate e diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o scrutinio vai ter lugar, etc. »

O 2° Vig.·. bate, e faz o mesmo annuncio.

Hum Experto, ou na sua ausencia hum I.·. nomeado para substitui-lo, distribue o scrutinio na ordem seguinte: apresenta a urna ao Ven.·., aos VVig.·., ao Or.·., depois aos II.·. que estão no Oriente destes aos II.·. da Columna do Meio dia, aos II.·. da do Norte;

e depois de ter lançado nella a sua esphera, conduz a urna ao Ven.·., que antes de a abrir, chama hum outro Experto, para que assistão com elle á abertura do scrutinio. Finalmente abre a urna, e compara o numero das espheras com o dos votantes, para conhecer se são identicos. Se acha mais ou menos espheras que o numero dos votantes, o scrutinio he nullo, e deve começar-se de novo.

Se o scrutinio he igual e exacto, o Ven.·. dá huma pancada de malhete, que os Vig.·. repetem, e annuncia o resultado do scrutinio.

Se os suffragios são unanimes, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° V.·., annunciai nas vossas columnas que as conclusões do I.·. Or.·. forão adoptadas unanimemente, e que em consequencia, vão ser nomeados Syndicantes particularmente encarregados de obter informações sobre o Profano proposto. Convidai ao mesmo tempo a todos os II.·. a unirem-se a mim para as applaudirmos. »

Se o resultado do scrutinio foi que se não nomeasem Syndicantes, o Ven.·. o annunciará, mas sem applauso.

O I.·. 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o scrutinio adoptou unanimemente as conclusões do I.·. Or.·.; em consequencia vão ser nomeados Syndicantes, etc. O Ven.·. nos convida, para que unidos a elle, as applaudamos.

O 2° Vig.·. faz o mesmo anuuncio.

Então o Ven.·. diz: « A mim, MM.·. II.·. »

E todos juntos applaudem pela bateria de duas pancadas precipitadas, e huma lenta, o,o, o, repetida tres vezes, e terminada por hum triplice *viva !*

O Ven.·. nomea secretamente tres Syndicantes, tanto entre os II.·. presentes, como ausentes.

Na Sessão seguinte, o I.·. Mestre de Ceremonias, com ordem do Ven.·. fará passar para o Oriente, e entre as duas columnas hum *sacco*, a que se chama o *sacco das proposições*, e o apresentará a todos os II.·. successivamente. Cada hum metterá nelle a mão, como se quizesse lançar-lhe dentro alguma cousa, sem que se percebesse; por este meio os II.·. Syndicantes teráõ toda a facilidade

em communicarem o seu relatorio, sem que ninguem o saiba. Este relatorio póde ser escrito sobre hum pequeno papel quadrado, dobrado de maneira que não possa ser visto na mão, ficando assim desconhecidos os Syndicantes. Não será de mais necessario que estes relatorios estejão assignados, podendo aponas indicar-se o Profano proposto, pela letra inicial do seu nome.

O I.·. Secretario só fará huma menção geral do Profano, sem indicar o nome, prenome, qualidade, idade, lugar do nascimento, ou domicilio do Profano, tanto na prancha dos trabalhos do dia, como na do dia da proposta, assim como da nomeação dos Syndicantes; mas em papel separado, timbrado, e sellado, e com tres assignaturas pelo menos, escreverá os nomes etc. do Profano, e tudo o que lhe disser respeito, assim como a nomeação dos Syndicantes, seus relatorios, escrutinio, etc., até ao momento da admissão, se tiver lugar; e neste caso escreverá no livro d'Architectura tudo o que estiver escrito nas folhas volantes.

As informações que cada Membro da Loja

poder obter, e mais particularmente os Syndicantes, devem ter por objecto não só a vida e os costumes do proposto, mas ainda a tempera do seu caracter, a natureza de suas inclinações habituaes, e de seus defeitos, e sobre tudo se não tem alguns vicios que possão ser huma razão sufficiente de exclusão.

Se o relatorio dos tres Syndicantes he favoravel, ou se dos tres, dous são favoraveis, o Ven.·. diz: « MM.·. II.·., na Sessão de..., o Profano N.·. foi proposto para ser iniciado em nossos A.·. Mys.·.; em consequencia do scrutinio nomiei tres Syndicantes, para que obtivessem as informações necessarias. Estes tres II.·. fizerão o seu relatorio, e resulta que, com a admissão do Profano, a Loja fará huma boa acquisição; o Profano persiste na vontade de ser admittido. II.·. 1° e 2° Vig.·. proponde o Profano N.·. aos II.·. de vossas columnas, e pedi-lhe suas opiniões.»

Os II.·. 1° e 2° Vig.·. annuncião. Se alguem quer fallar, deve ser ouvido, e finalmente o Or.·. conclue.

O I.·. Mestre de Ceremonias distribue o scrutinio na fórma já marcada.

Hum I.·. Experto levanta-se, e leva a urna ao Ven.·., que conta os votos na presença de hum outro Experto: se o scrutinio he unanime, o Ven.·. assim o communica em alta voz, e applaude-se.

Então o I.·. Secretario transcreve sobre a Prancha do dia tudo quanto tinha traçado nas folhas volantes.

Se o scrutinio apresenta tres espheras pretas ou mais, fica o Profano excluido para sempre, e queimão-se as folhas volantes.

Se o scrutinio apresenta huma ou duas espheras pretas, se fará menção disto nas folhas volantes, e a proposta ficará adiada para a Sessão seguinte (economica).

Se nesta quinta sessão o scrutinio offerece somente huma esphera preta, o Ven.·. convidará e fará convidar pelos VV.·., em alta voz ao I.·. que lançou a esphera preta a communicar-lhe, fóra da Loja, e sob o sello do segredo Maçonico, os motivos da sua opposição.

Nesta conferencia secreta, o Ven.∴ julgará da importancia dos motivos da opposição, e se os acha frivolos, fará o possivel para obter do I.∴ oppositor a sua desistencia, sem que com tudo possa obriga-lo a isso de maneira alguma.

Em fim, se na ultima sessão o scrutinio ainda apresenta huma esphera preta, o Profano não póde ser admittido. Se os motivos da opposição provêem de escrupulos sobre alguns Estatutos, ou Regulamentos geraes particulares á Loja, o oppositor poderá levantar-se, pedir a palavra, e emitti-los, a fim de que a Loja delibere a seu respeito; e o que se resolver, á pluralidade de votos por scrutinio, tendo em vista as conclusões do I.∴ Or.∴, será executado.

Se o I.∴ que se oppõe á admissão não quer dizer as razões ao Ven.∴ temendo inimisar-se, ou ligar-se com o Profano proposto, poderá abster-se de o fazer, e esperará o scrutinio, onde como se disse, huma esphera preta exclue o Profano.

A Loja, em tal conjectura, deve preferir a

conservação de hum membro de quem conhece o caracter, o espirito, e as qualidades, á acquisição de hum estranho, que lhe he desconhecido.

SECÇÃO SEGUNDA.

RECEPÇÃO.

Primeiro Preliminar.

Todos os Membros do Loja devem ser convocados para o dia da sessão indicada pelo Ven.·. As pranchas de convocação devem notar que ha recepção no primeiro gráo.

Ninguem deve faltar á sessão sem legitima escusa, como negocios civis, deveres de estado, etc. Se alguem faltar, deve escusar-se perante a Loja, por meio de huma prancha dirigida ao I.·. Secretario, sem o que deve-se-lhe impôr huma mulcta em beneficio dos pobres.

Segundo Preliminar.

O Profano aspirante será conduzido á porta do local, ao menos meia hora antes da aber-

tura dos trabalhos pelo I.·. que o propôz. Esta porta será differente (se fôr possivel) da entrada ordinaria : quando ali chegar o I.·. se despedirá do adepto, como se effectivamente se retirasse.

O I.·. Preparador irá então ter com o Profano, se a hora dos trabalhos ainda não tiver chegado, e o conduzirá a algum lugar secreto, em que não possa conversar com quem quer que seja, nem ver ou reconhecer pessoa alguma.

O I.·. Preparador guardará hum exterior severo sem grossaria, evitará as conversas e responderá com brevidade e mysteriosamente ás questões que possão ser lhe feitas, de maneira a tirar toda a vontade de que se lhe fação novas perguntas.

Pouco mais ou menos, meia hora antes da abertura dos trabalhos, o I.·. Preparador conduzirá o Profano á Camara das Reflexões.

Esta Camara deve ser fechada aos raios do dia, e illuminada por huma unica luz : os muros serão cobertos ou pintados de negro, carregados de funebres inscripções, a fim de

inspirar as reflexões, a tristeza, e mesmo o pavor: algumas sentenças de huma moral pura, e maximas de huma philosophia austera, serão traçadas claramente sobre as paredes, ou inscriptas em quadros suspensos em diversos lugares da Camara: huma caveira, ou hum squeleto, se poder obter-se, farão lembrar o nada das cousas humanas.

Nesta Camara deve haver sómente huma cadeira, huma mesa, hum pão, hum vaso cheio d'agua clara, sal e enxofar em dous pequenos vasos, papel, pennas, e tinta. Em cima da mesa estarão representados hum gallo, e huma ampulheta; por baixo destes emblemas se porão estas palavras: *Vigilancia* e *Perseverança*.

INSCRIPÇÕES.

Se a curiosidade te conduzio até aqui, retira-te.

Se temes conheção teus defeitos, não estarás bem entre nós.

Se és capaz de dissimulação, treme, porque te penetraráõ.

Se as distincções humanas te allucinão, retira-te, porque entre nós só ha igualdade.

Se tua alma sentio pavor, não vás mais longe.

Se perseverardes, serás purificado pelos elementos; sahirás dos abismos das trevas, e verás a Luz.

O Profano será por algum tempo deixado só na Camara das Reflexões; depois o I.·. Preparador lhe dará por escrito as questões seguintes, ou semelhantes a resolver, tambem por escrito:

O que deve o homem de bem a si mesmo?

O que deve a seus semelhantes?

O que deve á sua Patria?

Estas questões seráõ escritas de maneira a deixar entre huma e outra bastante espaço para conter as respostas que o Profano deve dar.

Os II.·. estando reunidos no local, vestidos e decorados (*), o Ven.·. bate huma só pan-

(*) Esta palavra significa ter cada hum o seu *avental*.

cada de malhete para chamar aos trabalhos ; cada hum chega a seu lugar, e fica em pé.

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven.·. diz :

P. I.·. 1° Vig.·., sois vós Maçon ?

R. MM.·. II.·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja ?

R. He certificar-se se a Loja está coberta interior e exteriormente.

Nota. Isto quer dizer, ser necessario que a porta do Templo esteja fechada, e que nenhum Profano que esteja na Sala dos Passos-Perdidos, possa escutar á mesma porta.

O Ven.·. diz : « Certificai-vos, M.·. I.·. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « I.·. 2° Vig.·. indagai se a Loja está bem coberta. »

O 2° Vig.·. diz : « I.·. Experto, ou I.·. Cobridor, fazei o vosso dever »

Então o I.·. Experto, com a espada na mão, abre a porta da Officina, tira a chave, deposita-a sobre a mesa, que se acha collocada en-

tre os dous VV.·. ; ordena ao I.·. Examinador, que vigie na guarda externa do atrio, pela qual he responsavel; fecha de novo a porta, e se põe na entrada interior do atrio com a espada na mão. Feito isto, o I.·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig.·., que os trabalhos estão cobertos. O 2° Vig.·. repete o annuncio ao 1°, que diz em voz alta: « Venerabillissimo, os trabalhos estão cobertos interna e externamente. »

O Ven.·. diz: « A' ordem, meus II.·. » e acrescenta:

P. I.·. 1° Vig.·., qual he o segundo dever de hum Vig.·. em Loja?

R. He ver se todos os II.·. estão na ordem.

P. Estão elles á ordem?

O 2° Vig.·. diz ao 1°: « Todos os II.·. estão á ordem na columna do Norte. »

O 1° Vig.·. diz em voz alta: « Venerabillissimo, todos os II.·. estão á ordem nas duas columnas. »

P. A que hora começão os Maçons os seus trabalhos?

R. Ao meio dia.

P. Que horas são?

R. He meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he a hora de começarmos nossos trabalhos, II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos nossos II.·., em huma e outra columnas, para que unidos a mim, começemos todos os trabalhos da Loja (tal)... ao Oriente (tal)... no gráo de aprendiz Maçon. »

O 2° Vig.·. faz o mesmo annuncio.

O Ven.·. bate sobre o altar as tres pancadas mysteriosas....

Os II.·. VV.·. repetem; depois do que

O Ven.·. diz: « A mim, meus II.·.. »

Todos, com os olhos no Ven.·., fazem o sinal de aprendiz, e applaudem com a bateria ordinaria. Em fim o Ven.·. diz: « Meus II.·., os trabalhos estão abertos, tomai os vossos lugares. »

Os VV.·. repetem o annuncio, e todos se assentão.

Finalmente o Ven.·. diz: « I.·. Secretario, lêde-nos a prancha de nossos ultimos trabalhos.... II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a que prestem attenção á leitura.

Os VV.·. repetem o convite.

O I.·. Secretario faz a leitura.

Nota. A prancha deve necessariamente conter todas as deliberações tomadas, e as proposições que forão feitas no decurso dos trabalhos.

Por muito perito que seja o I.·. Secretario, por muito attento que esteja, he difficil que esta prancha possa ser redigida, durante o progresso dos trabalhos, de maneira que supporte leitura reflectida; alem disso he possivel que tenha occorrido alguma cousa de que se tenha feito menção, e que a Loja ao depois delibere que della se não falle na prancha, o que exige illiminaçoes, notas, etc. He pois a proposito, que o I.·. Secretario só trace, durante os trabalhos, hum esboço que póde corrigir ou emendar, segundo as circunstancias, huma vez que passe tudo a limpo em hum registro destinado a este fim. Servir-se-ha para este esboço de folhas de papel marcadas com o timbre da Loja. No fim dos trabalhos, o I.·. Secretario fará a leitura do seu esboço, para que cada hum possa fazer-lhe as correcções que indicar: estas correcções sómente teráõ por objecto tornar mais claro e exacto o que se tiver passado durante os trabalhos, e para que possa certificar legalmente o que se tiver deliberado sobre o esboço, o I.·. Secretario o fará assignar pelo Ven.·., e pelo I.·. Orador.

Quando o I.·. Secretario fizer a leitura da redação sobre o Registro, o I.·. Orador comparará esta redacção com o esboço, a fim de certificar-se se o I.·. Secretario alterou ou omittio alguma cousa nas deliberações da precedente sessão.

Depois da leitura acabada, o I.·. Or.·. deve dar parte, em voz alta, de todas as alterações, ou omissões que tiver notado : se nada disto houver, dirá :

« Venerabillissimo, a prancha está exacta. »

Como he possivel que outros II.·. notem alguma falta essencial a corrigir, o Ven.·. dirá ;

« II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. em huma e outra columna a fazerem suas observações a respeito da redacção da prancha, ou acta da ultima sessão, de que acabão de ouvir a leitura. »

Os VVig.·. fazem este annuncio.

Nota. As observações só podem ser concernentes á maneira porque a prancha foi redigida, sem que se possa alterar cousa alguma no que foi irrevogavelmente deliberado na ultima Sessão.

Se algum I.·. tem a dizer alguma cousa, levanta-se, pede a palavra, e depois de te-la obtido, apresenta as suas observações que se discutem.

Se não ha quem queira fallar, os VV.·. o communição ao Ven.·. em voz alta.

O Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., com-

vidai a nossos II.·., em huma e outra columna, para que unidos a mim approvemos a prancha dos ultimos trabalhos. »

Os VV.·. repetem o annuncio.

O Ven.·. diz : « A mim, meus II.·. »

E todos applaudem na fórma costumada.

Quando ha II.·. visitantes, só devem ser introduzidos depois da leitura da prancha ; para que se esta contiver algumas correcções fraternaes contra algum ou alguns II.·., ou que esta prancha contenha alguma contestação, ou finalmente que nella se trate de alguma materia que deva ficar reconcentrada entre os II.·. da Loja, os Visitantes ignorem tudo.

Se ha visitantes na Sala dos Passos-Perdidos, o I.·. Mestre das Ceremonias o communica em voz baixa ao I.·. 2° Vig.·., o qual bate para chamar a attenção ; e depois adverte em voz baixa ao I.·. 1° Vig.·., que bate tambem ao que responde o Ven.·.

O 1° Vig.·. diz : « Venerabilissimo, na Sala dos Passos-Perdidos ha II.·. que desejão ser admittidos a nossos trabalhos. »

O Ven.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., convidai ao I.·. 1° Experto a que se informe quem são estes II.·. : lhes peça seus nomes, o de suas Lojas, e seus diplomas, e os examine nos trabalhos do gráo. »

O I.·. 2° Vig.·. encarrega o I.·. Experto desta Commissão. Este sahe, e interroga a todos os I.·. Visitantes, hum apoz outro em particular : toma os seus nomes por escrito, o de suas Lojas, e traz comsigo os seus diplomas.

Bate á porta por meio da bateria do gráo ; o I.·. Cobridor responde-lhe da mesma maneira, e o Experto replica igualmente. O I.·. Cobridor adverte o 1° Vig.·., que o diz em voz alta ao Ven.·., depois de ter batido huma só pancada de malhete.

O Ven.·. diz : « Meu I.·. fazei ver quem bate ; se fôr Membro da Loja franqueai-lhe a entrada, depois que tiver dado as palavras de *passe* e *ordem*. »

O 1° Vig.·. repete esta ordem ao I.·. Cobridor ; o I.·. Cobridor abre a porta, introduz o I.·. Experto, se foi elle quem bateu, e fecha

a porta; se he hum Membro da Loja, o I.·. Cobridor adverte o 2º Vig.·., que diz em alta voz:

« He o I.·. (tal).... Venerabilllisimo. »

O que entra deve dar os tres passos de Aprendiz, pôr se á ordem entre os dous VV.·., e esperar que o Ven.·. o mande tomar assento.

Se he o I.·. Experto, colloca-se entre os dous VV.·.; pede a palavra, e depois de a ter obtido, dá conta da sua Commissão, e apresenta os diplomas ao Mestre de Ceremonias que os leva ao Ven.·.

Deve se pedir aos II.·. Visitantes que assignem os seus nomes em papel separado, para que se possão conferir estas assignaturas com os nomes escritos nos diplomas.

Se não ha difficuldades, o Ven.·. ordena que se lhe dê entrada. Logo que entrão no Templo, o I.·. Experto lhes ede a palavra *annual*, que dão em voz baixa: para recebelos, todos os II.·. estarão em pé, e á ordem.

Depois de introduzidos, o Ven.·. lhes dirigirá a palavra para testemunhar-lhes o prazer que experimentão os II.·. com as suas visitas; convida os a que tomem os seus lugares nas

columnas para onde o Mestre de Ceremonias os conduz.

Se entre os II.·. Visitantes ha Veneraveis de Lojas Deputação de Loja, hum dos tres grandes Officiaes da ordem, ou qualquer outro Official em exercicio no G.·. O.·., serão introduzidos da maneira seguinte:

Para hum Veneravel, ou Deputacão de Loja, ou para hum Official do G.·. O.·., deputar se-ha para recebe-los á porta do Templo, tres II.·. precedidos pelo M.·. de C.·. serão recebidos com a espada na mão.... Para o Grande Ven.·. do G.·. O.·. de França, a Deputação será composta de nove Membros, precedidos pelo M.·. de C.·.

Para hum Grão Mestre de hum Oriente Estrangeiro, sete II.·.

Quando estes II.·. estiverem entre os VV.·., (e no acto da sua introducção) o Ven.·. e os VV.·. bateráõ tres vezes nove pancadas de malhete, depois do que o Ven.·. baterá huma mais forte para obter o silencio; o Ven.·. lhes dirigirá hum cumprimento de felicitação em nome da Loja, sobre o favor que recebe delles

e os convidará para que tomem lugar ao Oriente, para onde o M.·. de C.·. os conduzirá. Os II.·. que os acompanhão formaráõ a abobeda de aço; os outros II.·. estaráõ em pé á ordem, e com a espada na mão.

O Ven.·. só offerecerá o malhete aos tres Grandes Officiaes da ordem. Quando os II.·. Visitantes tiverem tomado lugar, o Ven.·. convidará os II.·. VVig.·. a que peção aos II.·. da Loja e outros, a unirem-se a elle, para applaudirem a presença destes II.·. Visitantes.

Os VV.·. annunciaráõ, e depois se applaudirá com a bateria do costume.

Se agradecem, cobrir se-ha o seu applauso por ordem do Ven.·.

Introduzir-se-hão por ultimo os II.·. distinctos pelas suas qualidades Maçonicas, ou pelas suas dignidades na ordem, de maneira que o mais qualificado seja o derradeiro.

Acabado o ceremonial, o Ven.·. dirá:

« Assentemo-nos, meus II.·. »

O que será repetido pelos VV.·.; e depois o Ven.·. ajuntará:

« Meus II.·. por dous scrutinios unanimes admittisteis ao Profano N.·. para ser iniciado em nossos A.·. Mys.·.; se não ha opposição, testemunhai o vosso consentimento da maneira costumada. »

Os VV.·. repetem o annuncio.

Todos os II.·. em signal de approvação extendem a mão, e a deixão cahir sobre os aventaes.

Se houver nova opposição, deve ser discutida.

Se a não ha, o Ven.·. diz :

« I.·. Mestre de Ceremonias, fazei advertir pelo I.·. Examinador ao I.·. Preparador, que a Loja espera lhe dê conta da Commissão de que o encarregou. »

O I.·. Preparador sendo advertido, bate á porta da maneira que já foi detalhada, e que se observa em todas as circunstancias, e dá conta das disposições do Candidato, entregando ao I.·. M.·. de C.·., que o leva ao Ven.·. o papel em que se achão escritas as tres questões propostas, e as respostas por elle feitas.

O Ven.·. diz : « I.·. Preparador, ide pôr o

Recipiendario no estado que manda a nossa liturgia, e fazei-me entregar a sua espada (se a tem) e seus metaes. »

Durante a preparação o Ven.·. lê em voz alta as respostas que o Recipiendario deu ás questões que lhe forão propostas.

Se o adepto tardar muito o Ven.·. fará ler os Regulamentos da Loja; mas esta leitura deve ser interrompida á primeira pancada de malhete.

O I.·. Preparador irá no em tanto ter com o adepto: lhe fará algumas observações sobre a importancia dos passos que vai dar: e quando vir que está firme em sua resolução, cessará de fallar-lhe, affectará mesmo o maior silencio, não respondendo de sorte alguma ao que lhe perguntar.

Então o fará sahir da Camara das Reflexões, e o porá no estado em que deve entrar em Loja isto he, com a cabeça descoberta, e os olhos vendados com o maior cuidado: deve estar em mangas de camisa (1) com o braço,

(1) Se a estação fôr mui fria, poderão cobri-lo com hum capote.

e o seio esquerdos descobertos, sem ligas, o joelho direito nú, o çapato esquerdo acalcanhado; e demais não ter em si ouro ou prata, relogio, brincos, joias, ou metaes.

O I.·. Preparador virá trazer á Loja os metaes, joias, espada, etc. do Recipiendario: bate á porta da Loja, e entrega tudo ao I.·. M.·. de C.·., que as leva ao Ven.·. Depois volta para conduzir o Candidato á porta da Loja, na qual bate tres grandes pancadas irregulares.

O 2° Vig.·. bate huma só vez, e diz ao 1° Vig.·.: « Batem profanamente á porta do Templo. »

O 1° Vig.·. bate da mesma maneira, e annuncia ao Ven.·., que bate huma pancada, e diz: « Vêde quem assim bate. »

O 1° Vig.·. diz ao 2°, este ao I.·. Cobridor, que abre hum pouco a porta, e pergunta em tom rispido, quem bate assim?

O I.·. Preparador ou Experto, sem largar o adepto, diz:

« He hum Profano que quer ser Maçon. »

O I.·. Cobridor fecha a porta repentina-

mente, annuncia ao 2° Vig .·., este ao 1°, e este ultimo ao Ven .·.

Nota. He necessario absolutamente observar todas estas formalidades para augmentar o embaraço do Recipiendario.

O Ven .·. diz :

« Perguntai-lhe seu nome, seus prenomes, sua idade, sua Patria, sua qualidade, e sua habitação actual ? Perguntai-lhe o que quer de nós, e qual he sua vontade ? »

O I .·. Cobridor abre hum pouco a porta, e faz todas estas perguntas.

O I .·. Preparador responde a ellas, e o I .·. Cobridor as transmitte ao 2° Vig .·., este ao 1° Vig .·., que o diz em alta voz ao Ven .·.

O Ven .·. diz : « Fazei-o entrar. »

Immediatamente as portas se abrem com estrepito, parecendo que se abrirão muitos ferrolhos : o I .·. Preparador traz o Recipiendario pelas mãos ; leva-o para perto dos dous VV .·. ; as portas tornão-se a fechar com grande bulha, e neste instante o I .·. Preparador diz : « Ei-lo aqui, não respondo mais por elle. »

Os II.·. VV.·., sem largarem os malhetes, deixão os seus lugares, se aproximão do Profano, pegão-lhe cada hum em huma de suas mãos; e depois de alguns instantes de silencio, o 1º Vig.·. diz:

« Venerabilissimo, eis o Profano. »

O Ven.·. diz: « Senhor, as primeiras qualidades que se exigem para ser admittido entre nós, e sem as quaes não se póde ser iniciado em nossos Mysterios, são: a maior sinceridade, huma docilidade absoluta, e huma constancia a toda a prova. Pelas vossas respostas ás questões que vou fazer-vos, julgaremos o que devemos pensar a vosso respeito. »

P. Qual he o vosso intento vindo aqui?

Quem vos trouxe, ou aconselhou tal?

A curiosidade não teve grande parte neste intento?

O Ven.·. espera as respostas do Profano, e lhe faz objecções analogas ao genero de seu espirito, e caracter conhecido.

P. Que idéa fazeis da Maçoneria?

Respondei com franqueza sobre tudo com verdade.

(Esperão-se as respostas.)

P. Estais prompto a soffrer as provas por que deveis passar ?

(Espera-se a sua resposta.)

P. Sabeis as obrigações que entre nós se contractão ?

Quem vos trouxe aqui ?

Sabeis se quem aqui vos trouxe era Franco-Maçon ?

Não vos disse, ou não vos prevenio elle sobre o que fazem os Francos-Maçons ?

Como podeis desejar saber, o que me dizeis não conhecer ?

Quaes forão as reflexões que se apresentárão ao vosso espirito á vista dos objectos que observastes na Camara , em que vos encerrárão á vossa chegada ?

Que pensais do estado em que vos achais actualmente ? Que idéa formais de huma Sociedade na qual se exige que o Recipiendario seja apresentado de huma maneira tão singular ?

Respondei com verdade, porque lemos em vosso coração.

P. Não vos parece agora inconsiderada a vossa confiança, e o vosso intento?

Não temeis que abusemos do estado de fraqueza, e de cegueira a que vos deixastes reduzir? Sem armas, sem defeza, e quasi nú, entregastes-vos ao poder de possoas que não conheceis?

A cada questão o Ven.·. espera a resposta, para insistir e augmentar o embaraço, conforme responde o Profano.

Depois destas questões o Ven.·. diz: « Agora vão começar as provas indispensaveis. Se no decurso dellas vos faltar a coragem e a força necessaria para supporta-las, podeis retirar-vos: estas provas são todas mysteriosas e emblematicas; dai-lhe toda a attenção de que sois capaz. »

Depois de alguns minutos do mais profundo silencio, o Ven.·. diz: « I.·. Experto, fazei-o praticar a primeira viagem. »

Os VV.·. tomão os seus lugares.

O I.·. Experto toma as duas mãos ao Candidato, e o faz viajar a partir do Occidente, onde se acha, passando pela columna do

Norte, do Norte ao Oriente, do Oriente ao Meio-dia, e deste ao Occidente, entre os dous VV.·., onde as viagens se terminão.

O I.·. Experto durante esta viagem marchará recuando.

A primeira viagem deve ser a mais difficil; deve ser feita em passos curtos, e muito irregulares. As circunstancias do local seráõ aproveitadas para tornar esta viagem penosa, por meio de obstaculos e difficuldades dispostas com arte, sem que entretanto se empregue cousa alguma que possa ferir ou incommodar o Recipiendario, que marchará ora a passos lentos, ora apressados; obrigando-o o I.·. Experto a abaixar-se de vez em quando, como se tivesse a passar por hum subterraneo; e outras vezes a pular, como se devesse saltar hum fosso; finalmente o obrigará a marchar em zig-zag, de sorte que elle não possa julgar da natureza do terreno que percorre.

Durante esta viagem far-se-ha representar huma chuva de pedra e trovoada, a fim de imprimir em sua alma alguns sentimentos de pavor. Quando o Candidato estiver de volta

para o Occidente, o 2° Vig.∴ bate, e diz: « Venerabilissimo, a primeira viagem está feita. »

O Ven.∴ diz, dirigindo-se ao Profano: « Senhor, que tendes notado na viagem que acabais de fazer? »

Depois da resposta o Ven.∴ diz: « Esta primeira viagem he o emblema da vida humana; o tumulto das paixões, o choque dos diversos interesses, a difficuldade das emprezas, os obstaculos que se multiplicão pelas concurrencias, tudo isto figurado pelo rumor e estampido que retinio em vossos ouvidos, e pela desigualdade do terreno que percorrestes. »

O Ven.∴ diz: « Fazei o praticar a segunda viagem. »

A segunda viagem deve ser feita com passos menos lentos, e hum tanto mais largos. O Candidato deve apenas ouvir hum leve ruido de espadas que se tocão perto dos seus ouvidos. De volta ao Occidente, o I.∴ Preparador mergulhará o braço nú do adepto em hum vaso cheio de agua, collocado anteriormente no lugar competente; e depois dirá:

« Venerabilissimo, está feita a segunda viagem. »

O Ven.·. diz : « Que reflexões fez nascer esta viagem em vosso espirito ? »

Depois de qualquer resposta o Ven.·. diz : « Achastes sem duvida muito menos difficuldades nesta viagem que na primeira. Isto vos convencerá dos effeitos da constancia no seguimento do caminho da virtude : tanto mais se avança, tanto mais agradavel elle se torna. Este ruido de armas que ouvistes, figurão os combates que o homem virtuoso he sem cessar obrigado a sustentar para triumphar dos ataques do vicio. Fostes purificado pela agua; mas restão ainda algumas provas; armai-vos de coragem para bem supporta-las até ao fim. »

« I.·. Experto, que pratique a terceira viagem. »

Esta terceira viagem deve ser feita a passos largos, com liberdade, porém sem precipitação, pouco mais ou menos como se anda em passeio. Em alguma distancia do Recipiendario se sacudirá huma tocha que produza grande

chama; mas deve ter-se todo o cuidado em que ella lhe não faça damno.

Quando o Recipiendario tiver voltado do Occidente, o 2° Vig.·. bate, e diz : « Venerabilissimo, está feita a terceira viagem. »

O Ven.·. diz : « Senhor, deveis ter notado ser esta viagem ainda menos penosa que a precedente; as chamas por onde passastes são o complemento da vossa purificação : oxalá o fogo material que vos cercou, accenda para sempre em o vosso coração o amor do vosso semelhante ! Que a caridade presida a vossas palavras e acções, e não esqueceí nunca mais este preceito de huma moral sublime e commum a todas as Nações : *Não façais a outrem o que não quereis vos façāo !*

« A constancia que mostrastes em vossas tres viagens, nos faz esperar supportareis da mesma sorte as provas que tendes ainda a soffrer. Tendes constancia ? »

Depois da resposta, o Ven.·. dirá : « Senhor, huma das virtudes cuja pratica vos he mais preciosa, e a que vos aproxima mais do autor do vosso ser, he a beneficencia : os me-

taes de que vos despojárão são o emblema dos vicios. Podeis sem incommodo sacrificar em beneficio dos pobres, a quem quotidianamente soccorremos, o dinheiro e o producto das joias que vos pertencem, e me entregárão? Huma Sociedade numerosa tem os olhos fitos em vós, e espera com attenção a resposta que ides dar: sollicito hum acto de caridade, e não hum acto de ostentação. »

Nota. Se o Recipiendario não mostrar huma determinação franca e precisa, o Ven.·. fará diligencia por attrahi-lo por meio de persuasão, dirigindo-lhe hum discurso equivalente ao que se põe aqui em nota.

A caridade que vos recommendo deixa de ser huma virtude quando he feita em prejuizo de direitos mais sagrados, e mais instantes. Obrigações civis a preencher, huma familia a sustentar, filhos a educar, parentes pouco favorecidos da fortuna, eis os primeiros deveres que a natureza nos impõe; eis os credores de todo o homem que regula a sua conducta pelos principios da equidade: que pensarieis vós daquelle que quizesse parecercaridoso, antes de os ter satisfeito? Quiz vos esclarecer sobre os deveres communs a todos os homens, e volto agora á primeira proposição que vos fiz: podeis vós, sem postergar nenhum destes deveres, sacrificar em proveito dos pobres que diariamente soccorremos, todo ou parte dos metaes e joias que vos pertencem, e que tenho em meu poder?

« Respondei ? »

Se o Candidato nada quizer dar, a Loja resolverá se por outras considerações merece ser admittido.

O Ven.·. continua: « Senhor, neste momento exigimos hum juramento que nos assegure a vossa discrição : deve ser por vós escrito, e assignado com o vosso sangue. »

« I.·. Cirurgião, exercei o vosso officio. »

Prepara-se tudo para huma sangria, e quando o ligamento está posto, e o I.·. Cirurgião prompto a picar, o I.·. Conductor pede *graça.*

Então o Ven.·. diz : « Senhor, a vossa resignação nos basta neste instante; sabei por esta prova que em todos os tempos, e em todas as circunstancias deveis soccorrer vossos II.·. , e derramar, se fôr necessario, vosso sangue por elles. »

Depois desta prova, o Ven.·. diz : « I.·. M.·. de Cer.·. , apresentai ao Profano o calice da amargura. »

Depois dirigindo a palavra ao Profano, lhe diz : « Bebei o calice até o fim. »

Logo que acabou de beber (o que o I.·. M.·.

de Cer.·. adverte ao Ven.·.), o Ven.·. diz: « Senhor, a amargura desta bebida he o emblema dos desgostos inseparaveis da vida humana: só a resignação aos decretos da Providencia, os póde adoçar. »

Depois, dirigindo-se ao I.·. Experto, lhe diz: « Conduzi o Neophyto para o altar a prestar o juramento. A pé, meus II.·., á ordem, com a espada na mão. »

O I.·. M.·. de Cer.·. conduz o Recipiendario ao altar; faz-lhe pôr o joelho direito sobre huma almofada em que está traçada huma esquadria, e o joelho esquerdo levantado; mette-se-lhe na mão esquerda hum compasso aberto, apoiando-se-lhe huma das pontas sobre o peito esquerdo, (esta ponta deve ser amaçada para que não haja accidente); a mão esquerda sobre a espada, deitada diagonalmente no altar. O Ven.·. com a mão esquerda sobre a do Candidato, lhe diz: « Senhor, a obrigação que ides contrahir nada contem que atacar possa o respeito que demos ás Leis e aos bons costumes, nem á vossa adhesão, e nossa fidelidade ao Governo. »

Previno-vos que ella he terrivel, mas he indispensavel que a presteis com livre e espontanea vontade; consentis?

O Candidato deve dizer *sim*, com franqueza. Se recusasse seria necessario empregar as vias da persuasão; mas se obstinadamente o não quizesse fazer, então deixa-lo ião retirar.

Se consente, o Ven.·. lhe diz: « Repeti commigo. »

JURAMENTO.

Juro e prometto, tendo a mão posta sobre os Estatutos geraes da Ordem, e sobre a espada, Symbolo da Honra, perante o G.·. A.·. do Univ.·., guardar inviolavelmente todos os segredos que me forem confiados por esta A.·. e R.·. L.·., assim como de tudo o que ouvir e ver; de nunca escreve-los, estampa-los, e imbuti-los, sem que para isso tenha recebido permissão expressa, e da maneira que me fôr indicada. Prometto amar meus II.·., e soccorre-los conforme minhas faculdades; prometto além disto conformar-me aos estatutos e regulamentos desta A.·. e R.·. L.·.

Consinto, se perjuro fôr, em ter a garganta cortada, o coração e as entranhas arrancadas, o corpo queimado, minhas cinzas lançadas ao vento, e que a minha memoria fique em execração a todos os Maçons. Assim o G.·. A.·. do U.·. me ajude.

Depois de prestado o juramento, conduz-se o Candidato outra vez para o meio dos VV.·.

Então o Ven.·. lhe diz: « Senhor, o juramento que pronunciastes não vos causa inquietação? Tendes coragem para observa-lo? Consentireis em reitera-lo quando receberdes a Luz?

Depois que o Candidato tiver respondido *sim*, o Ven.·. dirá: « Que quereis? »

O 2° Vig.·. lhe dicta em voz baixa a resposta que deve dar o Candidato:

R. A Luz.

O Ven.·. diz: « Vós a ides ver. Meus II.·. fazei o vosso dever. »

Isto servirá para adverti-los, que devem pôr-se em pé com a espada nas mãos.

Nota. He necessario haverem neste instante algumas tochas ou archotes guarnecidos de mechas d'espirito de

vinho e cheias de pó inflammavel a que os Cirurgiões chamão *licopodium* ou *arcançon* em pó; mas este ultimo produz hum fumo espesso e acrimonioso. Estes archotes são feitos de maneira, que sacudindo-os, o pó sahe e se inflamma no espirito de vinho que arde, e produz huma intensa chamma: he necessario sacudi-las a huma distancia sufficiente do Candidato para que não lhe fação o menor mal.

A' primeira pancada de malhete, todos os II.·. se voltão para o Recipiendario; á segunda, dirigem a ponta de espada para elle...; á terceira, se lhe deixa cahir a venda dos olhos, que hum I.·. desata por detraz; he neste instque se sacodem as tochas ou archotes, tres vezes ao muito.

Depois de hum momento de silencio, para dar ao Recipendiario o tempo de considerar os objectos que o cercão, o Ven.·. diz: « As espadas que se achão voltadas para vós, annuncião que todos os Maçons correráõ em vosso soccorro em todas as circunstancias, se respeitardes a união Maçonica, e observardes escrupulosamente nossas Leis; mas tambem ellas vos annuncião que sómente achareis entre nós vingadores da Maçoneria e da virtude, sempre promptos a punirem o perjuro, se fordes criminoso. »

O Ven.∴ ajunta : « I.∴ Experto, conduzi o Neophyto. »

O Neophyto tendo o I.∴ Experto á direita, e o I.∴ M.∴ de Cer.∴ á esquerda, he conduzido por elles ao altar : ali se põe de joelhos como na primeira vez, e repete o juramento, durante o qual tem huma das pontas do compasso aberto sobre o peito esquerdo.

Depois do juramento, o Ven.∴ bate levemente tres pancadas de malhete sobre a cabeça do compasso, dizendo : « Aprendei, pela exactidão do compasso, a dirigir para o bem todos os sentimentos do vosso coração. »

O Ven.∴ tira a espada debaixo da mão do Recipiendario; colloca a lamina sobre a sua cabeça, e pronuncia a formula de recepção nestes termos :

« A' gloria do G.∴ A.∴ do U.∴, em nome do G.∴ O.∴ (tal), com ajuda de todos os meus II.∴ ausentes e presentes, em virtude dos poderes que me forão confiados por esta A.∴ e R.∴ L.∴, eu vos recebo e constituo Aprendiz Maçon. »

No mesmo instante bate sobre a lamina da

espada tres vezes tres pequenas pancadas de malhete, na fórma da bateria ordinaria.

O Neophyto se levanta, e o Ven.·. lhe diz: « Meu Irmão (porque este he o nome com que vos trataremos daqui em diante), recebei de mim o primeiro beijo fraternal, por meio do numero mysterioso de tres. »

Se a estação he fria, será bom mandar vestir o Neophyto, e no intervallo o Ven.·. fará algumas questões do Cathecismo; se a estação he quente, ou se o Recipiendario já está vestido, collocão-no entre os VV.·. e o Ven.·. diz: « I.·. M.·. de Cer.·. fazei marchar o Neophyto para o O.·. por meio dos tres passos de Aprendiz. »

Conduzem-no ao altar á direita do Ven.·., pelos tres passos de Aprendiz, ensinados pelo I.·. 1° Vig.·., que o faz subir aos primeiros tres degráos do Templo. Os passos de Aprendiz se executão lançando o pé direito para a frente, como se quizesse dar hum passo largo; depois lança se o pé esquerdo pelo meio até o calcanhar do direito, de sorte que da sua união resulte huma dupla esquadria.

O Ven.·. diz-lhe, dando-lhe o *avental* e as *luvas* de homem : « Meu I.·., este avental de que sempre vos ornareis em Loja, vos trará á lembrança incessantemente, que o homem he condemnado ao trabalho, e que hum Maçon deve ter huma vida activa e laboriosa. »

« As luvas, pela sua brancura, vos advertem da candura que sempre deve reinar na alma de hum homem de bem, e da pureza de nossas acções. »

E quando lhe dá as luvas de mulher, acrescenta : « O Bello Sexo não he admittido aos nossos mysterios ; mas rendemos homenagem ás suas virtudes, e temos prazer em recordalas nos nossos trabalhos : eis, meu I.·., hum par de luvas, que dareis á mulher da vossa maior estima.

O Ven.·. continua : « Para ser admittido em nossas Sessões, e participar dos laços que nos une em toda a terra, he neccessario poder fazer-vos conhecer. Vou ensinar-vos os sinaes, toques, e palavras por meio das quaes nos reconhecemos, e somos acolhidos por todos os Maçons em qualquer lugar do mundo em que nos achemos. »

(Dá-se-lhe a palavra do *grão*).

« Temos igualmente huma palavra de *passe*, que serve para certificar nos ainda mais particularmente de que, aquelle que se apresenta he Maçon.

« Temos tambem huma palavra de *ordem* ou *annual*, que o G.·. O.·. renova todos os annos. O uso que ireis adquirindo entre nós, vos tornará todas estas cousas familiares, ensinando-vos que fazemos tudo em esquadria, e que o numero tres he entre nós mysterioso.

« O sinal de Aprendiz se faz, levando a mão direita aberta á garganta, de sorte que o pescoço fique entre o index e o dedo polegar; o cotovello ficará na altura da mão, o que forma huma linha horisontal; tira se depois a mão na mesma direcção, e deixa se cahir perpendicularmente: destes dous movimentos, hum horisontal, e outro vertical, resultará huma esquadria.

« Este sinal recorda o juramento que demos, de ter antes a garganta cortada, que revelarmos nossos mysterios.

« O toque se faz dando-se mutuamente a mão, de sorte que os quatro dedos de cada hum estejão na palma da mão do outro, e collocão-se os polegares sobre a primeira phalange; então bate-se (ou antes se faz sentir por hum movimento invisivel) tres pancadas com o polegar sobre a juntura, duas precipitadas e huma lenta, que se póde representar por esta figura oo, o.

« A palavra sagrada he..... Vós vedes a primeira letra sobre a columna do Norte. Quando vos pedirem esta palavra, respondei : só a darei soletrada ; dai-me a primeira letra, dar vos-hei a segunda.

« Esta palavra significa *minha força está em Deos*.

« A palavra do *passe* he.... he este o nome do primeiro obreiro de metaes. »

« A palavra da *ordem* ou *annual*, he.... »

Nota. Os II.·. Serventes nunca devem saber a palavra *annual*.

O Ven.·. dá depois ao Neophyto o beijo fraternal por tres vezes.

Depois diz ao I.·. M.·. de Cer.·. : « Conduzi

o I.·. para o Occidente, a fim de aprender a trabalhar sobre a pedra bruta, e fazer-se reconhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·., dando-lhes os toques, palavras, e signaes que acabei de communicar-lhe. »

O I.·. M.·. de Cer.·. o conduz aos II.·. 1° e 2° VV.·., aos quaes dá as palavras, toques e signaes; depois o I.·. 2° Vig.·. lhe faz dar tres pancadas de malhete sobre a pedra bruta.

Os II.·. VV.·. annuncião que o Neophyto deu as palavras toques e signaes. O Recipiendario conserva-se entre os dous VV.·. em pé, e á ordem.

O Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. que condecorão as vossas columnas, a reconhecerem para o futuro ao I.·. N.·. na qualidade de Aprendiz Maçon desta R.·. L.·., e para que unidos a mim, applaudamos á sua iniciação. »

Os VV.·. fazem o annuncio.

O Ven.·. diz : « Applaudemos, meus II.·. »

Applaude-se na fórma do costume

O M.·. de Cer.·. pede a palavra em nome do

Recipiendario, o ensina a agradecer, e applaudem juntos.

O Ven.∴ faz cobrir estes applausos.

Assim se acabão os trabalhos da iniciação; todos mettem a espada na bainha, e se assentão.

O I.∴ Orador depois de ter pedido a palavra ao Ven.∴, dirige ao I.∴ novamente iniciado alguma peça de architectura, cujo thema deve ser algum ponto de moral sobre a união fraternal, sobre a igualdade, sobre os deveres do homem, sobre o esquecimento das injurias, ou outro objecto de moral a que dê preferencia.

Terminada a leitura, o Ven.∴ passará á instrucção, durante a qual o I.∴ 2° Vig.∴ acompanha o I.∴ de novo iniciado para perto do quadro, que, como ja disse, deve estar collocado no assoalho, e com a ponta da espada lhe indica as figuras, de que o Ven.∴ lhe explica os emblemas.

Acabada a instrucção, o I.∴ M.∴ de Cer.∴ conduz o I.∴ iniciado ao topo da columna do Norte, ondo toma lugar por esta vez sómente.

Os II .·. devem collocar-se promiscuamente, e sem outra preeminencia que a dos gráos.

Se não ha outros trabalhos, o Ven .·. fecha a Loja, segundo a formula já indicada.

INSTRUCÇÃO.

P. I .·. 1° Vig .·., sois Maçon ?

R. Todos os meus II .·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever de hum Vig .·. em Loja ?

R. He saber se a Loja está bem coberta.

« Certificai vos, meu I .·. »

Depois de preenchidas as formalidades prescritas na abertura da Loja, o Ven .·. diz :

P. O que he hum Maçon ?

R. He hum homem livre, igualmente amigo do pobre e do rico, se são virtuosos.

P. Que viemos nós fazer em Loja ?

R. Vencer as paixões, submetter nossas vontades, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Onde fostes recebido ?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Que he necessario a huma Loja para que seja justa e perfeita?

R. Tres a governão, cinco a compoem, e sete a fazem justa e perfeita.

P. Desde quando sois vós Maçon?

R. Desde que recebi a Luz.

P Como reconhecerei que sois Maçon?

R. Pelos meus toques, palavras, e signaes.

P. Como se fazem os signaes Maçonicos?

R Por esquadria, nivel, e perpendicular.

P. Dai-me o signal de Aprendiz?

R. (Elle o dá).

P. Que significa este signal?

R. Que preferirei ter a garganta cortada, a revelar os segredos dos Maçons.

P. I.·. 2° Vig.·. dai os *toques* ao I.·. 1° Vig.·.

R. O I.·. 1° Vig.·. diz: « Está justo, Venerabilissimo. »

P. Dai-me a palavra.

R. Não devo ler ou escrever; só posso soletrar: dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. *Minha força está em Deos:* era este o nome de huma columna d'aço collocada ao Septentrião do Templo de Salomão, onde os Aprendizes recebião o seu salario.

P. Dai me o *passe* d'Aprendiz?

R. (Elle o dá.)

P. Que significa elle?

R. Era este o nome do filho de Lameth, inventor da arte de trabalhar os metaes.

P. Porque desejastes ser Maçon?

R. Porque estava nas trevas, e desejava ver a luz.

P. Quem vos apresentou em Loja?

R. Hum amigo virtuoso que depois reconheci ser meu irmão.

P. Em que estado estaveis quando vos apresentárão em Loja?

R. Nem nú, nem vestido, mas desprovido de todos os metaes.

P. Porque vos puzerão em tal estado?

R. Nem nú, nem vestido para nos representar o estado de innocencia, e para nos fazer lembrar que a virtude não necessita de ornamentos; desprovido de metaes, porque elles

são o emblema e quasi sempre a origem dos vicios que todo o Maçon deve evitar.

P. Como vos introduzirão em Loja ?

R. Por tres grandes pancadas ?

P. Que significão estas tres pancadas ?

R. *Pedi*, recebereis; *procurai*, achareis; *batei*, abrir-vos-hão.

P. Qual foi o resultado destas tres pancadas ?

R. Hum Experto, que me perguntou meu nome, meus prenomes, idade, patria, e se era minha vontade ser Maçon.

P. Que fez de vós o I.·. Experto ?

R. Introduzio-me em Loja entre os dous VV.·., e me fez viajar como Aprendiz Maçon, a fim de mostrar-me as difficuldades que se encontrão para ser Maçon

P. Que vos aconteceu depois ?

R. O Ven.·. com o consentimento unanime de todos os II.·., me recebeu Maçon.

P. E como vos recebeu elle ?

R Com todas as formalidades do costume.

P. Quaes são estas formalidades ?

R. Tinha o joelho direito nú sobre a esqua-

dria; a mão direita sobre a espada; na esquerda tinha hum compasso aberto em esquadria, com huma das pontas dirigida ao peito esquerdo que estava nú.

P. Que fizestes nesta postura?

R. Prestei juramento de guardar os segredos da Ordem.

P. Que vistes quando vos introduzirão em Loja?

R. Nada, Venerabilissimo.

P. E que vistes quando vos derão a Luz?

R. Vi o Sol, a Lua, e o Ven.·. da Loja.

P. Que relação póde haver entre estes astros, e o Ven.·. da Loja?

R. Assim como o Sol preside ao dia, a Lua á noite, assim o Ven.·. preside á Loja para illumina la.

P. Onde está o Ven.·. da Loja?

R. No Oriente.

P. Porque?

R. Assim como o Sol nasce no Oriente para dar principio ao dia, assim o Ven.·. está no Oriente para abrir a Loja, illuminar os trabalhos, e pôr os obreiros em andamento.

P. Onde estão os VV.·. ?

R. No Occidente.

P. Porque ?

R. Para ajudar o Ven.·. em seus trabalhos, pagar aos obreiros, e despedi-los contentes.

P. Onde estão os Aprendizes ?

R. No Septentrião, porque só podem supportar huma luz fraca.

P. Como se chama esta Loja ?

R. A Loja S. Joao.

ENCERRAMENTO.

P. Que idade tendes?

R. Tres annos.

P. A que horas costumão os Maçons acabarem os seus trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. Meia noite, Venerabilissimo.

« Pois que he meia noite, hora em que os Maçons costumão acabar seus trabalhos. II.·. 1º e 2º VV.·., convidai aos II.·. de huma e outra columna, para que unidos a mim, me ajudem

a encerrar os trabalhos de Aprendiz na A.·. e R.·. L.·. (tal) ao Or.·. (tal). »

Os VV.·. annuncião.

Depois do annuncio o Ven.·. dá tres pancadas de malhete da bateria costumada. Cada Vig.·. bate outras tantas, e nesse momento todos os II.·. se levantão, e se poem á ordem.

O Ven.·. diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o signal de Aprendiz, e terminão-se os trabalhos pela triplice bateria, e o triplice viva!

TRABALHOS DO BANQUETE.

A mesa do Banquete, deve ter, quanto ser possa a figura de huma ferradura, e a sala deve ser disposta de sorte que exteriormente nada possa ver-se ou ouvir-se. O lugar do Ven.·. he no ponto central exterior da mesa, e a dos Vig.·. nas extremidades.

O I.·. Or.·. se colloca á testa da Columna do Meio dia, o I.·. Secretario á testa da do Norte: O Oriente he occupado pelos II.·. visitantes, ou pelos Officiaes da Loja, se não ha visitantes.

Excepto os cinco Officiaes que acabão de designar-se, pessoa alguma tem lugar distincto, excepto no caso de assistirem ao banquete visitantes condecorados em gráos superiores, occupando o Oriente: os outros visitantes seráõ collocados em frente das columnas.

O pão se chama	*Pedra bruta.*
O vinho.....	*Polvora forte, branca ou vermelha.*
As garrafas....	*Barricas.*
A agua.....	*Polvora fraca.*
Pratos.....	*Telhas.*
Dit' s travessas..	*Bandejas.*
Velas acesas...	*Estrellas.*
Colheres.....	*Trolhas.*
Garfos.....	*Alviões.*
Facas	*Espadas.*
Guardanapos...	*Bandeiras.*
Copos.....	*Canhões.*
Licores.....	*Pó fulminante.*

Depois que todos tomão o seu lugar, fica ao arbitrio do Ven.∴ fazer a primeira saude

antes de principiar a comer-se, ou esperar para depois da sopa, ou em qualquer outra occasião que julgar a proposito. Quando quer fazer a primeira saude, bate huma pancada de malhete; e immediatamente os II ∴ Serventes sahem do interior da ferradura, e se retirão para o Occidente (o mesmo se pratica em todas as saudes), todos os II ∴ cessão de comer: o I ∴ M ∴ de Cer ∴ he quasi sempre o unico que fica no interior da mesa, e defronte do Ven ∴, para estar mais ao alcance de receber as ordens, e faze-las executar; algumas vezes se põe em huma pequena mesa entre os dous VV ∴

O I ∴ M ∴ de Cer ∴ se levanta, e o Ven ∴ diz: « II ∴ 1° e 2° VV ∴ certificai-vos se vossos trabalhos estão bem cobertos. »

Cada hum dos VV ∴ certificão-se da qualidade Maçonica de todos os individuos que estão na sua columna, lançando sobre elles os olhos, e reconhecendo-os por Maçons.

O 2° Vig ∴ diz ao 1° Vig ∴: « Respondo pela minha columna. »

O 1° Vig ∴ diz: « Venerabilissimo, o I ∴

2° Vig.·., e eu, respondemos pelos II.·. que estão nas nossas columnas. »

O Ven.·. diz: « Respondo por aquelles que estão no Oriente. I.·. Cobridor, fazei o vosso officio. »

Durante este tempo, os II.·. se decorão com as suas insignias, sem que seja necessario o *avental*.

O I.·. Cobridor tira a chave da porta, que fecha, e desde este instante ninguem póde sahir ou entrar.

O 2° Vig.·. adverte ao 1°, que os trabalhos estão cobertos; este o communica em voz alta ao Ven.·., que bate huma pancada de malhete, e diz: « Meus II.·., os trabalhos suspensos tomão novo vigor. »

Nota. Se antes de passar-se ao banquete, se houverem fechado os trabalhos, torna-se de mister abri-los de novo.

Os II.·. 1° e 2° VV.·. repetem o annuncio, e depois o Ven.·. diz: « A' ordem meus II.·. »

Primeira Saude.

Depois o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. de huma e outra columna

para que se disponhão a *alinhar* e *carregar* para a primeira saude de obrigação. »

Os II.·. VV.·. repetem o annuncio.

O Ven.·. diz : « Carreguemos e alinhemos, meus II.·. »

Nota (He neste instante que se deve pegar nas barricas, aliás haverá confusão nos trabalhos). Cada hum enche o seu canhão, e bebe como lhe apraz ; se alguem por dieta, ou por gosto bebe sómente agua, ninguem o deve contrariar ; e á medida que cada hum enche o seu canhão (copo), o colloca hum pouco á direita da telha (prato), distante da borda da mesa, pouco mais ou menos o diametro da telha : por este meio os canhões ficão alinhados em hum instante.

Perfilão-se da mesma sorte as barricas, e as estrellas em segunda linha.

Quando tudo estiver alinhado sobre a columna do Norte, o 2° Vig.·. o adverte ao 1° Vig.·., que diz ao Ven.·. : « Tudo esta alinhado nas duas columnas, Venerabilissimo. »

O Ven.·. diz : « O Oriente está igualmente alinhado : a pé, á ordem, e espada na mão. »

Todos se levantão com o guardanapo sobre o ante-braço ; os II.·. decorados d'altos gráos, o poem sobre o hombro ; a espada na mão (se têem espadas), ou huma faca na mão esquerda.

e está se á ordem com a direita. (Se a mesa he huma ferradura, os II.·. que estão no interior ficão assentados).

O Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas que a primeira saude de obrigação he a de S.·. M.·. Imperial e a da Sua Augusta Familia, á qual juntaremos nossos votos pela prosperidade das suas armas. He esta huma saude tão preciosa para nós, que vos convido a fazer o melhor fogo possivel. »

Os II.·. 1° e 2° VV.·. repetem o annuncio, e o Ven.·. diz : « Attenção, meus II.·., armas na mão : apontar : fogo ! (Bebe-se, repete-se, e o canhão á frente). Bom fogo ! (Bebe-se, etc.) O mais vivo de todos os fogos ! (Bebe-se o canhão deve estar pouco mais ou menos na altura do queixo, e contra o hombro). Armas á frente : hum, dous, tres ! (Nestes tres tempos leva-se o canhão para o peito esquerdo ; depois para a direita, e frente). « Hum, dous, tres ! » (Repetem-se pela terceira vez). A' pancada de tempo, á frente, espera-se a ordem do Ven.·., que faz a advertencia de assentar os canhões por tres tempos, dizendo : « Hum,

dous, tres ! » (Neste ultimo tempo todos os canhões devem bater sobre a mesa hum só tempo unisono). Depois applaude-se pela triplice bateria, e o triplice viva !

Depois disto o Ven.·. diz : « Tomemos os nossos lugares, meus II.·. »

Annuncio que repetem os VV.·.

Em quanto os trabalhos estão em vigor, he permittido continuar a comer, mas em silencio.

Segunda Saude.

Algumas vezes, e he isto mesmo o mais conveniente para a commodidade de todos, e não ser interrompido o serviço, o Ven.·. ordena a segunda saude, immediatamente á primeira.

Se não julga conveniente faze-las seguidamente, he necessario suspender os trabalhos.

Se o Ven.·. suspende os trabalhos antes de propôr a segunda saude, deve pô-los de novo em andamento ; se se conservão, deve ordena-la em seguimento da primeira, e dirá : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. em huma e outra columna a que se disponhão a

alinhar e carregar para a segunda saude de obrigação. »

Os II.·. VV.·. repetem o annuncio.

O Ven.·. diz : « Carreguemos e alinhemos, meus II.·. »

Quando estiver tudo alinhado e carregado como acima, os VV.·. o annuncião ao Ven.·., que diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., a segunda saude de obrigação que tenho a propôr, he a do G.·. O.·. (tal), de todos os Officiaes que o compoem, dos Ven.·. das Lojas regulares, e de seus Deputados ao G.·. O.·., das Lojas correspondentes, e dos Orientes Estrangeiros : finalmente unir-lhe-hemos os votos que fazemos pela prosperidade da Ordem em geral : convidai aos II.·. em huma e outra columna a unirem-se a mim para fazermos todos o fogo o mais Maçonico, e o mais fraternal. »

Os VV.·. repetem ; faz-se a saude, e applaude se como na primeira.

Se se fez a saude de alguns dos II.·. presentes, como Official do G.·. O.·., Ven.·. de Loja Maçonica. Regular, ou Deputado de Loja, não devem estes acompanhar essa saude, pôr-se

em pé, ou assentar-se; mas quando se terminão os applausos, pedem permissão para reunidos agradecerem, e hum delles falla em nome de todos. Durante este agradecimento, os II.·. estaráõ levantados.

Se depois de terem respondido á saude, applaudem, a Loja cobrirá este applauso com ordem do Veneravel.

Quando está tudo acabado, o Ven.·. bate huma pancada de malhete, e diz: « Assente-me-nos, meus II.·. »

Então fica a seu arbitrio suspender os trabalhos, ou deixa-los em vigor.

Terceira Saude.

No momento que os VV.·. julgão a proposito, sobre tudo em occasião em que não haja mudanças de cobertas, o 1° V.·. bate huma pancada de malhete, que repete o 2°, e depois o Ven.·. que diz immediatamente: « Que quereis, meu Irmão? »

O 1° Vig.·., se os trabalhos estão suspensos, roga ao Ven.·. os ponha em vigor; o que elle faz nestes termos: « Meus II.·., á requisição

do 1° Vig.·., os trabalhos suspensos tomão seu vigor. »

Os VV.·. repetem este annuncio.

Depois disto o 1° Vig.·. bate huma pancada de malhete repetida pelo 2°, depois pelo Ven.·., e diz : « Venerabilissimo tende a bondade de fazer alinhar e carregar para huma saude que o I.·. 2° Vig.·., o I.·. Orador, e eu, vamos ter a honra de propôr-vos. »

O Ven.·. fará carregar e alinhar, como nas precedentes saudes ; e quando está informado de achar-se tudo em regra, diz : « I.·. 1° Vig.·., podeis propôr o vosso brinde. »

O I.·. 1° Vig.·. dirá : « A' vossa saude, Venerabilissimo. Em pé e á ordem, espada na mão, meus II.·. Meus II.·., a saude que o I.·. Orador, o 2° Vig.·., e eu, temos a honra de propôr-vos, he a do Venerabilissimo, que dirige os trabalhos desta A.·. e R.·. Loja, e de tudo quanto lhe pertence. Convidamos a todos os II.·. para fazermos o melhor fogo possivel. »

O 2° Vig.·. repete, dizendo : « A saude que o I.·. 1° Vig.·., o I.·. Orador, e eu, etc. »

O Orador repete o mesmo.

O I.·. 1° Vig.·. diz : « A mim, meus II.·. » e manda o exercicio, ou entrega o commando ao 2° Vig.·., como julga conveniente; faz dar os applausos, e os vivas !

Durante esta saude o Ven.·. fica assentado, porém todos os II.·. estarão em pé, e á ordem. Depois do Ven.·. ter agradecido, o 1° Vig.·. diz : « A mim, meus II.·. » e faz cobrir os applausos. Cada hum toma então o seu lugar.

O Ven.·. suspende os trabalhos quando julga a proposito, ou os deixa em vigor.

Quarta Saude.

Algum tempo depois, o Ven.·. põe os trabalhos em vigor, se o não estão, faz carregar e alinhar para nova saude.

Quando tudo está prompto, propõe hum brinde aos 1° e 2° VV.·. O I.·. Orador, e o I.·. Secretario repetem o annuncio.

O Ven.·. propõe esta saude. Todos os II.·. ficão sentados, excepto os VV.·., que depois do brinde agradecem, fallando só o 1° Vig.·.

O Ven.·. faz cobrir os applausos.

Quinta Saude.

O Ven.·. ordena depois, no momento que julga opportuno, a saude dos II.·. Visitantes; durante esta saude os Visitantes estaráõ em pé: hum delles agradece em nome de todos, e o Ven.·. faz cobrir os applausos.

Fará parte desta quinta saude a das Lojas correspondentes, ou filiadas; mas se não houverem visitantes ou Lojas correspondentes, desligar-se-ha da sexta saude a dos Officiaes da Loja. O Orador pedirá a palavra para agradecer.

Nota. Depois da saude aos II.·. Visitantes, se algum dos II.·. quer cantar, ou ler huma peça de architectura, o póde fazer pedindo a palavra.

He mesmo a proposito cantar-se alguns desses canticos moraes feitos sobre os fins da Maçoneria, e que, cantados em coro, levão á alma huma doce emoção, celebrando-se os prazeres e vantagens da União Maçonica.

Sexta Saude.

A saude dos II.·. Officiaes e Membros da Loja, e a dos II.·. novamente iniciados, se os houverem.

Esta saude he só feita pelo Ven.·., os VV.·.: e os II.·. Visitantes, se os ha. Os Officiaes e Membros da Loja agradecem em pé. O I.·. Orador pedindo a palavra pelos Officiaes, e o mais antigo Membro pelos seus collegas, e hum dos Iniciados, se os ha, pelos outros.

Setima e ultima Saude.

Finalmente o Ven.·. pede ao M.·. de Cer.·. que introduza os II.·. Serventes, e estes traráõ comsigo os seus canhões e bandeiras.

Entrados e collocados ao Occidente entre os dous VV.·., o Ven.·. dá huma pancada de malhete, e convida a alinhar e carregar para a ultima saude de obrigação.

Os II.·. VV.·. dão cada hum a sua pancada de malhete, e fazem o mesmo annuncio.

O Ven.·. diz: « Carreguemos e alinhemos, meus II.·. »

Cada hum carrega e alinha.

Depois que o Ven.·. he avisado de achar-se tudo prompto, dirá: « Em pé, á ordem e espada na mão. »

Todos se levantão, dão se mutuamente os

extremos dos guardanapos á direita e á esquerda, pegando se-lhe com esta ultima, o que não impede de ter nella segura a espada: os II.·. Serventes formão com os VV.·. a mesma cadêa, estando o M.·. de Cer.·. no meio delles.

Então o Ven.·. dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., a derradeira saude de obrigação he a dos Maçons espalhados em toda a terra, tanto na prosperidade, como na adversidade. Dirijamos nossos votos ao G.·. A.·. do U.·., para que soccorra os desgraçados, e conduza os viajantes a bom porto. Convidai os II.·. em huma e outra columna a unirem-se a nós para fazer-mos esta saude com o melhor de todos os fogos. »

Os VV.·. repetem.

Então o Ven.·. entôa a canção de encerramento que he repetida em coro.

Depois da cantoria, o Ven.·. dirá: « Attenção, meus II.·.: Armas na mão! hombro armas! apontar! fogo! bom fogo! triplice fogo! armas á frente! (Repetem-se tres vezes os dous ultimos versos). Hum, dous, tres! hum, dous, tres! á frente! hum, dous, tres!

Applaude-se, e canta-se tres vezes o ultimo estribilho.

O Ven.·. bate huma pancada de malhete, que os VV.·. repetem, e depois diz :

P. I.·. 1° Vig.·., que idade tendes ?

R. Tres annos, Venerabilissimo.

P. A que hora usamos acabar nossos trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são, I.·. 2° Vig.·. ?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc. » (como no encerramento dos trabalhos d'Aprendiz).... He hum uso louvavel dar o beijo fraternal antes de separar-se. O Ven.·. dá o beijo fraternal ao seu visinho, que lhe he retribuido pela esquerda.

O Ven.·. manda fazer a leitura dos trabalhos do Banquete. Pede a opinião dos assistentes, e applaude-se ; depois faz perguntar se não ha proposições interressantes ao bem geral da Ordem, e da Loja em particular

Se ha algumas, são escutadas e resolvidas,

se são breves ; se não, ficão adiadas para a 1ª Sessão.

O Ven.·. dá tres pancadas de malhete, e diz: « Os trabalhos estão acabados, retiremo-nos em paz »

Os VV.·. repetem.

Todos tirão as insignias e despedem-se.

VENERAVEL.

SEGUNDO GRÁO,

OU

Grão de Companheiro.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Companheiro.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Nenhum Aprendiz póde ser admimittido ao grão de Companheiro sem ter acabado o seu tempo, que será de cinco Sessões de instrucção na Officina aonde tiver visto a Luz : he demais necessario que tenha a idade marcada pelos regulamentos, que he 25 annos completos.

Todo o Aprendiz que crer reunir as qualidades necessarias para ser elevado ao grão de Companheiro, o pedirá em particular ao I.·. 2° Vig.·. da columna, e sob a inspecção do qual trabalhou desde a sua recepção.

Na occasião em que os trabalhos o permitti-

rem, o 2° Vig.·. dirá: « Venerabilissimo, o I.·. N.·., Aprendiz desta A.·. e R.·. L.·. me rogou pedisse-vos por elle o favor de ser elevado ao Gráo de Companheiro. »

O Ven.·. fará pôr o Aprendiz entre os dous VV.·., onde soffrerá hum exame de instrucção sobre o 1° Gráo; depois do que o Ven.·. lhe mandará cobrir o Templo.

Depois de ter sahido o Recipiendario, o Ven.·. dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. em huma e outra columna a que nos communiquem as suas reflexões sobre o pedido do I.·. N.·. »

Nota. Terminadas as observações (todos os II.·., sem exceptuar os Aprendizes, as podem fazer), o Ven.·. ordenará aos Aprendizes que cubrão o Templo. Depois que estes se retirarem, o Ven.·. abrirá os trabalhos da maneira que ha de ser detalhada brevemente.

Abertos os trabalhos, o Ven.·. dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, que o I.·. N.·., Aprendiz desta A.·. e R.·. L.·. está proposto para ser admittido ao Gráo de Companheiro, e convidai os nossos II.·. a que apresentem as suas observações. »

O I.·. 1º Vig.·. diz : « I.·. 2º Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, etc. »

O I.·. 2º Vig.·. repete o annuncio.

A Loja, então composta só de Mestres e Companheiros, apreciará as observações que tiverem feito os Aprendizes, ou ouvirá as que se apresentarem de novo. Poder-se-ha adiar a proposição para outro dia, se a brevidade do tempo, a natureza; e a urgencia dos trabalhos subsequentes não permittirem madura discussão, ou se houverem a tomar-se ulteriores esclarecimentos. Se se resolve deliberar se immediatamente, o I.·. Orador concluirá propondo a admissão, ou huma espera, o I.·. M.·. de C.·. distribuirá o scrutinio; hum I.·. Experto o recolherá, e o levará ao Ven.·., que, em presença de hum outro Experto, contará as esferas, e annunciará o resultado do scrutinio na forma usada, repetida pelos VV.·.

São necessarios os dous terços dos votos para a admissão dos Candidatos. Se o scrutinio he favoravel, o Ven.·. convidará os II.·. VV.·., e aos outros II.·. nas columnas a applaudi-lo.

Os VV.·. repetem o annuncio.

Depois o Ven.·. diz : « A mim, meus II.·. » E applaude-se da maneira que está explicada.

Isto feito o Ven.·. encerra os trabalhos de Companheiro, como se dirá; depois do que fará entrar de novo os Aprendizes.

O Ven.·. annuncia que o I.·. N... foi admittido ao Grão de Companheiro, ou que a Loja adiou a deliberação para outro dia, ou finalmente que o I.·. fica esperado para outro tempo.

SECÇÃO SEGUNDA.

Primeiro Preliminar.

Todos os Membros da Loja devem ser convocados da maneira costumada para o dia da Sessão indicada pelo Ven.·.; as pranchas de convocação devem annunciar recepção no segundo grão, para que aquelles a quem os seus negocios impedirão de acharem-se na Sessão precedente, possão ir áquella, e votarem. A prancha que o Secretario apresentar aos Aprendizes não deve fazer menção dos trabalhos a que não podem assistir.

Segundo Preliminar.

No dia determinado para a recepção, todos os II.·. serão admittidos na Loja. O Ven.·. fará a abertura dos trabalhos de Aprendiz, e depois da leitura da prancha dos trabalhos da ultima Sessão, e da Sancção do costume, o Ven.·. ordenará aos Aprendizes que se retirem.

A não haverem outros trabalhos que os de Companheiro, e senão houver banquete neste dia, os Aprendizes não serão convocados: só o Aprendiz admittido entrará na sala dos Passos Perdidos.

O I.·. Preparador, com ordem do Ven.·., irá buscar o Aspirante, e o conduzirá á Camara das Reflexões, onde permanecerá até que o vão buscar para a sua recepção.

Neste intervallo se desenhará a Estrella flammejante, no centro do qual deve estar hum G.·., e se illuminará a columna do Meio dia, que deve deixar ver hum B.·. transparente, assim como a Estrella flammejante, que deve estar no forro da Loja no meio de hum Céo

semeado de estrellas, se fôr possivel, ou então acima do Ven.·., ou em baixo do docel.

Estando tudo assim disposto, o Ven.·. fará a abertura dos trabalhos da maneira seguinte.

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven.·. dá huma pancada de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « Meus II.·., a pé, e espada na mão. » (O que todos executão.)

Depois acrescenta: « II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se nas vossas columnas todos os II.·. são Companheiros. »

Ainda que seja facillimo aos VV.·. certificarem-se se todos os II.·. são Companheiros, porque devem conhecer os gráos de que cada hum se acha revestido, sobre tudo se não ha Visitantes desconhecidos, he com tudo a proposito que cada Vig.·. percorra a sua columna, e exija de cada I.·. as palavras, toque, e signal do gráo. Esta formalidade faz lembrar a cada hum o que he commum esquecer por falta de pratica.

Depois que os VV.·. tiverem feito o seu

giro, tornão a tomar os seus lugares, e dão conta ao Ven.∴ da commissão que lhes deu.

Sciente o Ven.∴, por meio dos VV.∴, de que todos os II.∴ são Companheiros, diz: « A' ordem, meus II.∴ » (Esta ordem será explicada ao depois).

O Ven.∴ fará aos VV.∴, alternativamente, as cinco questões seguintes:

P. I.∴ 1° Vig.∴, sois Companheiro?

R. Eu o sou, Venerabilissimo.

P. Porque quizestes ser Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.∴

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que hora começão os Companheiros a trabalhar?

R. Ao meio dia.

P. E que horas são?

R. He meio dia.

O Ven.∴ diz: « Como he meio dia, hora em que os Maçons costumão abrir os seus trabalhos de Companheiro, II.∴ 1° e 2° VV.∴, convidai os II.∴ nas vossas columnas a se reu-

nirem a mim para a abertura dos trabalhos de Companheiro. »

Os II.·. VV.·. repetem o annuncio.

Depois do annuncio, o Ven.·. dá sobre o altar cinco pancadas de malhete, tres precipitadas, e duas lentas, que se podem figurar assim: !!!—!! Estas cinco pancadas seráõ repetidas da mesma maneiro pelos VV.·., e depois o Ven.·. dirá: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o signal de Companheiro, e applaudem por cinco repetidos tres vezes.

O Ven.·. diz: « Os trabalhos de Companheiro estão abertos. » O que os VV.·. repetem, e todos os II.·. tomão os seus lugares.

Os trabalhos de Companheiro estando assim em vigor, o Ven.·. annuncia de novo o objecto da Sessão, e depois de ter proposto o I.·. para ser admittido ao gráo de Companheiro, convida aos II.·. VV.·. a que poção as observações dos membros das suas columnas: se ninguem as faz, pede o signal de approvação levantando a mão.

Se os suffragios são a favor do Aspirante, o Ven.·. diz ao M.·. de Cer.·. que advirta ao

I.·. Preparador para que este vá buscar o Aspirante, e o conduza.

O Aspirante vestido como Aprendiz, e sem armas, será conduzido á porta do Templo, onde baterá com as pancadas do seu gráo. O I.·. Cobridor o annuncia em voz baixa ao 2° Vig.·., que o faz da mesma sorte ao 1° Vig.·., e este o annuncia em voz alta ao Ven.·. que diz: « Vede quem bate assim. »

Esta ordem he communicada ao 1° Vig.·., que a passa ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor, que abre a porta, e pergunta quem bate.

O I.·. Experto (ou Preparador) responde: « He hum Aprendiz que requer ser admittido ao gráo de Companheiro. »

O I.·. Cobridor fecha a porta, e faz chegar esta resposta ao Ven.·. como da primeira vez.

O Ven.·. diz: « Perguntai-lhe se acabou o seu tempo; se crê que seu Mestre esteja delle contente, e se esta he a sua ultima vontade. »

A resposta do Recipiendario chega sempre ao Ven.·. pelos mesmos canaes, e este diz: « Introduzi o Aprendiz. »

No momento da introducção, todos os II ∴ se levantão, poem a espada na mão direita, e ficão nesta attitude sem com tudo estarem á ordem, até que lhes seja ordenado o contrario.

☉ Aspirante será conduzido entre os dous VV ∴ pelos tres passos de Aprendiz, e ali ficará em pé, á ordem do mesmo gráo, e com os pés em esquadria.

O Ven ∴ lhe fará diversas questões do gráo de Aprendiz, e dirá, annunciando-lhe as cinco viagens:

« Meu I ∴, os conhecimentos por vós adquiridos desde que fostes admittido a nossos mysterios, devem ter tornado sensiveis ao vosso espirito os emblemas que acompanhão a recepção de Aprendiz; nós vos demos a primeira, isto he, nós vos abrimos o caminho dos conhecimentos, que o commum dos homens não podem alcançar. Quanto mais caminhardes, tanto mais á força de trabalhos fareis descobertas importantes. Reflecti attentamente sobre todos os emblemas que vão acompanhar a vossa recepção. »

Nota. He necessario estar certo que o Recipiendario tem alguns conhecimentos do gráo de Aprendiz, porque sem isto a pergunta que se lhe faz (se seu Mestre está delle contente) se tornaria illusoria.

« I.·. Experto, fazei-lhe começar a primeira viagem. »

O I.·. Experto apresentará ao Recipiendario hum malhete e hum cinzel que levará na mão esquerda; e levando-o pela direita, fará começar-lhe a viagem pelo Meio dia.

Estando o Recipiendario de volta ao Occidente, o Ven.·. lhe dirá:

« Meu I.·., esta primeira viagem figura o anno que todo o Companheiro deve consagrar a instruir-se da qualidade e do emprego dos materiaes; a aperfeiçoar-se no talhe e corte das pedras, que deve ter aprendido a desbastar com ajuda do malhete e do cinzel, em quanto foi Aprendiz. O sentido deste emblema he que hum Aprendiz, quaesquer que sejão os conhecimentos que pense ter adquirido, está ainda bem longe de poder acabar a sua obra; que o bruto e o superfluo dos materiaes consagrados á construc-

ção do Templo que levanta ao G.·. A.·. do U.·., e de que he materia e obreiro, não estão ainda tirados; que não póde dispensar-se do trabalho duro e penoso do malhete, e da conducta attenta e exacta do cinzel; e que não deve nunca apartar-se da linha que hum Mestre habil lhe indicou.

« I.·. Experto, fazei-o praticar a segunda viagem. »

Durante esta viagem o Recipiendario terá na mão esquerda hum compaço e huma regoa; de volta do Occidente o Ven.·. lhe dirá: « Meu I.·., esta viagem nos ensina, que durante o segundo anno, hum Companheiro deve adquirir os elementos da Maçoneria pratica, isto he, a traçar linhas sobre os materiaes desbastados e preparados: he para isto que vos munirão de hum compaço, e de huma regoa. Este emblema apresenta ao vosso espirito huma verdade bem sensivel durante o curso da vida humana, assim como entre nós: a ignorancia he a nossa primeira herança. Homens instruidos tomão cuidado da nossa infancia, e nos ensinão os primeiros

elementos das sciencias; mas os primeiros ensaios de nossas mãos mostrão bem o estado de fraqueza em que nascemos. Bem de pressa a educação nos abre o caminho das sciencias, e he para adquiri-las que a nossa mocidade se consagra particularmente, até que os trabalhos mais reflectidos nos conduzão á descoberta da verdade.

« I.·. Experto, fazei-o praticar a terceira viagem. »

O Recipiendario entregará o compaço, mas conservará a regoa na mão esquerda; e com a mesma mão sustentará sobre o hombro huma alavanca (*).

Na sua volta ao Occidente, o Ven.·. lhe dirá: « Meu I.·., esta viagem nos representa a especie de trabalhos de hum Companheiro durante o terceiro anno. Confiava-se-lhe a conducta das pedras, e dos materiaes já promptos. Este emprego suppõe bastantes conheci-

(*) Alavanca he hum instrumento de 2, 3, ou 4 pés de comprimento, destinado a mover as grandes pedras, etc. A alavanca que se dá ao Companheiro póde ser de madeira pintada de preto.

mentos para julgar á simples inspecção da sua forma, do lugar a que são destinados; e he para isto que se vos faz necessario huma regoa. O seu deslocamento e transporte para o lugar que lhes compete, exige intelligencia e força. Os conhecimentos que o Companheiro adquire fazem presumir huma, e a alavanca suppre o que lhe falta em forças naturaes. Como he ajudado neste trabalho pelos Aprendizes, da mesma sorte aos Companheiros confiamos o cuidado de observar, e dirigir os Aprendizes debaixo da inspecção dos Mestres a quem servem.

« I.·. Experto, fazei-o praticar a quarta viagem. »

O Aprendiz dará a mão direita ao seu conductor, e na esquerda terá huma esquadria e huma regoa. De volta ao Occidente, o Ven.·. lhe dirá: « Meu I.·., esta viagem representa o quarto anno de hum Companheiro, durante o qual está occupado na construcção e elevação dos edificios, a dirigir o seu todo, e a verificar a exactidão da collocação das pedras e o emprego dos materiaes. Esta quarta via-

gem vos offerece o emblema da superioridade que os homem obtêem sobre os seus semelhantes pelo zelo, assiduidade, e eminencia de seus conhecimentos, mesmo quando menos a procurão. Instrui vossos II.·. por meio de uteis lições; guiai seus passos nos estreitos caminhos da virtude, e edificai-os por vossos exemplos.

« I.·. Experto, fazei-o praticar a quinta viagem. »

Durante esta viagem, o Recipiendario será conduzido pela mão direita, não levando na outra ferramenta alguma: de volta ao Occidente, o Ven.·. dirá: « Meu I.·., esta viagem vos figura o quinto anno de Companheiro. Sufficientemente instruido na pratica da arte, o Companheiro deve empregar este anno no estudo da Theoria; e he para isso que lhe deixamos as mãos livres. He aos trabalhos do espirito que d'ora em diante vos deveis entregar. Aprendei por este emblema que não basta que huma educação cuidadosa nos ponha na estrada da virtude, mas que entregues a nós mesmos, bem depressa a perderemos, se

esforços continuos, e hum estudo constante não nos puzerem em guarda contra a seducção do vicio, e o fogo das paixões: que todos os vossos passos se dirijão ao conhecimento da verdade, fim unico a que nos propômos. Segui pois o caminho que vos foi traçado, e tornai-vos digno de ser pelo tempo adiante admittido a novos conhecimentos.

« I.·. Experto, fazei subir ao Recipiendario os cinco degráos mysteriosos do Templo; que de lá elle descubra a Estrella flammejante, e a letra G.·., que orna o centro. »

Quando o Aprendiz tiver alcançado o quinto degrão, o Ven.·. lhe dirá: « Meu I.·., considerai esta Estrella mysteriosa; nunca a percais de vista: ella he o emblema do genio que eleva ás grandes cousas; e com mais razão ainda, he o symbolo desse fogo sagrado, dessa porção de luz divina de que o G.·. A.·. do U.·. formou nossas almas, e a cujos raios podemos distinguir, conhecer, e praticar a verdade e a justiça.

« A letra G.·., que vedes no centro, vos apresenta duas grandes e sublimes idéas: hu-

ma he o monogramma de hum dos nomes do Altissimo, manancial de toda a luz, e de toda a sciencia. A segunda idéa que esta letra nos apresenta, resulta do que commumente se explica pela palavra Geometria : esta sciencia tem por base essencial a applicação da propriedade dos numeros ás dimensões dos corpos, e sobre tudo ao triangulo a que se referem quasi todas as suas figuras, e que apresenta emblemas tão sublimes.

« I.·. Experto, fazei chegar o Recipiendario ao Oriente pelos passos de Companheiro, precedidos pelos de Aprendiz. »

O Aspirante fará os tres passos de Aprendiz para chegar-se aos degráos do Templo, isto he, á parte inferior do quadro; subirá cinco dos sete degráos do Templo, e depois executará os tres passos de Companheiro : o 1° ao Meio dia, o 2° ao Norte, e o 3° ao Oriente.

No 1° passo, leva-se o pé direito diagonalmente, e põe-se por detraz delle o pé esquerdo em esquadria : no 2°, põe-se o pé esquerdo em diagonal, e o pé direito se leva até toca-

lo, tambem diogonalmente, formando-se huma dupla esquadria; no 3° que he do repouso, leva-se o pé direito diagonalmente, e com o esquerdo forma-se huma esquadria simples.

Esta marcha irregular he o emblema do direito que tem hum Companheiro de passar do serviço de hum a outro Mestre, e mudar o trabalho como a necessidade o exige.

Conduzem-no depois ao Oriente, e alli põe o joelho direito sobre a almofada, e o esquerdo em esquadria, e pronuncia o seguinte:

JURAMENTO.

« Juro e prometto ao G.·. A.·. do U.·., entre vossas mãos, Venerabilissimo, e a todos os meus II.·., sob a fé do meu primeiro juramento, guardar e conservar fielmente os segredos que me vão ser confiados, e de não os communicar aos Aprendizes de qualquer maneira que possa ser; submettendo-me, no caso de infracção, ás penas estabelecidas no meu primeiro juramento. »

Durante o juramento, o Recipiendario terá á sua direita o Experto, e á esquerda o Mestre de Ceremonias; todos os II.·. estaráõ levantados, á ordem, e espada na mão. Depois do juramento, o Ven.·. porá a lamina da sua espada sobre a cabeça do Recipiendario, e baterá levemente sobre ella cinco pancadas de malhete conforme a bateria indicada, dizendo: « A' gloria do G.·. A.·. do U.·., em nome do G.·. O.·. (tal), e em virtude dos poderes que me forão confiados por esta A.·. e R.·. Loja, eu vos recebo e constituo Companheiro Maçon. »

O Recipiendario se levanta, e o Ven.·. lhe diz: « Meu I.·., nós temos neste gráo, como no precedente, huma palavra sagrada, huma palavra de passe, hum signal, hum toque, e huma maneira de pôr á ordem.

« A ordem consiste em levar a mão direita sobre o coração, os quatro dedos unidos huns aos outros, e o polegar levantado, o que forma a esquadria.

« O signal se faz pondo-se á ordem, e movendo a mão e o braço da esquerda á direita horisontalmente até a altura do hombro, e

deixando cahir depois a mão perpendicularmente, o que forma huma esquadria.

« Este signal nos faz lembrar hum dos pontos do nosso primeiro juramento, de ter antes o coração arrancado que revelar nossos segredos.

« O toque se faz batendo com o polegar da mão direita, tres pancadas sobre a primeira phalange do index daquelle a quem o queremos dar, da mesma maneira que o toque de Aprendiz, e duas outras pancadas sobre a mesma phalange do dedo medio.

« A palavra sagrada he....., significa perseverança no bem.

« A palavra de passe he....., significa numer so como espigas de trigo.

« Ide, meu I.·., fazer-vos conhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·. »

Os VV.·. dão conta ao Ven.·. da exactidão das palavras, signal, e toque, que lhes deu o Companheiro.

Depois disto o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. em huma e outra columna a que reconheção para o futuro ao I.·.

N... por Companheiro desta A ∴ e R ∴ Loja, e a applaudirem a sua recepção. »

Os VV ∴ repetem o annuncio.

Depois do annuncio o Ven ∴ diz : « A mim, meus II ∴ »

Todos applaudem pela bateria do gráo.

O novo Companheiro, que durante este tempo esteve á ordem entre os VV ∴, pede a palavra ao 1° Vig ∴, e depois de a ter obtido, agradece.

O Ven ∴ faz cobrir o applauso, e diz : « Meus II ∴, tomai os vossos lugares. »

Todos mettem a espada na bainha, e se assentão. O novo Companheiro se assenta defronte do quadro durante a instrucção que vai ser detalhada. O I ∴ 2° Vig ∴ lhe indica, com a ponta da espada, as diversas figuras de que o Ven ∴ lhe dá a explicação.

Depois da instrucção, o I ∴ M ∴ de Cer ∴ põe o Companheiro á testa da columna do Meio dia, por esta vez sómente ; nas outras sessões o Companheiro se assenta indistinctamente em huma ou outra columna.

Finalmente o Ven ∴ encerra os trabalhos.

como já foi dito na abertura. Se ha alguns objectos a tratar, os trabalhos de Aprendiz continuarão, fazendo-se entrar os Aprendizes, se houverem alguns na Sala dos Passos Perdidos; e por ultimo os trabalhos de Aprendiz se terminarão da maneira costumada.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Companheiro?

R. Eu o sou, Venerabilissimo.

P. Porque desejastes ser Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que significa esta letra?

R. Geometria.

P. E nada mais significa?

R. He a inicial de hum dos nomes do G.·. A.·. do U.·.

P. Como fostes recebido?

R. Passando da columna J.·. á columna B.·., e subindo os cinco primeiros degráos do Templo.

P. Por qual porta subistes?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que ieis fazer ao Templo?

R. Cavar masmorras aos vicios, levantar templos á virtude.

P. Quem se oppôz á vossa entrada ?

R. O I.·. Cobridor.

P. Que exigio elle de vós ?

R. Hum signal, hum toque, e huma palavra.

P. Que vistes quando subistes os degráos do Templo ?

R. Duas columnas.

P. De que materia erão ellas compostas ?

R. De aço.

P. Qual era a sua altura ?

R. De dezoito pés cubos.

P. A sua circumferencia ?

R. De doze pés cubos.

P. A sua espessura ?

R. Quatro dedos.

P. Erão portanto vasias ?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E porque ?

R. Para encerrar a ferramenta dos Companheiros e Aprendizes, assim como o thesouro destinado a pagar seus salarios.

P. Como recebem os obreiros os seus salarios ?

R. Por hum signal, hum toque, e huma palavra ; os Aprendizes pelos de Aprendiz, e os Companheiros por os do seu gráo.

P. Qual era a decoração das columnas ?

R. Folhas d'acantho lhes ornavão os capiteis, e estes estavão cobertos de innumeros fructos de romeira.

P. Onde fostes recebido Companheiro ?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Que forma tinha ella ?

R. Hum quadrado longo.

P. Qual era o seu comprimento ?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. E a sua largura ?

R. Do Meio dia ao Septentrião.

P. Qual era a sua altura ?

R. Innumeros pés, toesas, e cubos.

P. Como estava coberta ?

R. Com hum docel azul celeste semeado de estrellas.

P. O que a sustentava ?

R. Tres grandes pilastras de forma triangular.

P. Como chamais a estes tres pilastras ?

R. *Sabedoria*, *Força*, *Belleza*.

P. Porque as chamais assim ?

R. *Sabedoria* para inventar, *Força* para executar, *Belleza* para ornar.

P. Qual era a sua profundidade ?

R. Da superficie da terra ao centro.

P. Porque respondeis desta sorte ?

R. He para dar a entender que todos os Maçons espalhados sobre a terra formão hum só povo de irmãos, governados pelas mesmas leis, e pelos mesmos usos.

P. Tendes ornamentos na vossa Loja ?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero ?

R. Em numero de tres.

P. E quaes são elles ?

R. O Pavimento mosaico, a Estrella flammejante, e o Festão recortado.

P. Qual era o seu uso ?

R. O Pavimento mosaico ornava a soleira do grande Portico do Templo; a Estrella flam-

mejante que estava no meio esclarecia o centro, donde parte a verdadeira luz que esclarece as quatro partes do mundo; e o Festão recortado bordava e ornava as extremidades.

P. Dai-me a explicação moral destes tres ornamentos ?

R. O Pavimento mosaico he o emblema da união intima que reina entre os Maçons; a Estrella flammejante he o emblema do G.·. A.·. do U.·., que brilha com huma luz pura que tira de si proprio; o Festão recortado significa o laço que une todos os Maçons, e delles forma huma só familia em toda a terra.

P. Tendes algumas joias na vossa Loja ?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero ?

R. Em numero de seis, a saber : tres moveis e tres immoveis.

P. Quaes são os ornatos moveis ?

R. A Esquadria que traz o Venerabilissimo; o Nivel que condecora o 1° Vig.·.; e a Perpendicular, ou linha de prumo, que condecora o 2° Vig.·.

P. E quaes são as joias immoveis ?

R. A Prancha de traçar, a Pedra cubica ponte aguada, e a Pedra bruta.

P. Qual he o uso das joias moveis?

R. A Esquadria serve para pôr as superficies dos materiaes em angulos rectos entre si; o Nivel para collocar horisontalmente as pedras ao lado huma das outras, e a Perpendicular para construir os edificios perfeitamente a prumo sobre as suas bases.

P. Dai-me a explicação em sentido moral.

R. A Esquadria nos adverte que todas as nossas acções devem regular-se pela rectidão e pela justiça; o Nivel, que deve reinar huma perfeita igualdade entre todos os Maçons; e a Perpendicular, que todos os bens dimanão do alto.

P. Qual he o uso das joias immoveis?

R. A Prancha serve aos Maçons para traçarem seus planos e desenhos; a Pedra cubica ponte aguda serve aos Companheiros para amolarem a sua ferramenta; e a Pedra bruta serve aos Aprendizes para aprenderem a trabalhar.

P. E qual he o seu sentido moral?

R. A Prancha de traçar he o emblema do

bom exemplo que devemos a nossos II.., e a todos os homens; a Pedra cubica he o symbolo dos cuidados que toma o homem virtuoso para apagar as nodoas que o vicio lhe imprimio, e corrigir as paixões a que todos somos sugeitos; finalmente a Pedra bruta he a imagem do homem grosseiro e salvagem, que o estudo só continuo de si proprio póde polir e tornar perfeito.

P. Quantas especies ha de Maçons?

R. Ha duas, huns de Theoria, outros de Pratica.

P. O que aprendem os Maçons de Theoria?

R. Huma boa moral que serve para apurar nossos costumes, e tornar-nos agradaveis a todos os homens.

P. E o que he hum Maçon pratico?

R. He o obreiro de edificios.

P. Como conhecerei que sois Maçon?

R. Por meus signaes, palavras, e toques.

P. Quantos signaes ha na Maçoneria?

R. Hum sem numero, Venerabilissimo, mas se reduzem a cinco principaes.

P. Quaes são elles?

R. O Vocal, o Guttural, o Peitoral, o Manual, e o Pedestre.

P. Para que servem ?

R. O Vocal para dar a palavra, o Guttural para dar o signal de Aprendiz, o Peitoral para dar o signal de Companheiro, o Manual para communicar o toque de hum e de outro, e o Pedestre para executar os passos de ambos.

P. Quantas janellas ha em huma Loja ?

R. Tres.

P. Onde estão collocadas ?

R. No Oriente, no Occidente, e no Meio dia.

P. Porque não ha nenhuma no Septentrião ?

R. Porque o Sol o illumina fracamente.

P. De que servem ellas ?

R. Para illuminarem os obreiros quando vêem para o trabalho, em quanto o executão, e quando o deixão.

P. Vistes hoje o vosso Mestre ?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. Como estava elle vestido ?

R. De ouro e de azul celeste.

P. Que significão estes duas côres ?

R. O ouro significa riqueza, o azul sabe-

doria, dous dons que o G.·. A.·. do U.·. concedeu a Solomão.

P. Onde estão os Companheiros?

R. No Meio dia.

P. E porque?

R. Como mais illuminados que os Aprendizes, e para servirem os Mestres.

P. Como servis ao vosso Mestre?

R. Com alegria, fervor, e liberdade.

P. Quanto tempo o servis?

R. Desde a Segunda feira de madrugada até ao Sabbado á noite.

P. Recebestes salario?

R. Estou contente, Venerabilissimo.

P. E onde o recebestes?

R. Na Columna B.·.

P. Que significa esta letra?

R. A inicial de huma palavra que serve a reconhecer-nos.

P. Dizei-m'a

R. Dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. Significa perseverança no bem.

P. Dizei-me a palavra de passe?

R. (Elle a diz.)

P. Que significa?

R. Numeroso como espigas de trigo.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que horas se encerrão os trabalhos?

R. A' meia noite.

P. E que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, hora em que os Maçons têem por costume terminar os seus trabalhos de Companheiro, II.·. 1° e 2° VV.·. convidai os II.·. nas vossas columnas, a que unidos a mim, me ajudem a encerrar os trabalhos de Companheiro na A.·. e R.·. Loja (tal).... do Or.·. (tal). »

Os VV.·. repetem o annuncio.

Depois delle feito o Ven.·. bate cinco pancadas de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o signal, e applaudem.

O Ven.∴ bate, e diz: « Os trabalhos do Companheiro estão encerrados. »

Os VV.∴ repetem o annuncio, e todos se retirão.

VENERAVEL.

TERCEIRO GRÁO,

OU

Grão de Mestre.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Mestre.

SESSÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Nenhum Companheiro poderá ser admittido ao terceiro gráo, sem que tenha acabado o seu tempo, isto he, sem ter passado pelo menos tres mezes e meio depois da sua admissão a Companheiro (entende-se por isto que o Companheiro tenha assistido a sete sessões, suppondo que ellas têem lugar de quinze em quinze dias), e sem ter a idade requerida, que são 25 annos completos.

Todo o Companheiro que, depois de ter preenchido as condições precedentes, desejar ser

admittido ao gráo de Mestre, o pedirá em particular ao I.·. 1° Vig.·.

Na occasião em que este ultimo julgar opportuno fazer este pedido, quando os trabalhos o permittirem, dirá: « Venerabilissimo, o I.·. N..., Companheiro desta A.·. e R.·. Loja, pede o favor de ser admittido ao gráo de Mestre. »

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, que o I.·. N... he proposto para ser admittido ao gráo de Mestre. Pedi aos II.·. as suas observações. »

Os VV.·. fazem o annuncio da maneira costumada; e nesta occasião se o I.·. proposto está presente, pede a permissão de cobrir o Templo.

Depois que se acabarem as observações, se as houverem, os Aprendizes e Companheiros serão mandados cobrir o Templo.

Depois que todos sahem, o Ven.·. abre os trabalhos de Mestre, como ao depois se dirá, e pedirá novamente as observações: se se apresentão algumas, são discutidas; e a Loja composta unicamente de Mestres, delibera sobre

as conclusões do I.·. Orador, e por meio do escrutinio, se alguem o pede. Se o escrutinio fôr favoravel, o Ven.·. o fará applaudir pela bateria do gráo, como se dirá em lugar competente, e se indicará o dia da recepção, do qual o I.·. Secretario fará menção no esboço do dia.

Logo que a recepção fôr determinada ou differida, fechão-se os trabalhos de Mestre, e faz-se entrar os Companheiros, se os trabalhos deste gráo ficão em vigor; aliás fechão-se para continuar os de Aprendiz, admittindo-se todos os II.·.

SESSÃO SEGUNDA.

RECEPÇÃO.

Primeiro Preliminar.

Todos os Mestres serão convidados da maneira costumada para o dia determinado na ultima sessão. As pranchas de convocação devem mencionar que he para recepção no terceiro gráo, e convidar a todos para virem de

preto. Enviar-se-ha tambem huma prancha ao Companheiro proposto.

Segundo Preliminar.

No dia indicado para a recepção, todos os Mestres serão admittidos. O Ven.∴ abrirá os trabalhos de Aprendiz, e depois mandará ler a prancha da precedente sessão, e seguidamente abrirá os trabalhos de Companheiro. Isto feito, convidará aos II.∴ 1° e 2° VV.∴ a que percorrão as suas respectivas columnas, a fim de se certificarem se todos os II.∴ são Mestres; perguntando-lhes separadamente em voz baixa as palavras, signal, e toque, formalidade que he bom observar-se, tanto para evitar os abusos, como para conservarem todos os II.∴ a lembrança das palavras que algum poderia esquecer.

Quando os VV.∴ voltarem aos seus lugares, diráõ os nomes dos II.∴ que achárão pouco instruidos. Se forem II.∴ da Loja, o Ven.∴ os convidará a que se instruão, e lhes fará passar as palavras que esquecerão; mas se fo-

têm Visitantes, he absolutamente necessario que cubrão os trabalhos.

Quando houver certeza de que todos os II.·. são Mestres, o Ven.·. abrirá os trabalhos da maneira que se segue.

Desde este momento todos os II.·. têem o titulo de *Veneraveis*, e o Veneravel o de *Respeitavel*.

ABERTURA DOS TRABALHOS.

Estando tudo disposto como se acaba de dizer, o Respeitabilissimo bate, e diz : « A' ordem, meus II.·., espada na mão ! »

Tira a sua espada, que põe na mão esquerda ; todos os Mestres fazem outro tanto, tambem na mão esquerda com a ponta voltada para o chão, e poem-se á ordem.

A ordem he ter a mão extendida horisontalmente, o dedo polegar contra o peito, e os outros quatro bem unidos.

Esta ordem he a de repouso.

O Respeitabilissimo faz as sete perguntas seguintes :

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja de Mestre?

R. Respeitabilissimo, he certificarem-se se todos os II.·. são Mestres.

P. Estais certos que o são?

R. Estamos, Resp.·.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., sois Mestre?

R. Resp.·., experimentai me; a acacia me he conhecida.

P. Dai-me o signal de Mestre?

(Elle o dá).

P. Ven.·. I.·. 2° Vig.·., que idade tendes?

R. Sete annos e mais.

P. A que horas costumão começar-se os trabalhos?

R. Ao meio dia, Resp.·.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são?

R. He meio dia.

O Resp.·. diz: « Como he meio dia, Veneraveis II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. nas vossas columnas a que se reunão a mim para abrirmos os trabalhos no gráo de Mestre. »

Os II.·. VV.·. repetem o annuncio.

Depois do annuncio o Resp.·. bate nove pancadas de malhete, formadas da bateria de Aprendiz, repetida tres vezes : os VV.·. fazem outro tanto, e immediatamente o Resp.·. diz : « A mim, meus II.·. »

Todos os II.·. com os olhos no Resp.·. fazem o signal de Mestre, e applaudem por nove, que he o applauso de Aprendiz repetido tres vezes.

Finalmente o Ven.·. diz : « Estão abertos os trabalhos de Mestre. »

Os VV.·. fazem este annuncio nas suas columnas.

O signal se faz em pé, e á ordem, levando a mão á altura da testa, com a palma para fóra, a cabeça inclinada para o lado direito, e fazendo-se hum movimento com o corpo para traz.

O Resp.·. põe a sua espada nua sobre o altar, e depois encarrega aos VV.·. de convidarem os II.·. a se assentarem, o que executão.

Estando assim abertos os trabalhos, o Resp.·. diz : « Meus II.·., tendes dado o vosso consentimento á admissão do I.·. N. . . ao gráo de

Mestre. Se algum de vós tem agora causas legitimas de opposição, he este o momento de apresenta-las. O silencio provará que persistis no vosso consentimento. »

Se alguem faz opposição, he necessario ouvi-la, discuti-la, e julga-la sobre as conclusões do I.·. Orador: caso seja reputada valiosa, he preciso interromper a sessão, e adiar a recepção.

Se o silencio reina nas duas columnas, o Resp.·. diz: « I.·. M.·. de Cer.·., adverti o I.·. Preparador a que traga o Aspirante. »

O Recipiendario deve antes ter sido conduzido e encerrado na Camara das Reflexões, em cujos muros devem ter posto maximas analogas á recepção; e ali o I.·. Preparador disporá seu espirito e imaginação por meio de discursos sensatos, serios e moraes, relativos á importancia do gráo.

Se alguma razão retardar a chegada do Recipiendario, o Resp.·. fará algumas questões tiradas do cathecismo.

O I.·. Preparador entregará ao Resp.·. o chapéo, e a espada do Aspirante.

Hum I.·. em cada columna pegará em hum cylindro ou rolo de papelão para se servirem delle, como ao depois se dirá.

RECEPÇÃO.

No momento em que se annunciar o Companheiro, apagar-se-hão as luzes. Huma alampada de metal ou de qualquer outra materia não transparente, de forma antiga, suspensa no meio da Loja, bastará para illuminar os trabalhos até ao momento da recepção. Ter-se-ha cuidado em que a Luz desta alampada não exceda as suas bordas, para que os objectos exteriores se possão distinguir bem.

Sobre o altar se porá huma outra alampada que reflicta huma luz fraca sobre o Resp.·., á semelhança de huma lanterna surda. Todos os II.·. estaráõ vestidos de preto, com o chapeo bem mettido na cabeça, a espada na mão, e avental branco bordado de azul. Collocar-se-hão em duas linhas, no meio da Loja, sobre banquetas dispostas ao longo do quadro, em huma distancia sufficiente para deixarem

passagem entre elles e o quadro, e tambem para que as viagens possão ser feitas por detraz delles.

Chegado o Recipiendario á porta do Templo, bate como Companheiro; deve trazer o seu avental, e de sorte que facilmente lho possão tirar sem resistencia.

O I.·. Cobridor annuncia ao 2° Vig.·., que bate hum Companheiro; este o annuncia ao 1°, que o diz em voz alta ao Resp.·.

O Resp.·. diz: « Qual he o Companheiro que ousa perturbar os nossos trabalhos? »

« I.·. 1° Vig.·., vêde quem bate. »

O I.·. 1° Vig.·. dá esta ordem ao 2° que diz ao I.·. Cobridor: « Meu I.·., vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor abre metade da porta, e pergunta: « Quem bate? »

O I.·. Preparador responde: « He hum Companheiro que acabou o seu tempo, e quer ser admittido Mestre. »

Quando esta resposta tiver chegado ao Resp.·. sempre pelo canal dos VV.·., dirá:

« Perguntai-lhe seus nomes, prenomes, sua idade, e seu estado civil. »

Esta pergunta chega ao Aspirante como a primeira.

O I.·. Preparador responde.

O I.·. Cobridor fecha a porta, de que deve apenas abrir metade cada vez; e quando a resposta chegou ao Resp.·., este diz: « Perguntai-lhe a sua idade Maçonica, onde trabalhou, e sobre que se exercitou. »

Quando esta pergunta chega ao I.·. Preparador, este responde: « O Aspirante já tem cinco annos passados; trabalhou no exterior do Templo sobre a pedra polida, e preparou as ferramentas. »

Esta resposta chega ao I.·. Resp.·. da mesma maneira, e então este diz: « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto a preencher os deveres de hum Mestre Maçon, e se nada tem a arguir-se sobre os juramentos que precedentemente prestou. »

A pergunta chega ao Aspirante, e este dá a sua resposta, que passa ao Resp.·.

O Resp.·. bate, e diz: « Introduzi o Companheiro. »

Abrem-se as portas. O I.·. Preparador introduz o Aspirante, e o faz marchar recuando até os dous VV.·., onde o retem com as costas viradas para o Oriente.

Tornão-se a fechar as portas com estrondo.

O Resp.·. diz com hum tom firme: « Apoderai-vos do Companheiro; tende cuidado em que elle nada possa ver do que aqui se passa, até que tenhamos a certeza de que he digno de ser admittido a nossos mysterios. »

Os VV.·. o agarrão. O 1° Vig.·. lhe põe a ponta da espada sobre o coração.

O Resp.·. diz: « Companheiro, jurai e prometteí, debaixo das penas a que vos submettestes no vosso primeiro juramento, de nada revelardes do que aqui notardes, e de nada communicardes a algum Companheiro, ou Aprendiz, mesmo no caso de não serdes admittido ao gráo que pareceis desejar. »

O Aspirante responderá: « Eu o juro. »

P. Prometteis responder com candura e franqueza ás perguntas que vos vão ser feitas?

R. Prometto.

Depois desta resposta, o Resp.·. diz: « Companheiro, que quereis? »

(Elle responde).

P. He o desejo de instruir-vos que vos anima?

(Responde.)

P. Tendes algum conhecimento do gráo que pedis?

(Responde.)

O Resp.·. diz: « I.·. Experto, fazei-o praticar a primeira das nove viagens mysteriosas. »

Os VV.·. tornão a tomar os seus lugares.

O I.·. Experto, collocado á direita do Recipiendario, lhe põe a ponta da espada sobre o coracão, fazendo-o pegar pouco mais ou menos no terço do seu comprimento: o mesmo I.·. Experto pega com a mão direita nos copos da espada, e com a mão esquerda pega fortemente na do Recipiendario, e o faz girar em torno da Loja, levando-o diante de si, sem parar no Oriente, e começando pelo Meio dia. Tem todo o cuidado em que elle tenha sempre as costas voltadas para o interior.

Depois de ter ordenado a viagem, o Resp.·. acrescenta: « Vós todos Mestres, Membros do meu Conselho, conheceis o Companheiro: vinde dar-me conta do que sabeis, a fim de regularmos a conducta que teremos a seu respeito, e sobre a maneira com que se comportou desde que foi admittido entre nós. »

« Ai de vós Companheiro se voltardes a cabeça! »

Os VV.·. ficão nos seus lugares.

Nove Mestres se reunem em torno do quadro, onde o mais moderno dos Mestres deve estar deitado (*), e formão entre si a cadêa de união.

O Resp.·. faz passar á sua direita, em voz baixa, a antiga palavra de Mestre, J.·., que lhe deve voltar pela esquerda. Isto deve ser feito no maior silencio, com hum apparato que imponha, a fim de inspirar ao Recipiendario alguma inquietação sobre a conducta

(*) Como esta recepção he muito longa, será bom extender hum tapete muito estreito, sobre o qual o Mestre se deitará, para que a humidade do chão o não incommode.

que teve, e sobre as indiscrições que pôde commetter.

Nota. Se a Loja he muito pequena para que o Recipiendario possa fazer as viagens por detraz dos Mestres, estes se collocarão todos no centro em duas fileiras de banquetas, como já se disse; mas esta mudança deve fazer-se sem rumor.

Quando o Recipiendario volta ao Occidente, o I.·. Vig.·. bate, e diz em alta voz: « Resp.·., está feita a primeira viagem. »

Os nove Mestres que se tinhão levantado para formarem conselho com o Respeitavel ficão em pé á roda do quadro; o Resp.·. torna só ao seu lugar, bate, e diz: « Companheiro, desconfiamos que commettestes huma grave falta. I.·. Conductor, arrancai-lhe o seu avental, que não he mais digno de traze-lo. »

O I.·. Preparador lho arranca.

O Resp.·. continua: « Não vos argúe a consciencia? Sede sincero; lembrai-vos da promessa que nos fizestes ha hum instante: respondei. »

Depois da resposta do Recipiendario, o

Resp.·. lhe diz : « A vida do homem he huma passagem na terra. »

Depois ajunta : « Fazei-o praticar a segunda viagem. »

E lhe diz : « Companheiro, durante esta viagem scrutai os arcanos da vossa alma. »

O Resp.·. deixa o seu lugar, e se reune aos nove Mestres á roda do quadro.

Quando o Candidato estiver de volta ao Occidente, o 1° Vig.·. bate, e diz : « Está feita a segunda viagem. »

O Resp.·. volta a seu lugar, e diz : « O crime e a innocencia, a mentira e a verdade, têem caracteres que não permittem se confundão. Companheiro, não vos argúe a vossa consciencia ?

R. Não. (He esta em geral a resposta que dão).

O Resp.·. diz : « I.·. Experto (ou Conductor), fazei voltar o Companheiro : que veja a que excesso nos póde levar o esquecimento de nossos deveres. »

« Considerai na causa do luto em que estamos. »

O I.·. Experto o faz dar tres passos para traz, e o vira para o quadro: os nove Mestres que ali se achão dão hum passo á retaguarda, pondo a mão direita sobre o coração, á ordem de Mestre, e com a esquerda dirigem a ponta da sua espada para o quadro, voltando o rosto para o Recipiendario.

Depois de hum momento de silencio, o Resp.·. diz: « I.·. Experto, o Companheiro parece compungido. Nada o mostra culpado? »

O I.·. Experto responde: « Não, Resp.·. »

O Resp.·. Mestre diz então com hum tom solemne: « Cada instante nos conduz a nosso derradeiro fim; o verdadeiro Maçon nem o teme, nem o deseja. »

Depois acrescenta: « I.·. Experto, fazei-o praticar a terceira viagem. »

Quando o Recipiendario está de volta ao Occidente, o 1° Vig.·. bate, e diz: « Está feita a terceira viagem. »

O Resp.·. bate huma pancada de malhete.

Os nove Mestres que estavão em pé, tornão a occupar os seus lugares.

Se todos os Mestres se achavão no centro, em razão da pouca capacidade, do local, voltão neste momento aos seus lugares.

O Resp.·. diz: « Companheiro, tudo vos annuncia aqui o luto e a tristeza: suspeitão-vos de ter participado na perfidia dos Companheiros sceleraдos; chegou ao vosso conhecimento seu detestavel trama? »

Responderá: « Não. »

O Resp.·. diz: « Quem será o vosso fiador? »

Responde: « A minha palavra de honra, e a minha fé de Maçon. »

O Resp.·. diz: « Eu as recebo; huma e outra são entre nós sagradas: confirmai-as por hum signal que nada nos deixe a desejar. »

Põe a mão sobre o coração, á ordem de Companheiro.

O Resp.·. continua: « Não vos surprehendais, Companheiro, das precauções que tomamos a vosso respeito; depois da morte de nosso Respeitavel Mestre, todos os Companheiros nos são suspeitos, o que sem duvida notaricis pela maneira com que fostes tratado

a firmeza e a simplicidade das vossas respostas desvanecêrão nossas suspeitas a vosso respeito, e vos merecêrão a nossa confiança. Procurai tornar-vos digno do favor que sollicitais. O homem vulgar deixa-se enganar pela apparencia; mas o verdadeiro Maçon sabe affasta-la para chegar ao conhecimento da verdade.

« I ∴ Companheiro, persistis no desejo que mostrastes de chegar ao gráo de Mestre? »

Responde : « Persisto. »

O Resp ∴ lhe diz : « Meu I ∴, todas as provas por que tendes passado até este momento, os preceitos que vos forão dados, nada têem tido outro fim que o de fazer-vos chegar ao interior, onde adquirireis conhecimentos particulares e satisfactorios : não se póde lá entrar senão com huma alma pura. Não podemos penetrar os arcanos do vosso coração; sede vós mesmo o juiz, e temei os remorsos. Os Mestres se esforçaráõ a bem formar-vos : d'ora em diante ficareis encarregado de ensinar os Companheiros e os Aprendizes. Seja a virtude o motivo e o objecto de vossos preceitos; e nunca olvideis que o bom exemplo pro

duz mais seguros effeitos do que as mais assisadas lições.

« Sim, meu I.·., tudo o que tendes visto até hoje na Maçonaria, tudo o que vereis pelo tempo adiante, está coberto com o mysterioso véo do emblema : eis o que o Maçon intelligente, zeloso, e laborioso sabe penetrar. Dai attenção ao que vos aconteceu, e ao que vos ha de acontecer. Não esqueçais as tres viagens mysteriosas que tendes feito : o gráo exige nove, mas a Loja houve por bem reduzi-las a tres.

« I.·. Experto, fazei subir ao I.·. os sete degráos do Templo. Que entre nelle pela porta do Occidente, e vireis apresentar-mo quando fôr tempo pelos tres passos mysteriosos. Vós, II.·. em ambas as columnas, não esqueçais o vosso dever. »

(Este aviso he para os dous II.·. que estão munidos dos cilindros.)

O I.·. Experto faz subir ao Candidato os primeiros tres degráos, começando pelo pé direito.

Chegado ao primeiro patamal, dá o signal

le Aprendiz: sobe outros dous degráos, e no segundo patamal dá o signal de Companheiro; sobe os dous ultimos degráos, e faz alto sobre o pavimento mosaico, sempre com o signal de Companheiro, e os dous pés em esquadria. Quando chega a este lugar, fica o Recipiendario com os pés muito perto da cabeça do I.·., que, como já dissemos, está deitado no chão; mas não o póde ver, porque está inteiramente coberto com hum véo preto. O I.·. que está deitado deve ter a perna esquerda extendida, a direita posta em esquadria, o joelho levantado, o braço esquerdo extendido, e o direito á ordem de Companheiro.

Chegado o Recipiendario a este lugar, o Resp.·. diz: «Os dous primeiros gráos vos ensinárão a conhecer o uso dos instrumentos e o emprego dos materiaes. Sem duvida esperais achar neste o desenvolvimento dos emblemas, sob os quaes a verdade se tem até hoje occultado aos vossos olhos: mas tudo no Universo está sugeito a espantosas revoluções: tudo perece!

« O Templo que Solomão tentava levantar ao Rei dos Reis soffreu esta funesta sorte. A morte inesperada do Chefe desta magnifica empreza póde retraçar-vos anticipadamente a ruina deste Templo famoso, que a historia nos representa sem cessar destruido, e sem cessar renascendo de suas proprias ruinas.

« Solomão, filho de David, celebre pela sua sabedoria, e pela immensidade de seus conhecimentos, resolveu levantar ao Eterno hum Templo que seu pai tinha projectado, mas que as guerras que teve a sustentar contra seus visinhos não lhe permittio edificar; e enviou a Hiram, Rei de Tyro, para que lhe fornecesse os materiaes necessarios para huma tal empreza. Hiram aceitou esta proposição com alegria, e mandou hum desses homens raros, cujo genio, intelligencia, gosto, superioridade de talentos na arte da Architectura, e o vasto conhecimento da essencia dos metaes lhe tinhão adquirido hum tal gráo de consideração e respeito, da parte do Rei de Tyro, que este o chamava seu Pai, por chamar-se Hiram como elle, ainda que fosse filho de

hum Tyriano, e de huma mulher da Tribu de Nephtali.

« Solomão deu a Hiram a intendencia, e a conducta dos trabalhos. O censo que se fez de todos os obreiros, deu a conhecer que o seu numero subia a 183,300. A historia os chama *proselytas*, que em nossa lingoa significa *estrangeiros admittidos*, isto he, *iniciados*. A saber: 30,000 homens destinados a cortarem os cedros do Libano, que servião por terços durante hum mez; 70,000 Aprendizes, 80,000 Companheiros, e 3,300 Mestres. Os habitantes do Monte-Gibel preparavão os cedros, e talhavão as pedras.

« Os obreiros, divididos em tres classes, tinhão palavras, signaes, e toques para se reconhecerem entre si, e receberem a paga proporcionada ao genero de trabalhos que executavão.

« Os Aprendizes recebião o seu salario na columna J∴, os Companheiros na B∴, e os Mestres na Camara do meio. O nome da columna dos Aprendizes significa *preparação*, e a dos Companheiros significa *força*. Os mo-

numentos historicos que nos chegárão, nos ensinão que a columna J.·. estava collocada ao Norte, e a columna B.·. ao Meio dia, perto da porta do Occidente.

« Entrava-se no Templo por tres portas: a destinada aos Aprendizes, e pelo tempo adiante ao Templo, estava ao Occidente; a dos Companheiros, e depois do acabamento do Templo, aos Levitas, estava ao Meio dia; e a destinada aos Mestres, e depois aos Pontifices, estava ao Oriente.

« Logo que as portas forão collocadas, Solomão fez huma Lei, na qual se ordenava a todos os Aprendizes e Companheiros sahissem do Templo na vespera do Sabbado, e a elle não voltassem senão no Sabbado de madrugada, sob pena de morte.

« A ordem que tinha sido estabelecida entre os obreiros devia necessariamente firmar a tranquillidade; a ultima Lei de Solomão tinha por fim impedir que se illudisse por pretexto algum a observancia do Sabbado. Tudo respondia aos votos de Solomão, pelos cuidados e vigilancia de Hiram; o Templo adqui-

ria cada dia hum novo accrescimo, quando repentinamente hum crime horrivel veio suspender os trabalhos, e produzir hum luto universal. Tres Companheiros, descontentes de seus salarios, formárão o projecto de obterem o de Mestre, com ajuda dos sinaes, palavra, e toque, que querião haver á viva força.

« Tendo notado que Hiram visitava todas as tardes os trabalhos, depois que os obreiros se retiravão, se puzerão em embuscada ás tres portas do Templo : hum se armou com huma regoa, o outro com huma alavanca, e o terceiro com hum grande malhete.

« Hiram, tendo entrado no Templo por huma porta secreta, dirigio seus passos para a porta do Occidente, onde achou hum dos Companheiros que lhe perguntou as palavras, sinal, e toque de Mestre, ameaçando mata-lo se lhos não desse. Desgraçado ! exclamou Hiram, que fazes ? Não sabes que os não posso, nem devo dar ? Não foi assim que os recebi; esforça-te por merece-los, e pódes ter a certeza de obte-los.

« No mesmo instante o traidor intentou des-

carregar-lhe sobre a cabeça huma pancada com a regoa que tinha na mão; mas o movimento feito por Hiram para evitar o golpe, fez com que sómente lhe acertasse sobre o hombro. »

Neste momento o I.·. Experto faz dar ao Candidato hum dos tres passos de Aprendiz, que consiste em passar o pé direito por cima do quadro diagonalmente, do Occidente onde está, para o Meio dia, conservando a perna esquerda em esquadria na altura da barriga da perna, e ficando alguns instantes sobre a perna direita. O I.·. Experto sustem o Candidato nesta postura, dando-lhe a mão.

No instante em que o Candidato dá o primeiro passo, o I.·. da columna do Meio dia, que tem o cylindro, lhe dá huma leve pancada, mas sensivel, sobre a espadua direita.

O Resp.·. continua: « Hiram intentou buscar a sua salvação na fuga, e quiz escapar-se pela porta do Meio dia; mas ali achou hum outro Companheiro que lhe fez a mesma pergunta com a mesma ameaça; porém no in-

tante em que quiz fugir, o Companheiro o perseguio, e lhe descarregou huma grande pancada de alavanca, que sómente lhe deu sobre a nuca. »

Neste momento faz-se dar ao Candidato o segundo passo mysterioso, lançando a perna esquerda por cima do quadro, diagonalmente do Meio dia ao Norte, conservando a perna direita em esquadria apoiada no tornozelo esquerdo.

Na occasião de dar o passo, hum I.·. da columna do Norte bate sobre a nuca do Candidato huma leve pancada com o seu cylindro.

Faz-se-lhe dar o terceiro passo, lançando a perna esquerda pelo extremo da representação, onde junta os dous pés em esquadria.

Immediatamente dous II.·. agarrão no Candidato pelos braços, pondo a outra mão sobre o peito, e pondo cada hum o pé por detraz dos calcanhares do Recipiendario: nesta occasião o I.·. que estava deitado se levanta sem rumor, de maneira que o Candidato o não possa sen-

tir, deixando no chão o véo com que se achava coberto.

O Resp.·. deixa o lugar, vem para junto do Candidato, e continua: « Este golpe mal dirigido fez apenas baquear ao nosso Respeitavel Mestre, que entretanto teve bastante força para correr á porta do Oriente, onde achou o terceiro Companheiro, que lhe fez a mesma pergunta, e as mesmas ameaças; e como recusasse, deu-lhe huma grande pancada de malhete sobre a cabeça, que o fez cahir morto. »

O Resp.·. dá huma pancada de malhete sobre a cabeça do Recipiendario; immediatamente os II.·. que o segurão o suspendem, e deitão com precaução sobre as costas.

Ao I.·. Experto, ou ao Mestre de Ceremonias compete este encargo; mas convem fazelo exercer por dous II.·. dos mais robustos, que possão deitar por terra o Recipiendario, sustentando o peso do seu corpo sem o maltratar.

O Recipiendario deve estar deitado como o estava o I.·. que occupou o seu lugar: a ca-

beça deve estar hum pouco levantada sobre hum travesseiro; terá a perna esquerda extendida; a direita posta em esquadria; o joelho leventado; o braço esquerdo extendido: e o direito tambem posto em esquadria; a mão sobre o coração, á ordem de Companheiro, e coberta com avental; finalmente se extenderá sobre elle o véo preto, mas de maneira que tenha o rosto descoberto.

Cada hum toma o seu lugar; accendem-se as nove luzes, e apagão-se as alampadas.

Se houvesse a admittir-se hum outro I.·. ao gráo de Mestre, não se accenderião as luzes, e se procederia á sua recepção; bem entendido que antes de tudo se votaria sobre a admissão de cada hum, como se disse a respeito de hum só. O I.·. que acaba de deitar-se ficaria no mesmo lugar; como estava o ultimo Mestre antes delle, e quando se lançasse por terra o seguinte, o precedente se collocaria em huma das columnas.

Se ha sómente huma recepção, ou logo que se chega á ultima, accendem-se as luzes, como se disse, e o Ven.·. continua:

« Meus II.·. , a desordem se introduzio nos nossos trabalhos, a tristeza está pintada nos olhos de todos os obreiros; não podemos duvidar que o nosso respeitavel Mestre não esteja morto: procuremos todos o seu corpo, empreguemos nosso zelo e nossos cuidados para acha-lo.

« I.·. 2° Vig.·., levai comvosco dous II.·., e começai a procurar pelo Norte. »

O I.·. 2° Vig.·. leva comsigo dous II.·., e todos juntos fazem o giro da Loja começando pelo Norte, sondando o terreno com as pontas das espadas.

De volta ao Occidente, o 2° Vig.·. bate, e diz: « Respeitabilissimo, nossas indagações forão baldadas. »

O Resp.·. bate e diz:

« I.·. 1° Vig.·., levai comvosco dous II.·., e procurai pelo Meio dia. »

O I.·. 1° Vig.·. designa dous II.·., com os quaes faz o giro da Loja começando pelo Meio dia, sondando a terra com a ponta da sua espada. De volta ao Occidente, o 1° Vig.·. bate,

o diz: « Res eitabilissimo nossas indagações forão baldadas. »

O Resp.·. bate, e diz:

« II.·. 1° e 2° VV.·. , convidai os II.·. que vos acompanhárão, á que se vos reunão outra vez; eu me farei acompanhar por dous II.·., e todos de concerto, procuraremos com mais attenção: oxalá sejamos tão felizes, que possamos fazer huma tal descoberta! »

Estes II.·. em numero de nove, fazem o giro da Loja na ordem que se segue:

O 2° Vig.·. seguido por dous Mestres da sua columna, parte em primeiro lugar para o Meio dia; e o 1° Vig.·., acompanhado por outros dous Mestres da sua columna, parte para o Norte. Fazem desta sorte o giro cruzando-se; e quando chegão ao Oriente, o Resp.·. se reune a elles com dous Mestres que designa, e todos fazem o giro da Loja, procurando e sondando o terreno com a ponta de suas espadas.

No segundo giro, o 2° Vig.·. pára e diz:

« Resp.·., vejo exhalar vapores de hum pequeno espaço de terreno. »

Fazem hum terceiro giro, depois do qual o

Resp.·. pára em frente do quadro ou angulo em que está representado hum monticulo e hum ramo d'acacia.

Nota. Muito melhor seria ter hum ramo d'acacia natural ou artificial, e da-lo ao Recipiendario para que o segurasse com a mão direita, fazendo neste lugar huma pequena abertura no véo que o cobre.

O 1° Vig.·. diz: « Resp.·. a terra me parece novamente revolvida neste lugar; talvez aqui achassemos o objecto que procuramos. »

O Resp.·. finge encostar-se sobre o ramo d'acacia, e diz: « Ven.·. Mes.·., este ramo não cresceu neste lugar; o que me parece suspeito, e penso que as nossas indagações não serão baldadas. » Talvez que os assassinos tenhão, á força de tormentos, arrancado ao nosso Respeitavel Mestre a palavra e o sinal de Mestre; concordareis em que o primeiro sinal que hum de nós fizer, a primeira palavra que pronunciar, se acharmos o corpo de Hiram, sejão d'ora em diante a palavra e o sinal de reconhecimento dos Mestres? »

Todos dão o sinal d'approvação, e deixão cahir a mão direita sobre a coxa.

O Resp.·. levanta com a ponta da sua espada que tem na mão esquerda, assim como os oito outros II.·., huma parte do véo que cobre o Recipiendario: immediatamente fazem todos o sinal de horror.

O 2° Vig.·. se approxima, pega no index direito do Recipiendario, deixa-o cahir, pronunciando J.·. (a palavra d'Aprendiz), e dá hum passo para traz fazendo o sinal de horror.

O 1° Vig.·. se approxima ao depois, pega no segundo dedo ou *medius* do Recipiendario, pucha-o para si, e o deixa cahir dizendo B.·. (a palavra de Companheiro) faz logo o sinal de horror dando hum passo retrogrado.

O Resp.·. approxima-se do Recipendiario, e diz fazendo o sinal de horror, e recuando hum passo: « II.·. VV.·., quem desarranjou o corpo do nosso Respeitavel Mestre? »

O 2° Vig.·. diz: « Acreditei pode-lo levantar pelo toque d'Aprendiz, mas a carne deixa os ossos. »

O 1° Vig.·. diz: « Resp.·., suppuz pode-lo levantar pelo toque de Companheiro, porém a carne deixa os ossos. »

O Resp.·. diz: « Não sabeis que nada podeis sem mim, e que nós tres tudo podemos? »

Approxima-se do Recipiendario, põe o pé direito contra o seu, joelho contra joelho, com a mão direita lhe abraça o punho, de sorte que as palmas d'ambas as mãos estejão unidas, e lhe passa o braço esquerdo sobre o hombro esquerdo, tendo por este meio o estomago contra estomago; depois com ajuda dos dous VV.·., o levanta e lhe diz ao ouvido, dando-lhe o triplice abraço, as tres syllabas da palavra M.·. B.·. N.·.

Todos os II.·. tomão os seus lugares, e o Resp.·. volta igualmente para o seu.

O I.·. M.·. de Cer.·. conduz o Recipiendario ao pé do altar, onde com o joelho em terra, pronuncia o juramento que abaixo se segue.

Todos os II.·. estaráõ em pé, á ordem, e com a espada na mão.

JURAMENTO.

Juro e prometto, em presença do G.·. A.·. do U.·., debaixo de minha palavra de honra e minha fé de Maçon, perante esta A.·. e R.·.

Loja, de não revelar de maneira alguma, a qualquer Companheiro, Aprendiz, ou Profano, algum dos segredos que me forão ou vão ser confiados, sob as penas a que me submetti por meus primeiros juramentos. Reitero neste momento todas as obrigações que contrahi na Ordem : assim o G.·. A.·. do U.·. me ajude !

Depois do juramento, o Resp.·. dirá :

« A' gloria do G.·. A.·. do U.·., em nome do Grande Oriente (tal), em virtude dos poderes que me forão confiados por esta A.·. e R.·. Loja, eu vos recebo e constituo Mestre Maçon. »

Põe a sua espada sobre a cabeça do Recipiendario, e nella bate conforme a bateria do gráo.

O Recipiendario se levanta.

O Resp.·. lhe diz :

« Meu I.·., temos para reconhecer-nos neste gráo, como nos precedentes, huma palavra sagrada, huma palavra de passe, hum sinal, e hum toque.

« O sinal se faz como já vistes : pinta o

horror que tiverão os Mestres quando virão o cadaver de Hiram.

« A palavra sagrada he a que vos dei ao ouvido quando vos levantei; dá-se recebendo e dando o abraço em tres tempos, pronunciando-se huma syllaba em cada tempo: significa, *a carne deixa os ossos.*

« A palavra de passe he *Giblin:* he este o nome dos habitantes do Monte Gibel, que tiravão as pedras da pedreira e preparavão os cedros para a construcção do Templo.

« Como Mestre, vos chamareis *Gabaon;* o toque he o que vos dei levantando-vos, com a differença que deveis pegar no punho como se pegou no vosso.

« Se hum Maçon se acha em perigo, deve pôr as mãos entrelaçadas sobre a cabeça, com a palma virada para o Céo, e dizer: —A mim, Filhos da Viuva.

« A ordem do gráo he extender a mão, unindo os quatro dedos, o polegar aberto e posto sobre o coração.

« Não se deve pronunciar a palavra sagrada nem dar o toque, senão em Loja de Mestre, e

depois de estar certo que aquelle que a pede he Mestre. »

O Resp.·. põe então ao novo Mestre o avental do seu gráo, e lhe diz :

« Trareis de ora em diante a aba do avental descida. A côr azul de que está bordado vos fará lembrar sem cesssar que hum Maçon deve tudo esperar do Céo, e que em vão os homens pretendem construir, se o G.·. A.·. não se dignar elle mesmo faze-lo. »

Da-lhe a sua espada, dizendo :

« Já conheceis o uso que deveis fazer desta espada. »

Dando-lhe o chapéo, lhe diz :

« De ora em diante estareis coberto em Loja de Mestre : este antiquissimo uso annuncia a liberdade e a superioridade. Até aqui tendes servido como Aprendiz e Companheiro, agora ides mandar, mas temei de abusar. »

O Resp.·. bate, e diz :

« I.·. 1° Vig.·. eu vos envio o novo Mestre, para que como tal o ensineis a trabalhar, e o reconheçais na sua nova qualidade. »

O Mestre de Ceremonias o conduz para en-

tre os dous VV.·. O 1° Vig. lhe faz bater tres pancadas sobre cada huma das tres portas representadas no quadro, ao Oriente, ao Occidente , e ao Meio-dia ; depois recebe delle as palavras, sinaes, e toque. Finalmente bate huma pancada , depois que o 2° Vig.·. tem recebido da mesma maneira do Recipiendario as palavras, sinaes, e toque , e diz :

« Resp.·. , o I.·. está reconhecido , e trabalhou como Mestre. »

O Resp.·. ordena ao Mestre de Ceremonias que o ponha á testa de huma das columnas , e depois disto continua o discurso sobre o gráo dirigindo a palavra ao I.·. novamente recebido :

« Meu I.·. , apenas os Companheiros commettêrão o crime , sentirão toda a sua enormidade. A fim de occulta-lo, se possivel fosse, levárão o corpo de Hiram a alguma distancia dos trabalhos , e o enterrárão em huma cova feita á pressa , tencionando vi-lo buscar na primeira occasião opportuna , e transporta-lo para bem longe ; e para reconhecerem facil-

mente o lugar, ali plantarão hum ramo de acacia.

« Mas bem depressa os Mestres notárão a ausencia de Hiram, e o advertirão a Solomão, que para satisfazer a sua impaciencia ordenou que immediatamente o procurassem. »

« Tres Mestres partirão pela porta do Norte, tres pela porta do Meio-dia, e tres pela do Occidente, convencionando não se apartarem huns dos outros além do alcançe da voz. Ao nascer do Sol, hum delles notou hum vapor que se exhalava no campo, em alguma distancia; este phenomeno fixou a sua attenção, e tendo-o communicado aos outros Mestres, todos se approximárão do lugar donde sahia o vapor. Ao primeiro aspecto virão huma pequena elevação, e conhecêrão que a terra tinha sido revolvida havia pouco tempo, o que confirmou as suas suspeitas; mas o ramo de acacia que cedeu aos primeiros esforços não lhes permittio duvidarem por mais tempo que estes indicios os não fizessem achar o objecto que procuravão. Para verifica-los começárão a cavar, e finalmente achárão o corpo do nosso

respeitavel Mestre, já corrupto, e reconhecêrão ter sido assassinado.

« Era de temer que os assassinos tivessem, á força de tormentos, arrancado a Hiram os sinaes e palavras de Mestre: convencionárão consequentemente que o primeiro sinal, e a palavra que lhes escapasse quando o desenterrassem, serião d'então em diante o sinal e palavra de reconhecimento entre os Mestres.

« Revestirão-se com aventaes e luvas de pelle branca, para mostrarem que não tinhão ensopado suas mãos no sangue innocente; e deputárão hum delles a Solomão para instruí-lo da descoberta do corpo de Hiram.

« Solomão instruido do crime horrivel que o tinha privado de hum amigo, e do Chefe dos Trabalhos, cuja perfeição era a sua unica ambição, se entregou á mais violenta desesperação; rasgou seus vestidos, e jurou tirar a mais justa vingança de hum tão grande attentado.

« Ordenou hum luto geral entre os obreiros do Templo; mandou desenterrar o corpo pelos Mestres; fez-lhe magnificos funeraes, e o col-

locou em hum tumulo de tres pés de largo sobre cinco de profundidade, e sete de comprimento; fez incrustar em cima hum triangulo de ouro mais puro, e gravar no meio do triangulo a antiga palavra de Mestre, que era hum dos nomes Hebraicos do G.·. A.·. do U.·.; finalmente ordenou que a palavra, sinal, e toque serião mudados, substituindo-se-lhes os que forão convencionados pelos nove Mestres.

« Agora vos he facil conhecer a analogia que ha entre as provas por que acabais de passar, e a relação das circunstancias das quaes são o emblema.

« Por pouco que tenhais reflectido nas differentes circunstancias que acompanhárão a vossa recepção, nos gráos a que fostes admittido, talvez tenhais notado alguns pontos que apparentemente se contradizem, ou pelo menos não têem entre si huma perfeita connexão; suspendei por em quanto o vosso juizo a este respeito. Esta diversidade provém da dos objectos que os tres primeiros gráos vos apresentão, que são os pontos fundamentaes de

todos os conhecimentos Maçonicos. Vereis pelo tempo em diante, á força de estudos e indagações, desfazerem-se estas apparentes contradicções. A reunião de todos os conhecimentos vos apresentará hum todo ligado, seguido, satisfactorio, e destinado a conduzir aos mais elevados objectos. He bastante que a ordem vos tenha indicado o caminho que deveis seguir.

« Fostes tratado como Companheiro suspeito; isto faz allusão aos Profanos inimigos da ordem, que a calumnião e a perseguem sem a conhecerem, e contra os quaes devemos empregar a força para repellir seus golpes; a doçura para traze-los a sentimentos mais moderados; e a prudencia em a escolha dos meios que são a isto appropriados.

« Apenas vos justificastes, vossos II.·. se apressárão a dar-vos novos sinaes da sua amizade, admittindo-vos á participação de seus mysterios os mais intimos; desde esse momento conseguistes chegar ao interior.

« As viagens são o emblema das pesquizas do crime, e designão o estado errante e vaga-

bundo do criminoso, que em vão procura escapar aos remorsos e ao castigo.

« A marcha mysteriosa he o symbolo dos esforços que fez Hiram para escapar aos golpes dos assassinos.

« As tres pancadas que recebestes figurão aquellas que lhe forão dadas : ellas vos devem fazer sentir o perigo das tres funestas paixões que muitas vezes cegão ao homem, o Orgulho, a Inveja, e a Avareza.

« Estas mesmas provas são ainda o emblema da grande importancia de nossos mysterios; ellas devem convencer-nos que sempre em todos os lugares, em todas as circunstancias, devemos estar promptos a soffrer tudo, como o nosso Resp.·. M.·. Hiram, sem que cousa alguma nos obrigue a revelarmos os nossos segredos, e faltarmos aos nossos contractos.

« Finalmente, são tambem os emblemas allegoricos de huma infinidade de conhecimentos, que só hum estudo profundo nos póde dar, e que não posso nem devo communicar-vos neste momento.

« Fizerão-vos chegar ao setimo gráo, terceiro e numero perfeito da Maçoneria; vós o tendes obtido pela idade do vosso gráo, diligenciai não descer e perder o numero das perfeições de que estais condecorado. »

Terminado o discurso, o Resp.·. diz:

« VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. que condecorão as vossas columnas, a reconhecerem d'ora em diante ao I.·. N... como Mestre Maçon: e como tal seja reconhecido por todos os Maçons espalhados sobre a superficie da terra. »

Os VV.·. repetem.

O Resp.·. diz: « Applaudamos, meus II.·. »

Applaude-se pela triplice bateria d'Aprendiz.

O Recipiendario agradece.

O Resp.·. faz cobrir o applauso. Todos os II.·. mettem a espada na bainha, e se assentão.

O Resp.·. faz a instrucção inteira do gráo.

Depois da instrucção o Resp.·. diz:

« VVen.·. 1° e 2° VV.·., perguntai aos II.·. nas vossas columnas se nada têem a propôr. »

Os VV.·. annuncião.

Se ha alguma proposição, he discutida; ou se he muito importante, adia-se para outra Sessão.

Se as não ha, o Resp.·. bate, e diz :

« A' ordem, meus II.·. »

Todos se põem a pé, á ordem, e desembainhão as espadas com a mão direita, conservando a ponta voltada para o chão.

ENCERRAMENTO.

O Resp.·. diz :

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., a que hora devemos encerrar nossos trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, hora em que terminamos os nossos trabalhos, II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a que me ajudem a encerrar os trabalhos de Mestre, etc. »

Os VV.·. repetem o anuncio.

Encerrão-se depois os trabalhos de Companheiro, e finalmente os de Aprendiz.

INSTRUCÇÃO.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., sois Mestre?

R. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Onde fostes recebido?

R. Na Camara do meio.

P. Como chegastes ali?

R. Por huma escada que subi por tres, cinco, e sete.

P. E que vistes?

R. Horror, tristeza, e luto.

P. Nada mais vistes?

R. Huma luz sombria illuminava o tumulo do nosso Resp.·. Mestre.

P. Qual era a sua grandeza?

R. Tres pés de largura, cinco de profundidade, e sete de comprimento.

P. Que tinha em cima?

R. Hum ramo de acacia na parte superior, hum triangulo do mais puro ouro, e o nome do Eterno gravado no centro.

P. Que vos aconteceu?

R. Suspeitárão-me de hum crime horrivel.

P. Quem vos animou?

R. A minha innocencia.

P. Como fostes recebido?

R. Passei da esquadria ao compasso.

P. Que procuraveis nesta estrada?

R. A palavra de Mestre que estava perdida.

P. Como se perdeu ella?

R. Por tres grandes pancadas a que succumbi.

P. Quem vos soccorreu?

R. A mão que me tinha ferido.

P. E como?

R. Só o direi em segredo a hum dos meus iguaes, e quando fôr obrigado.

P. Que soubestes?

R. As circunstancias da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram, que foi assassinado no Templo por tres Companheiros, que querião extorquir-lhe a palavra de Mestre, ou tirar-lhe a vida.

P. Que fizerão os Mestres para reconhecerem-se entre si, depois da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram?

R. Convencionárão que a primeira palavra

pronunciada, e o primeiro sinal que se fizesse no momento da descoberta do corpo de Hiram, serião substituidos á antiga palavra e sinal.

P. Quaes forão os indicios da descoberta do corpo do nosso Resp.·. Mestre?

R. Hum vapor da terra, novamente cavada, e hum ramo de acacia.

P. Que fizerão do corpo depois de o terem achado?

R. Solomão o fez enterrar com pompa.

P. Quem era o Mestre Hiram?

R. Era Tyriano, e filho de huma viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual o nome de hum Mestre Maçon?

R. *Gabaon.*

P. Como viajão os Mestres?

R. Do Occidente para o Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porque?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que se acha dividido.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na Camara do meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á descoberta do corpo de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis vós?

R. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos de hum Mestre.

P. Se hum Mestre se achar em perigo de vida que deve fazer?

R. O sinal de perigo, dizendo: —A mim, filhos da Viuva.

P. Como se faz este sinal?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva?

R. He porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais?

R. Porque Solomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de Mestre ?

R. He este o nome de huma montanha onde Solomão fez tirar as pedras para a construcção do templo.

FIM

DO REGULADOR DE VENERAVEL.

Rio de Jan. T. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. - 1834.

2

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS SYMBOLICOS,

OU DOS

TRES PRIMEIROS GRÁOS

do Rito Francez.

SEGUNDA PARTE.

PRIMEIRO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

1834.

PRIMEIRO VIGILANTE.

PRIMEIRO GRÁO,

ou

Grão d'Aprendiz.

PRIMEIRO VIGILANTE

PRIMEIRO CRIAÇÃO.

OU

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão d'Aprendiz.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

O Ven.·. proporá o Profano N.·., etc., e dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, etc., e convidai a todos os II.·. para que indaguem, etc. »

O 1° Vig.·. dirá: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. propõe o Profano N.·. (repete os nomes, prenomes, idade, qualidade, domicilio, etc.), para ser iniciado em nossos A.·. Mys.·., com o titulo de Membro desta Loja; e nos convida a que indaguemos a respeito do Profano proposto, no intervallo desta á proxima Sessão,

para que se delibere se se devem nomear Syndicantes. »

O Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a que nos digão o que sabem relativamente ao Profano proposto, etc. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 1° e 2° VV.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que digamos o que tivermos podido saber relativamente ao Profano proposto na ultima Sessão. »

Se alguns dos II.·. têem observações a fazer, pedem successivamente a palavra, levantando-se, e extendendo a mão.

O Vig.·., na columna a que pertence, dá huma pancada de malhete, a que responde o outro Vig.·., e depois o Ven.·.

O Vig.·. diz : « Venerabilissimo, hum I.·. na minha columna pede a palavra. »

No caso em que muitos II.·. tenhão pedido a palavra, compete ao Vig.·. ver quem a pedio em primeiro lugar.

Se ninguem se levanta, o I.·. 2° Vig.·. diz em voz baixa ao I.·. 1° Vig.·. : « Reina o silencio na minha columna. »

O 1° Vig.·. diz então em voz alta ao Ven.·.; « Venerabilissimo, reina o silencio nas duas columnas. »

O Ven.·. ordena immediatamente o scrutinio, e acrescenta : « I.·. 1° Vig.·., ordenai ao I.·. Mestre de Ceremonias que conte o numero dos votantes, e distribua o scrutinio. »

O 2° Vig.·. dá esta ordem ao M.·. de Cer.·., e este distribue a cada I.·. huma esphera preta e outra branca, e diz o numero dos Membros presentes.

O 1° Vig.·. communica ao Ven.·. o numero dos votantes.

O Ven.·. diz então : « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, etc., e 4 espheras, etc.

O 1° Vig.·. dá huma pancada de malhete, e diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o scrutinio vai ter lugar sobre as conclusões do I.·. Orador, tendentes a que sejão (ou não sejão) nomeados Syndicantes, especialmente encarregados de obterem informações sobre o Profano proposto : as espheras brancas denotão voto a favor-

das mesmas conclusões, e as pretas voto em contrario. »

O Ven.·. bate huma pancada de malhete, que os VV.·. repetem, e annuncia o resultado do scrutinio.

Se os suffragios são unanimes, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai, etc., e convidai os II.·. para que unidos a mim as applaudamos. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « I.·. 2° VV.·., II.·. da columna do Meio dia, o scrutinio adoptou unanimemente as conclusões do I.·. Orador; em consequencia vão ser nomeados Syndicantes especialmente encarregados de obterem informações sobre o Profano proposto. O Ven.·. nos convida para que unidos a elle as applaudamos. »

Se o relatorio dos tres Syndicantes he favoravel, ou, se dos tres dous são favoraveis, o Ven.·. diz: « Meus II.·., na columna de, etc. II.·. 1° e 2° VV.·., proponde o Profano N.·. aos II.·. de vossas columnas, e pedi-lhes as suas observações. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « I.·. 2° Vig.·.,

II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. propõe para ser iniciado em nossos mysterios o Profano N.·., e nos pede as nossas observações. »

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven.·. diz:

P. I.·. 1° Vig.·., sois Maçon?

R. Todos os meus II.·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja?

R. He saber se a Loja está coberta.

« Certificai-vos, meu I.·. »

O 1° Vig.·. diz ao 2°: « I.·. 2° Vig.·., certificai-vos se a Loja está coberta. »

O I.·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig.·., que os trabalhos estão cobertos; este diz o mesmo ao 1° Vig.·., que diz em alta voz: « Venerabilissimo, os trabalhos estão cobertos. »

P. Qual he o segundo dever de hum Vig.·. em Loja?

R. He saber se os II.·. estão á ordem.

P. Estão elles á ordem ?

O 2° Vig.·. diz : « Todos os II.·. estão á ordem na columna do Norte. »

O 1° Vig.·. diz em voz alta : « Venerabilissimo, todos os II.·. estão á ordem em ambas as columnas. »

P. A que hora costumão os Maçons abrir os seus trabalhos ?

R. Ao meio dia.

P. Que horas são ?

R. Meio dia.

O Ven.·. diz : « Como he meio dia, etc., para abrir a Loja de Maçon no gráo de Aprendiz. »

O I.·. 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida para que unidos a elle abramos os trabalhos da A.·. e R.·. Loja (tal) no gráo de Aprendiz Maçon. »

O 2° Vig.·. repete o annuncio.

O Ven.·. bate sobre o altar as tres pancadas mysteriosas ! ! ! , que os VV.·. repetem.

O Ven.·. diz : « I.·. Secretario, lêde, etc.

II.·. 1° e 2° VV.·. , convidai os II.·. a que prestem attenção a esta leitura. »

O I.·. 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a prestarmos attenção á leitura da Prancha de nossos ultimos trabalhos. »

Depois da leitura o Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai etc., de que acabão de ouvir a leitura. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que apresentêmos as nossas observações sobre a Prancha que acaba de ler-se. »

Se não ha observações a fazer, os VV.·. o advertem em voz alta ao Ven.·. ; ou quando está acabada a discussão, o Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a que applaudamos etc. »

Se ha Visitantes na Sala dos Passos-Perdidos, o I.·. M.·. de Cer.·. o adverte em voz baixa ao I.·. 2° Vig.·., que dá huma pancada de malhete, a que responde o Ven.·., e depois o 1° Vig.·., o qual diz : « Venerabilissimo, existem na Sala dos Passos-Perdidos alguns

II.·. Visitantes, que pedem ser admittidos a nossos trabalhos. »

O Ven.·. diz: « I.·. Experto, informai-vos quem são estes II.·., etc. »

O I.·. Experto, depois de ter executado as ordens que lhe forão dadas, bate á porta por meio da bateria do gráo.

O I.·. Cobridor adverte em voz baixa ao 2° Vig.·. que hum Maçon bate á porta; este o communica ao 1° Vig.·., que diz em alta voz, depois de ter dado huma pancada de malhete: « Venerabilissimo, bate-se regularmente á porta do Templo. »

O Ven.·. diz: « Meu I.·., fazei ver quem bate; se he Membro da Loja, etc.; se he hum Visitante, franqueai-lhe a entrada, depois de ter dado as palavras de Passe e Ordem. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·.: « I.·. 2° Vig.·., fazei ver quem bate. »

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Cobridor: « Vede quem bate. »

O I.·. Cobridor introduz o I.·. Experto, se foi elle quem bateu, e fecha a porta: se fôr hum Membro da Loja, o I.·. Cobridor o ad-

verte ao 2° Vig.·., que diz em voz alta ao Ven.·.: « He o I.·. tal. »

Quando são Visitantes, e depois de terem tomado lugares, o Ven.·. dirá : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. de vossas columnas a que unidos a mim, etc. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que unidos a elle applaudamos a presença dos II.·. Visitantes. »

O 2° Vig.·. repete o annuncio.

O Ven.·. diz : « Meus II.·., por dous scrutinios etc., vos rogo testemunheis o vosso consentimento da maneira costumada. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que mostremos o nosso consentimento da maneira costumada. »

Batem-se tres pancadas irregulares á porta da Loja.

O 2° Vig.·. bate, e diz ao 1° Vig.·. : « Bate-se irregularmente á porta do Templo ? »

O 1° Vig.·. bate igualmente, e diz : « Ve-

nerabilissimo, batem irregularmente á porta do Templo. »

O Ven.·. diz: « Vede quem bate assim. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « Fazei saber quem bate assim, I.·. 2° Vig.·. »

O 2° Vig.·. depois de ter sido avisado pelo I.·. Cobridor, diz : « He hum Profano que quer ser Maçon. »

O 1° Vig.·. diz ao Ven.·. : « He hum Profano que quer ser Maçon, Venerabilissimo. »

Nota. Os Vigilantes observão as mesmas formalidades a respeito das perguntas que o Veneravel faz dirigir ao Recipiendario.

Introduzido o Recipiendario, os VV.·. sem largarem os seus malhetes, se approximão do Profano, lhe pegão cada hum em huma mão, e depois de alguns instantes de silencio, o 1° Vig.·. dirá : « Venerabilissimo, eis o Profano. »

Quando o Ven.·. der ordem para a primeira viagem, os VV.·. tomão os seus lugares; e quando o mesmo Ven.·. dá ordem para fazer approximar o Neophyto, pelos tres passos de

Aprendiz, o 1° Vig.·. lhos ensina, e o faz subir os tres primeiros degráos do Templo.

O Neophyto dá aos VV.·. as palavras, toques, e sinaes.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc. »

O 1° Vig.·. dirá: « II.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que reconheçamos para o futuro ao I.·. N... por Aprendiz Maçon, e Membro desta A.·. e R.·. Loja, e a que nos unamos a elle para applaudirmos a sua iniciação. »

INSTRUCÇÃO.

P. I.·. 1° Vig.·., sois Maçon?

R. Todos os meus II.·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever de hum Vig.·. em Loja?

R. He saber se a Loja está bem coberta.

« Certificai-vos, meu I.·. »

Depois de se terem preenchido as formalidades prescriptas e detalhadas na abertura da Loja, o Ven.·. continua:

P. O que he hum Maçon?

R. He hum homem igualmente amigo do pobre e do rico, se são virtuosos.

P. Que viemos nós fazer em Loja?

R. Vencer as paixões, submetter nossas vontades, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Onde vos recebêrão Maçon?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Que he necessario para que huma Loja seja justa e perfeita?

R. Tres a governão, cinco a compoem, e sete a fazem justa e perfeita.

P. Desde quando sois Maçon?

R. Desde que recebi a Luz.

P. Como reconhecerei que sois Maçon?

R. Por meus sinaes, toques, e palavras.

P. Como se fazem os sinaes de Maçon?

R. Por esquadria, nivel, e perpendicular.

P. Dai-me o sinal de Aprendiz?

R. (Elle o dá.)

P. Que significa este sinal?

R. Que preferiria ter a garganta cortada a revelar os segredos dos Maçons.

P. I.·. 2° Vig.·., dai os toques ao I.·. 1° Vig.·.

R. O I.·. 1° Vig.·. diz: « He justo, Venerabilissimo. »

P. Dai-me a palavra ?

R. Não devo ler, nem escrever; só posso soletrar : dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra ?

R. *Minha força está em Deos.* Era este o nome de huma columna d'aço collocada ao Septentrião do Templo de Solomão, onde se reunião os Aprendizes para receberem o seu salario.

P. Dai-me a palavra de Passe de Aprendiz.

R. (Elle a dá.)

P. Que significa ella ?

R. He este o nome do filho de Lamech, que inventou a arte de fundir os metaes.

P. Porque desejastes ser Maçon ?

R. Porque estava nas trevas, e queria ver a Luz.

P. Quem vos apresentou em Loja ?

R. Hum amigo virtuoso que depois reconheci por meu Irmão.

P. Em que estado vos apresentárão em Loja ?

R. Nem nú, nem vestido, mas em hum estado decente, e privado de todos os metaes.

P. E porque estaveis em tal estado ?

R. Nem nú, nem vestido, para representar o estado de innocencia, e para nos fazer lembrar que a virtude não necessita de ornamentos ; desprovido de metaes, porque elles são o emblema e muitas vezes a origem dos vicios que o Maçon deve evitar.

P. Como vos introduzirão em Loja ?

R. Por tres grandes pancadas.

P. Que significão estas tres pancadas ?

R. *Pedi*, vos daráõ ; *Procurai*, achareis ; *Batei*, abrir-vos-hão.

P. Qual foi o resultado ?

R. Hum Experto me perguntou meus nomes e prenomes, patria, idade, estado, e se era minha vontade ser Maçon.

P. Que fez de vós este I.·. Experto ?

R. Introduzio-me em Loja entre dous VV.·.,

e me fez viajar como Aprendiz Maçon, a fim de mostrar-me as difficuldades que se encontrão para ser Maçon.

P. Que vos aconteceu depois?

R. O Ven.∴ da Loja, com o consentimento unanime de todos os II.∴, me recebeu Maçon.

P. Como vos recebeu elle Maçon?

R. Com todas as formalidades requeridas.

P. Que formalidades são estas?

R. Tinha o joelho direito nú sobre a esquadria, a mão direita sobre a espada; e na mão esquerda tinha hum compasso aberto em esquadria, com huma das pontas dirigida sobre o peito esquerdo que estava descoberto.

P. Que fazieis nesta postura?

R. Jurava guardar os segredos da Ordem.

P. Que vistes quando entrastes na Loja?

R. Nada, Venerabilissimo.

P. E que vistes quando vos derão a Luz?

R. Vi o Sol, a Lua, e o Ven.∴ da Loja.

P. Que relação póde haver entre estes astros, e o Ven.∴ da Loja?

R. Assim como o Sol preside ao dia, e a

Lua á noite, assim o Ven.∴ preside á Loja para illumina-la.

P. Onde estava o Ven.∴ da Loja?

R. No Oriente.

P. Porque?

R. Assim como o Sol se levanta no Oriente para começar a carreira do dia, assim o Ven.∴ está no Oriente para abrir a Loja, illuminar os trabalhos, e pôr os obreiros em actividade.

P. Onde estão os VV.∴?

R. No Occidente.

P. Para que?

R. Para ajudar ao Ven.∴ em seus trabalhos, pagar os obreiros, e despedi-los contentes.

P. Onde estão os Aprendizes?

R. No Septentrião, porque só podem supportar huma fraca luz.

P. Como se chama a vossa Loja?

R. A Loja de S. João.

ENCERRAMENTO.

P. Que idade tendes?

R. Tres annos, Venerabilissimo.

P. A que horas terminão os Maçons os seus trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. Meia noite, Venerabilissimo.

« Como he meia noite, hora em que os Maçons costumão terminar os seus trabalhos etc., II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos II.·. etc. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que unidos a elle encerremos os trabalhos de Aprendiz Maçon na A.·. e R.·. L.·. (tal)... ao Or.·. tal. »

Depois do annuncio o Ven.·. bate tres pancadas de malhete na forma da bateria costumada : cada Vig.·. bate outras tantas, e neste momento todos os II.·. se levantão, e poem-se á ordem.

O Ven.·. diz : « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Aprendiz, e terminão-se os trabalhos pela triplice bateria e pelo triplice viva.

BANQUETE.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se os trabalhos estão bem cobertos. »

Cada hum dos VV.·. certifica-se da qualidade Maçonica de todos os individuos pertencentes ás suas columnas, lançando os olhos sobre elles, e reconhecendo-os por Maçons.

O 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.: « Eu respondo, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « Venerabilissimo, o I.·. 2° Vig.·. e eu, respondemos pelos II.·. de ambas as columnas. »

O Ven.·. diz: « Respondo por aquelles que estão no Oriente. »

Nota. Para saber-se a ordem inteira das saudes, he necessario recorrer ao Caderno do Ven.·. deste gráo.

PRIMEIRO VIGILANTE.

SEGUNDO GRÁO,

OU

Grão de Companheiro.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Companheiro.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que façamos as nossas observações a respeito do pedido do I.·. N... »

Estando os trabalhos abertos, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos propõe o I.·. N... para ser admittido ao gráo de Companheiro, e nos convida a que

façamos as nossas reflexões a respeito desta pretenção. »

O Ven.·. fará o annuncio da maneira costumada.

Os VV.·. repetem o annuncio. Se o scrutinio he favoravel, o Ven.·. convidará os II.·. nas duas columnas para que applaudão com elle.

Os VV.·. repetem, e todos executão a ordem.

ABERTURA.

O Ven.·. dá huma pancada de malhete, repetida pelos VV.·., e diz: « A mim, meus II.·.; e depois acrescenta: « II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se todos os II.·. nas vossas columnas são Companheiros. »

Ainda que seja muito facil aos VV.·. verificarem se todos os II.·. são Companheiros, pois que devem conhecer os gráos de que cada hum se acha revestido, sobre tudo se não ha Visitantes desconhecidos, não será comtudo desacertado que cada hum dos Vigilantes percorra a sua columna, e peça a cada I.·. a pa-

lavra, toque, e sinal do gráo. Esta formalidade faz lembrar a todos o que he commum esquecer-se por falta de pratica.

Quando os VV.·. tiverem feito o seu giro, tornão a seus lugares, e dão conta ao Ven.·. da commissão que lhes deu.

O Ven.·. fará aos VV.·. alternativamente as cinco questões seguintes:

P. I.·. 1° Vig.·., sois Companheiro?

R. Eu o sou.

P. Para que quizestes ser Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que horas começão os Companheiros os seus trabalhos?

R. Ao meio dia.

P. E que horas são?

R. Meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he meio dia, etc., II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a

nos reunirmos a elle para abrirmos os trabalhos de Companheiro. »

Depois do annuncio, o Ven.·. bate cinco pancadas de malhete ! ! ! ! !, repetidas da mesma maneira pelos VV.·.; e depois o Ven.·. diz: « A mim, meus II.·. »

Todos juntos fazem o sinal, e depois applaudem por cinco, repetidos tres vezes.

O Ven.·. diz: « Estão abertos os trabalhos de Companheiro. »

O 1° Vig.·. diz: « Estão abertos os trabalhos de Companheiro. »

Estando assim em vigor os trabalhos de Companheiro, o Ven.·. communica de novo o objecto da Sessão; e depois de ter proposto o I.·. que deve ser admittido ao gráo de Companheiro, convida os VV.·. a que peção as observações dos II.·. de suas respectivas columnas. Se não ha quem falle, pede o sinal de approvação, levantando a mão.

O Aspirante bate á porta do Templo com o toque de Aprendiz; o I.·. Cobridor o annuncia ao 2° Vig.·.; o 2° Vig.·. o diz em voz bai-

xa ao 1° Vig.·., e este o communica em voz alta ao Ven.·., dizendo: « Venerabilissimo, hum Aprendiz bate á porta do Templo. »

O Ven.·. diz: « Vêde quem bate. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor: « Vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig.·., e este ao 1°, e este ultimo ao Ven.·. em alta voz: « He hum Aprendiz que quer ser admittido Companheiro. »

O Ven.·. diz: « Perguntai-lhe, etc. »

O 1° Vig.·. diz ao 2°: « Perguntai-lhe se acabou o seu tempo, se crê que seu Mestre está contente delle, e se he esta a sua ultima vontade. »

A resposta do Recipiendario chega ao Ven.·. pelas mesmas vias, e este diz: « Fazei entrar o Aprendiz. »

Conduzem-no entre os dous VV.·. Depois das viagens, e de ter recebido do Ven.·. o que deve ter, sinaes, toques, e palavras do gráo, este lhe diz: « Meu I.·., ide-vos fazer reconhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·.

Os VV.·. dão conta da exactidão da palavra, toque, e sinal, que lhes deu o Companheiro.

Depois disto, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. em huma e outra columna a reconhecerem, etc. »

O 1° Vig diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que para o futuro reconheçamos o I.·. N... por Companheiro desta A.·. e R.·. L.·., e para applaudirmos a sua recepção. »

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Companheiro?

R. Eu o sou.

P. Para que desejastes ser admittido Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que significa esta letra?

R. Geometria.

P. E que mais significa?

R. He a inicial de hum dos nomes do G.·. A.·. do U.·.

P. Como vos receberão?

R. Passei da columna I.·., á columna B.·., e subi os primeiros cinco degráos do Templo.

P. Por que porta os subistes?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que ieis fazer ao Templo?

R. Cavar masmoras ao vicio, e levantar templos á virtude.

P. Quem se oppôz á vossa entrada?

R. O I.·. Cobridor.

P. Que exigio elle de vós?

R. Hum sinal, hum toque, e huma palavra.

P. Que vistes ao subir os degráos do Templo?

R. Duas grandes columnas.

P. De que materia erão ellas compostas?

R. Erão de aço.

P. Qual era a sua altura?

R. Dezoito pés cubos.

P. A sua circumferencia?

R. Doze pés cubos.

P. A sua espessura?

R. Quatro dedos.

P. Erão portanto vasias?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. Porque?

R. Para encerrar as ferramentas dos Companheiros e Aprendizes, assim como o thesouro destinado ao pagamento do seu salario,

P. Como recebem os obreiros o seu salario?

R. Por hum sinal, hum toque, e huma palavra; os Aprendizes pelos de Aprendiz, e os Companheiros pelos do seu gráo.

P. Quaes erão as decorações das columnas?

R. Folhas de acantho ornavão os capiteis, e estes estavão cobertos de innumeraveis frutas da romeira.

P. Onde fostes recebido Companheiro?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Qual era a sua forma?

R. Hum quadrado longo.

P. De que comprimento era?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. E de que largura?

R. Do Meio dia ao Septentrião.

P. Qual era a sua altura?

R. Innumeros pés, toezas, e cubos.

P. Como estava coberta?

R. Com hum docel azul celeste, semeado de estrellas.

P. O que a sustentava ?

R. Tres pilastras de forma triangular.

P. Como chamais a estas tres pilastras.

R. *Sabedoria*, *Força*, *Belleza*.

P. E porque as chamais assim ?

R. *Sabedoria* para inventar, *Força* para executar, *Belleza* para ornar.

P. Qual era a sua profundidade ?

R. Da superficie da terra ao centro.

P. Porque respondeis assim ?

R. He para dar a entender que todos os Maçons espalhados sobre a superficie da terra formão hum hum só Povo, governado pelas mesmas Leis, e pelos mesmos usos.

P. Tendes alguns ornamentos na vossa Loja ?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero ?

R. Em numero de tres.

P. E quaes são elles ?

R. O Pavimento mosaico, a Estrella flammejante, e o Festão recortado.

P. Qual he o seu uso ?

R. O Pavimento mosaico ornava a soleira do grande Portico do Templo; a Estrella flammejante estava no meio, e illuminava o centro, donde parte a verdadeira luz que esclarece as quatro partes do Mundo; e o Festão recortado bordava e ornava as extremidades.

P. Dai-me a explicação moral destes tres ornamentos?

R. O Pavimento mosaico he o emblema da união intima que reina entre os Maçons; a Estrella flammejante he o emblema do G.·. A.·. do U.·., que brilha de huma luz que tira de si proprio; o Festão recortado significa o laço que une a todos os Maçons, e faz huma unica familia em toda a terra.

P. Tendes algumas joias na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero?

R. Em numero de seis, tres moveis, e tres immoveis.

P. Quaes são as joias moveis?

R. A esquadria que traz o Venerabilissimo, o Nivel que traz o 1° Vig.·., e a Perpendicular ou linha de prumo que traz o 2° Vig.·.

P. Quaes são as joias immoveis ?

R. A Prancha de traçar, a Pedra cubica ponte aguda, e a Pedra bruta.

P. Qual he o uso das joias moveis ?

R. A Esquadria serve para pôr a superficie dos materiaes em angulos rectos entre si ; o Nivel serve para collocar horisontalmente as pedras humas junto das outras ; e a Perpendicular para construir os edificios perfeitamente a prumo sobre as suas bases.

P. Dai-me a explicação em sentido moral.

R. A Esquadria nos adverte que todas as nossas acções devem ser reguladas pela rectidão e justiça ; o Nivel, que deve reinar huma perfeita igualdade entre todos os Maçons ; a Perpendicular, que todos os bens dimanão do alto.

P. Qual he o uso das joias immoveis ?

R. A Prancha serve aos Maçons para traçarem seus planos e desenhos ; a Pedra cubica ponte aguda serve aos Companheiros para amolarem a sua ferramenta ; e a Pedra bruta serve aos Aprendizes para aprenderem a trabalhar.

P. Que significão em sentido moral?

R. A prancha de traçar he o emblema do bom exemplo que devemos a nossos II.·., e a todos os homens; a Pedra cubica he o symbolo dos cuidados que todo o homem virtuoso deve tomar para apagar as nodoas que o vicio lhe imprimio, e corrigir as paixões a que todos somos sugeitos; finalmente, a Pedra bruta he a imagem do homem grosseiro e salvagem, que só o estudo continuo de si mesmo póde polir e tornar perfeito.

P. Quantas especies ha de Maçons?

R. Duas especies, huns de Theoria, e outros de Pratica.

P. O que aprendem os Maçons de Theoria?

R. Huma boa moral que serve a apurar nossos costumes, e a tornar-nos agradaveis a todos os homens.

P. E o que he hum Maçon de pratica?

R. He o obreiro dos edificios.

P. Como conhecerei que sois Maçon?

R. Por meus sinaes, palavras, e toques.

P. Quantos sinaes ha na Maçoneria?

R. São innumeros, Venerabilissimo; mas reduzem-se a cinco principaes.

P. Quaes são elles ?

R. O Vocal, o Guttural, o Peitoral, o Manual, e o Pedestre.

P. De que servem elles ?

R. O Vocal para dar a palavra, o Guttural para dar o sinal de Aprendiz, o Peitoral o de Companheiro, o Manual para dar o toque de hum e outro gráo, e o Pedestre para executar-se a marcha de ambos.

P. Quantas janellas ha em huma Loja ?

R. Tres.

P. E onde estão collocadas ?

R. Ao Oriente, ao Occidente, e ao Meio dia.

P. Porque o Septentrião não tem nenhuma ?

R. Porque o Sol o esclarece fracamente.

P. De que servem ellas ?

R. Para illuminarem os obreiros quando vêem para o trabalho, em quanto o executão, e quando o largão.

P. Vistes hoje o vosso Mestre ?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E como estava vestido ?

R. De ouro e azul celeste.

P. Que significão estas côres ?

R. O ouro significa riqueza, e o azul sabedoria; dons que o G.·. A.·. do U.·. concedeu a Solomão.

P. Onde estão os Companheiros ?

R. No Meio dia.

P. Porque ?

R. Como mais illuminados que os Aprendizes, e para servirem os Mestres.

P. Como servis a vosso Mestre ?

R. Com alegria, fervor, e liberdade.

P. E quanto tempo o servis ?

P. Desde a Segunda feira de madrugada até Sabbado á noite.

P. Recebestes salario ?

R. Venerabilissimo, estou contente.

P. E onde o recebestes ?

R. Na columna B.·.

P. Que indica esta letra ?

R. He a inicial de huma palavra que serve a reconhecer-nos.

P. Dizei-ma ?

R. Dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra ?

R. Significa perseverança no bem.

P. Dizei-me a palavra de Passe ?

R. (Elle a dá.)

P. Que significa ?

R. Numeroso como espigas de trigo.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS.

P. Que idade tendes ?

R. Cinco annos.

P. A que horas se acabão os trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. He meia noite.

« Como he meia noite, etc. »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a nos reunirmos a elle para encerrarmos os trabalhos de Companheiro na A.·. e R.·. L.·. de...., ao Oriente de.... »

O 2° Vig.·. repete o annuncio.

Depois do annuncio, o Ven.·. bate cinco pancadas de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Companheiro, e applaudem.

O Ven.·. bate, e diz: « Estão encerrados os trabalhos de Companheiro. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « Meus II.·., estão terminados os trabalhos de Companheiro. »

PRIMEIRO VIGILANTE.

TERCEIRO GRÁO,

OU

Grão de Mestre.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Gràо de Mestre.

DOS PRELIMINARES.

Todo o Companheiro que tiver preenchido as condições prescriptas, e desejar ser admittido ao gráo de Mestre, o pedirá em particular ao Irmão 1° Vigilante.

Na occasião em que este ultimo julgar que os trabalhos o permittem, dirá : « Venerabilissimo, o I.·. N.·. Companheiro desta Loja pede o favor de ser admittido ao gráo de Mestre. »

O Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., etc., pedi aos II.·. as suas observações. »

O 1° Vig.·. diz, depois de ter dado huma pancada de malhete, segundo o costume :

« I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a que façamos as nossas observações. »

O 2° Vig.·. repete.

Nota. Se o I.·. proposto está presente, o 1° Vig.·. dirá: « O Companheiro pede a permissão de cobrir o Templo. »

Quando se terminarem as observações, os Aprendizes e os Companheiros cobrem o Templo.

Segundo Preliminar.

Os VV.·. deixão os seus lugares, e percorrem as suas respectivas columnas para saberem se todos os II.·. são Mestres, perguntando-lhes separadamente em voz baixa as palavras, toque, e sinal do gráo. Voltão depois aos seus lugares, e dão conta ao Ven.·.

ABERTURA.

P. Ven.·. 1° Vig.·., qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja de Mestre?

R. Respeitabilissimo, he saber se todos os II.·. são Mestres.

P. Tendes disso certeza ?

R. Temos, Resp.·.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., sois Mestre ?

R. Resp.·., experimentai-me ; a acacia me he conhecida.

P. Dai-me o sinal de Mestre ?

R. (Elle o dá.)

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., que idade tendes ?

R. Sete annos e mais.

P. A que horas começão os trabalhos ?

R. Ao meio dia.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são ?

R. Meio dia.

O Resp.·. diz : « Como he meio dia, VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·., etc.

O 1° Vig.·. diz : « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida a nos reunirmos a elle para a abertura dos trabalhos no grão de Mestre. »

O 2° Vig.·. repete.

O Resp.·. dá nove pancadas de malhete.

Os VV.·. repetem a bateria.

O Resp.·. diz: « Estão abertos os trabalhos de Mestre. »

O 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. MM.·. que condecorais a columna do Meio dia, estão abertos os trabalhos de Mestre. »

O 2° Vig.·. repete.

RECEPÇÃO.

O I.·. Cobridor annuncia ao 2° Vig.·. que se bate como Companheiro; este o diz ao 1° Vig.·., que diz em voz alta ao Resp.·.: « Resp.·., hum Companheiro bate á porta do Templo. »

O Resp.·. diz: « Qual he o Companheiro, etc. Vede quem bate. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·.: « Vede quem bate. »

O 2° Vig.·. faz a pergunta; e depois da resposta do I.·. Cobridor, diz ao 1° Vig.·.: « He hum Companheiro, etc. »

O 1° Vig.·. diz ao Resp.·.: « Resp.·., he

hum Companheiro que acabou o seu tempo, e quê quer ser admittido Mestre. »

O Resp.·. diz : « Perguntai-lhe o seu nome, etc. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « Perguntai-lhe o seu nome, seus prenomes, sua idade, e seu estado civil. »

O I.·. Cobridor communica ao 2° Vig.·. a resposta do Companheiro, e este ao 1° Vig.·., que diz em alta voz ao Resp.·. : « O Aspirante tem cinco annos passados; trabalhou no exterior do Templo sobre a pedra polida, e preparou as ferramentas. »

O Resp.·. diz : « Fazei-lhe perguntar se está sinceramente disposto, etc. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto a cumprir os deveres de hum Mestre Maçon, e se nada tem a arguir-se a respeito dos juramentos que precedentemente prestou. »

O I.·. 2° Vig.·. diz isto mesmo ao I.·. Cobridor. Logo que a resposta do Aspirante chega ao Resp.·., elle bate, e diz : « Introduzi o Companheiro. »

Introduzido o Companheiro, os VV.·., com ordem do Ven.·., o agarrão. O 1° Vig.·. lhe põe a ponta da sua espada sobre o coração.

A' ordem da primeira viagem, os VV.·. tornão aos seus lugares, e não os deixão sem ordem expressa.

A cada viagem o 1° Vig.·. bate, e diz: « Resp.·., a primeira (2ª ou 3ª) viagem está feita. »

O 2° Vig.·., depois de ter procurado, conforme a ordem que recebeu, diz: « Nossas indagações, etc. »

O 1° Vig.·. se faz acompanhar por dous II.·., com os quaes faz o giro da Loja começando pelo Meio dia, e sondando a terra com a ponta da sua espada. Logo que voltar ao Occidente, o mesmo 1° Vig.·. bate, e diz: « Resp.·., nossas diligencias forão baldadas. »

O Resp.·. se ajunta com outros dous II.·. aos VV.·.; fazem todos por tres vezes o giro da Loja; no segundo giro o I.·. 2° Vig.·. pára, e diz: « Resp.·., vejo hum vapor, etc. »

No terceiro giro, depois do qual o Resp.·. pára defronte do quadro, etc., o 1° Vig.·. diz:

« Resp ∴, a terra me parece cavada de fresco neste lugar, talvez aqui achassemos o objecto que procuramos. »

O Resp ∴ levanta com a ponta da sua espada huma parte do véo, etc.

O 2° Vig ∴ se approxima, pega no index, etc.

O 1° Vig ∴ se approxima, pega no segundo dedo ou medius do Recipiendario, pucha-o, e logo o deixa cahir, dizendo: « B ∴, e dá hum passo para traz, com o sinal de horror. »

O Resp ∴ se approxima tambem do Recipiendario, e diz, etc.

O 2° Vig ∴ diz: « Resp ∴, suppuz, etc. »

O 1° Vig ∴ diz: « Resp ∴, suppuz poder-lo levantar, *mas a carne deixa os ossos.* »

O Resp ∴, ajudado pelos VV ∴, levanta o Recipiendario.

Todos os II ∴ voltão aos seus lugares.

Fazem approximar o Recipiendario do quadro, onde estará tambem o 1° Vig ∴, que lhe fará dar tres pancadas sobre cada huma das portas figuradas no mesmo quadro, e delle receberá as palavras, teque, e sinal; e depois que o 2° Vig ∴ tiver feito outro tanto,

reconhecendo ao Recipiendario por Mestre, o 1° Vig.·. bate, e dirá: « O I.·. N.·. trabalhou de Mestre, e como tal está reconhecido. »

Terminado o discurso, o Resp.·. diz: « VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. a que reconheção, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·. VVen.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida a que reconheçamos para o futuro o I.·. N.·. por Mestre Maçon, e como tal seja reconhecido por todos os Maçons espalhados sobre a superficie da terra. »

O 2° Vig.·. repete.

Depois da instrucção, o Resp.·. diz: « VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., perguntai, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. pergunta se nada tendes a propôr. »

ENCERRAMENTO.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., a que horas devemos encerrar nossos trabalhos?

R. A' meia noite.

P. E que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc., VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os VVen.·. II.·. a que me ajudem a encerrar os trabalhos de Mestre. »

O 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VV.·. Mestres que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida a que o ajudemos a encerrar os trabalhos de Mestre. »

Encerrão-se ao depois os de Companheiro, e finalmente os de Aprendiz.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Mestre?

R. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Onde fostes recebido?

R. Na Camara do Meio.

P. Como chegastes ali?

R. Por huma escada que subi por tres, cinco, e sete.

P. Que vistes naquelle lugar?

R. Horror, luto, e tristeza.

P. E nada mais vistes?

R. Vi huma luz sombria illuminando o tumulo do nosso Resp.·. Mestre.

P. Qual era a grandeza deste tumulo?

R. Tres pés de largura, cinco de profundidade, e sete de comprimento.

P. Que tinha elle em cima?

R. Hum ramo de acacia na parte superior, hum triangulo do mais puro ouro, e o nome do Eterno gravado no centro.

P. Que vos aconteceu?

R. Suspeitárão-me de hum crime horrivel.

P. Quem vos animou?

R. A minha innocencia.

P. Como fostes recebido?

R. Passei da esquadria ao compasso.

P. Que procuraveis nesta estrada?

R. A palavra de Mestre que se tinha perdido.

P. Como se perdeu ella?

R. Por tres grandes pancadas, ás quaes succumbi.

P. Quem vos soccorreu?

R. A mão que me tinha ferido.

P. E como?

R. Só o direi em segredo a hum dos meus iguaes, e quando fôr a isso obrigado.

P. Que soubestes?

R. As circunstancias da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram, que foi assassinado no Templo por tres Companheiros que querião extorquir-lhe a palavra de Mestre, ou tirar-lhe a vida.

P. Que fizerão os Mestres para se reconhecerem entre si depois da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram?

R. Convencionárão que a primeira palavra pronunciada, o primeiro sinal feito na occasião da morte do nosso Resp.·. Mestre Hiram, serião substituidas á antiga palavra e sinal.

P. Quaes forão os indicios da descoberta do corpo do nosso Resp.·. Mestre?

R. Hum vapor da terra novamente revolvida, e hum ramo de acacia.

P. Que fizerão do corpo depois de o terem achado?

R. Salomão o fez enterrar com pompa.

P. Quem era o Mestre Hiram?

R. Era Tyriano, e filho de huma Viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual he o nome de hum Mestre Maçon?

R. *Gabaon.*

P. Como viajão os Mestres?

R. Do Occidente ao Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porque?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que está dividido.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na Camara do Meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á procura de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis?

R. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Se hum Mestre se achar em perigo que deve fazer ?

R. O sinal de perigo, dizendo : — A mim, Filhos da Viuva !

P. Como se faz este sinal ?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva ?

R. Porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre ?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais ?

R. Porque Solomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de Passe de Mestre ?

R. He este o nome de huma montanha onde Solomão fez tirar as pedras para a construcção do Templo.

FIM

DO REGULADOR DO PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Jan. T. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. - 1834.

3

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS SYMBOLICOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^{ie}
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS SYMBOLICOS,

OU DOS

TRES PRIMEIROS GRÁOS

do Rito Francez.

TERCEIRA PARTE.

SEGUNDO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

1834.

SEGUNDO VIGILANTE.

PRIMEIRO GRÁO,

OU

Grão d'Aprendiz.

REGULADORES

DOS

GRAOS SYMBOLICOS.

Grão d'Aprendiz.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

O Ven.·. proporá o Profano N..., etc., e dirá: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, etc.; e convidai todos os II.·. a que indaguem a respeito do Profano proposto, no intervallo desta á proxima reunião, etc.

Depois do annuncio do 1° Vig.·., o 2° Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. propõe o Profano N... (repetindo os nomes, prenomes, idade, qualidade, domicilio), para ser iniciado em nossos A.·. Mysterios, com o titulo de Membro desta R.·. L.·.; e nos convida a tirarmos informações

a seu respeito, no intervallo desta á proxima reunião, para que se delibere então se devem ser nomeados Syndicantes.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai nossos II.·. a dar-nos informações, etc.

O 2° Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que informemos a esta A.·. e R.·. L.·. de tudo quanto soubermos relativamente ao Profano proposto na ultima Sessão. »

Se alguns dos II.·. têem observações a fazer, pedem a palavra, levantando-se, e extendendo a mão.

O Vig.·. da columna a que pertencem dá huma pancada de malhete, á qual responde o outro Vig.·., e depois o Ven.·. da mesma maneira.

O mesmo Vig.·. diz: « Venerabilissimo, hum I.·. na minha columna pede a palavra. »

No caso de muitos dos II.·. pedirem a palavra, ao Vig.·. compete ver quem a pedio em primeiro lugar. Se ninguem pede a palavra, o 2° Vig.·. dirá em voz baixa ao 1° Vig.·.:

« I.·. 1° Vig.·., reina o silencio na minha columna. »

O 1° Vig.·. diz então em voz alta : « Venerabilissimo, reina o silencio em ambas as columnas. »

Então o Ven.·. ordena immediatamente o scrutinio, e ajunta : « I.·. 1° Vig.·., certificai-vos do numero dos votantes, e fazei distribuir o scrutinio. »

O I.·. 2° Vig.·. communica esta ordem ao I.·. M.·. de Cer.·., e este distribue a cada I.·. duas espheras, huma branca e outra preta, e dá conta do numero d s votantes.

O 1° Vig.·. annuncia este numero ao Ven.·.

Então o Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai nas vossas columnas, etc. As espheras brancas serviráõ para a adopção das conclúsões do I.·. Orador, e as espheras pretas para denotar voto contrario. » .

O 1° Vig.·. annuncia.

O 1° Vig.·. bate, e diz : « II.·. da columna do Norte, o scrutinio vai passar sobre as conclusões do I.·. Orador, tendentes a que sejão (ou não sejão) nomeados Commissarios

para syndicarem a respeito do Profano proposto : as espheras brancas denotão voto a favor, e as pretas voto contrario ás conclusões do I.·. Orador.

O Ven.·. dá huma pancada de malhete que os VV.·. repetem, e annuncia o resultado do scrutinio.

Se os suffragios são unanimes, o Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai, etc. ; e convidai aos II.·. para que unindo-se a mim, me ajudem a applaudir. »

O 1° Vig.·. faz o annuncio.

O 2° Vig.·. bate, e diz : « II.·. da columna do Norte, as conclusões do I.·. Orador forão unanimemente adoptadas pelo scrutinio ; em consequencia vão ser nomeados Commissarios para syndicarem a respeito do Profano proposto ; e o Ven.·. nos convida, para que juntando-nos a elle, as applaudamos. »

Se o relatorio dos II.·. Syndicantes he favoravel, ou se dos tres, dous são favoraveis, o Ven.·. dirá : « Meus II.·., na Sessão de, etc. II.·. 1° e 2° VV.·., proponde o Profano N...

aos II.·. das vossas columnas, e pedi-lhes as suas observações. »

O 1° Vig.·. annuncia.

O 2° Vig.·. bate, e diz : « *II.·.* da columna do Norte, o I.·. Ven.·. propõe, para ser iniciado em nossos Aug.·. e Resp.·. Mys.·., ao Profano N.·. ; e nos pede communiquemos a esta Aug.·. L.·. o que tivermos a observar relativamente ao mesmo Profano.

ABERTURA DOS TRABALHOS.

O Ven.·. diz :

P. I.·. 1° Vig.·., sois Maçon ?

R. Meus II.·. me reconhecem por tal.

P. Qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja ?

R. He saber se a Loja está coberta.

O Ven.·. diz : « Certificai-vos, meu I.·. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « I.·. 2° Vig.·., certificai-vos, etc. »

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Cobridor : « Certificai-vos se a L.·. está bem coberta. »

O I.·. Cobridor diz em voz baixa ao I.·. 2°

Vig.·., que os trabalhos estão cobertos, interna e externamente; este diz o mesmo ao 1° Vig.·.: « I.·. 1° Vig.·., os trabalhos estão cobertos interna e externamente. »

O 1° Vig.·. o diz então em alta voz ao Ven.·.

P. Qual o segundo dever de hum Vig.·. em Loja?

R. He saber se todos os II.·. estão á ordem.

P. Estão elles á ordem?

O 2° Vig.·. diz: « Todos os II.·. estão á ordem na columna do Norte. »

O 1° Vig.·. diz em alta voz: « Venerabilissimo, todos os II.·. estão á ordem n'huma e n'outra columna. »

P. A que hora começão os Maçons os seus trabalhos?

R. Ao meio dia.

P. Que horas são?

R. He meio dia.

O Ven.·. diz: « Como he meio dia, etc..., para abrir a Loja de M.·. no gráo d'Aprendiz. »

O 2° Vig.·. diz: « II.·. da columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que nos unamos a

elle para a abertura da A.·. e R.·. L.·. (tal) no gráo d'Aprendiz. »

O Ven.·. bate sobre o altar as tres pancadas mysteriosas ! ! !, que os VV.·. repetem.

O Ven.·. diz : « I.·. Secretario, fazei a leitura, etc..... II.·. 1° e 2° Vig.·., convidai nossos II.·. a que prestem attenção á leitura da Prancha dos ultimos trabalhos. »

O 1° Vig.·. annuncia, e depois delle o 2° Vig.·. diz : « II.·. da columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que prestemos attenção á leitura da Prancha de nossos ultimos trabalhos. »

Depois da leitura, o Ven.·. dirá : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc..... de que acabão de ouvir a leitura. »

O 1° Vig.·. faz o annuncio.

O 2° Vig.·. diz : « II.·. da columa do Norte, o Ven.·. nos convida a que discutamos a Prancha dos ultimos trabalhos. »

Se não ha quem se opponha, os VV.·. o advertem em voz alta ao Ven.·. ; ou quando está determinada a discussão, o Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai a nossos II.·.

para que unindo-se a mim, applaudamos todos, etc..... »

Se ha Visitantes na Sala dos Passos Perdidos, o I.·. M.·. de Cer.·. o diz em voz baixa ao I.·. 2° Vig.·., que dá huma pancada de malhete, ao qual responde o Ven.·., e depois o 2° Vig.·., que diz: « Venerabilissimo, na Sala dos Passos Perdidos existem II.·. Visitantes, que pedem, etc..... »

O Ven.·. diz: « I.·. Experto, informai-vos quem são estes II.·., etc..... »

O I.·. Experto, depois da execução desta ordem, bate na porta com a bateria do gráo.

O I.·. Cobridor, adverte em voz baixa ao I.·. 2° Vig.·. de que se bate á porta, como Maçon; este adverte ao 1° Vig.·., que diz em voz alta, depois de ter batido huma só vez com o malhete:

« I.·. Ven.·., bate-se, etc..... »

O Ven.·. diz: « Meu I.·., vêde quem bate; se fôr visitante, franqueai-lhe a entrada, depois de ter dado as palavras de passe, e ordem. »

O 1° Vig.·. o diz ao 2°, que diz ao I.·. Cobridor: « Vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor introduz o I.·. Experto, se foi elle quem bateu, e fecha a porta: se he hum Membro da L.·., o I.·. Cobridor adverte ao 2° Vig.·., que diz em voz alta ao Ven.·.: « He o I.·. N.... »

Quando são Visitantes, e logo que tomárão assento, o Ven.·. diz:

« II.·. 1° e 2° Vig.·., convidai nossos II.·. para que unindo-se a mim, etc..... »

O 1° Vig.·. annuncia, e depois disto, o 2° Vig.·. diz:

« II.·. que condecorais a columna do Norte, o I.·. Ven.·. nos convida para que, unidos a elle, applaudamos a presença dos II.·. Visitantes. »

O Ven.·., diz então: « Meus II.·. por dous scrutinios, etc....; e vos rogo deis os vossos votos da maneira costumada. »

O 1° Vig.·. repete o annuncio.

O 2° Vig.·. diz: « II.·. da Columna do Norte, o Ven.·. vos convida a que testemunheis o vosso comentimento da maneira costumada,

Bate-se fortemente á porta do Templo, tres pancadas irregulares.

O 2° Vig.·. bate, e diz ao 1° Vig.·.

« Bate á porta hum Profano. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « Venerabillissimo bate-se, etc.... »

O Ven.·. diz: « Indagai quem bate assim. »

O 1° Vig.·. diz o mesmo ao 2° Vig.·.

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Experto.·.: « Vêde quem bate. »

Depois da resposta do I.·. Experto, o 2° Vig.·. diz ao 1°: « He hum Profano que deseja ser Maçon. »

Nota. Os VV.·. observão as mesmas formalidades a respeito das perguntas que o Ven.·. faz dirigir ao Recipiendario.

Introduzido o Adepto, os VV.·. sem largarem os malhetes, se aproximão delle, tomão cada hum huma de suas mãos; e depois de alguns instantes de silencio, o 1° Vig.·. diz:

« Venerabilissimo, eis o Profano. »

Logo que o Ven.·. ordena a primeira viagem, os VV.·. tornão a seus lugares.

Depois de feita cada huma das viagens, o 2° Vig.·. bate, e diz :

« A primeira (a segunda, ou terceira) viagem está feita. »

Depois do juramento, logo que o Ven.·. diz ao Adepto : « Que quereis ? » O 2° Vig.·. dicta em voz baixa a resposta que deve dar : (ver a luz).

Quando o Ven.·. dá ordem de fazer aproximar o Neophyto pelos tres passos de Aprendiz, o 1° Vig.·. lhos ensina, e o faz subir os tres primeiros degráos do altar.

O Neophyto recebe e dá aos VV.·. as palavras, toques, e sinaes.

O Ven.·. diz : « II.·. 1° e 2° VV.·., convividai, etc. . . . »

O 1° Vig.·. annuncia.

O 2° Vig.·. diz : « II.·. que condecorais a Columna do Norte, o Ven.·. nos convida a reconhecermos para o futuro o I.·. N.... por Aprendiz Maçon, e Membro desta A.·. e R.·. L.·., e unirmo-nos a elle para applaudirmos a sua iniciação. »

O Ven.·. passa a instrui-lo, e entretanto o

2° Vig.·. o leva para perto do quadro, e com a ponta da espada lhe indica as figuras, de que o Ven.·. explica os emblemas.

INSTRUCÇÃO.

P. I.·. 1° Vig.·., sois Maçon?

R. Meus II.·. por tal me reconhecem.

P. Qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja?

R. He saber se a Loja está bem coberta.

O Ven.·. diz: « Certificai-vos, meu I.·. »

Depois de preenchidas as formalidades prescriptas e detalhadas na abertura da Loja, o Ven.·. diz:

P. O que he hum Maçon?

R. He hum homem livre, igualmente amigo do pobre e do rico, se são virtuosos.

P. Que viemos nós fazer em Loja?

R. Vencer as paixões, submetter nossas vontades, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Onde fostes recebido Maçon?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. O que he necessario para que huma Loja seja justa e perfeita ?

R. Tres a governão, cinco a compoem, e sete a fazem justa e perfeita.

P. Desde quando sois Maçon ?

R. Desde que recebi a Luz.

P. De que maneira posso saber se sois Maçon ?

R. Por meio das palavras, toques, e sinaes.

P. Como se fazem os sinaes de Maçon ?

R. Por esquadria, nivel, e perpendicular.

P. Dai-me o sinal de Aprendiz.

R. (Elle o dá.)

P. Que significa este sinal ?

R. Que antes preferiria ter a garganta cortada, do que revelar os segredos dos Maçons.

P. I.·. 2° Vig.·., dai os toques ao I.·. 1° Vig.·.

R. O I.·. 1° Vig.·. diz : « He justo, Venerabilissimo.

P. Dai-me a palavra.

R. Não devo ler, ou escrever ; só devo soletrar, dai-me a primeira letra, e eu vos darei a segunda.

P. Que significa esta palavra ?

R. Minha força está em Deos; era este o nome de huma columna de aço collocada ao Septentrião do Templo de Solomão, onde se juntavão os Aprendizes para receberem o seu salario.

P. Dai-me a palavra de passe d'Aprendiz.

R. (Elle a dá.)

P. Que significa ?

R. He este o nome do filho de Lameth, que inventou a arte de trabalhar os metaes.

P. Porque desejastes ser Maçon ?

R. Porque vivia nas trevas, e queria ver a Luz.

P. Quem vos apresentou em Loja ?

R. Hum amigo virtuoso, que depois reconheci ser meu I.·.

P. Em que estado vos achaveis quando vos apresentárão em Loja ?

R. Nem nú, nem vestido, mas em decente estado, e desprovido de metaes.

P. Para que vos puzerão em tal estado ?

R. Nem nú, nem vestido, para representar o estado de innocencia, e para nos lembrar

que a virtude não necessita de ornamentos; desprovido de metaes, porque elles são o emblema, e muitas vezes a origem dos vicios que todo o Maçon deve evitar.

P. Como vos introduzirão em Loja?

R. Por tres grandes pancadas.

P. Que significão estas tres pancadas?

R. *Pedi*, recebereis; *procurai*, achareis; *batei*, vos abrirão.

P. Que resultou dessas tres pancadas?

R. Hum Experto, que me perguntou meu nome, prenomes, idade, patria, estado, e se era minha vontade ser Maçon.

P. Que fez de vós o I.·. Experto?

R. Introduzio me em Loja entre os dous VV.·., e me fez viajar como Aprendiz, a fim de mostrar-me as difficuldades que se encontrão para chegar a ser Maçon.

P. Que vos aconteceu depois?

R. O Ven.·. me recebeu Maçon com consentimento unanime de todos os II.·.

P. Como vos recebeu elle?

R. Com todas as formalidades requeridas.

P. Quaes são essas formalidades?

R. Tinha o joelho nú sobre a esquadria, a mão direita sobre a espada; com a esquerda s. gurava hum compasso aberto em esquadria, tendo huma das pontas dirigida sôbre o peito esquerdo, que estava nú.

P. Que fazieis nesta postura?

R. Prestava juramento de guardar os segredos da Ordem.

P. Que vistes quando entrastes na Loja?

R. Nada, Venerabilissimo.

P. E que vistes quando vos derão a Luz?

R. Vi o Sol, a Lua, e o Ven.·. da Loja.

P. Que relação póde haver entre o Ven.·. da Loja, e estes Astros?

R. Assim como o Sol preside ao dia, e a Lua á noite, da mesma sorte o Ven.·. preside á Loja para illumina-la.

P. Onde se acha o Ven.·. da Loja?

R. No Oriente.

P. Porque?

R. Assim como o Sol se levanta no Oriente para abrir caminho ao dia, assim o Mestre está no Oriente para abrir a Loja, illuminar, e dar começo aos trabalhos.

P. Onde estão os VV.·. ?

R. No Occidente.

P. Porque ?

P. Para ajudarem ao Ven.·. em seus trabalhos, pagarem os obreiros, e despedi-los contentes.

P. Onde estão os Aprendizes ?

R. No Septentrião, porque só pódem supportar huma luz fraca.

P. Como se chama a vossa Loja ?

R. A Loja de ....

ENCERRAMENTO.

P. Que idade tendes ?

R. Tres annos.

P. A que horas costumão os Maçons terminar seus trabalhos ?

R. A' meia noite.

P. Que horas são ?

R. Meia noite, Venerabilissimo.

« Como he meia noite, hora em que os Maçons costumão, etc., II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc. »

O 1° Vig.·. annuncia.

O 2° Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a Columna do Norte, o I.·. Ven.·. nos convida, para que unidos a elle, o ajudemos a encerrar os trabalhos de Aprendiz em a A.·. e Resp.·. L.·. (tal), ao Oriente (tal), da maneira costumada.

Depois do annuncio o Ven.·. bate tres pancadas de malhete na forma do costume; cada Vig.·. bate outras tantas, e neste momento todos os II.·. se levantão, e poem-se á ordem.

O Ven.·. diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Aprendiz, e encerrão os trabalhos pela triplice bateria, e pelo triplice viva!

BANQUETE.

Primeira Saude.

O Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos se nossos trabalhos estão cobertos. »

Cada hum dos VV.·. procura certificar-se da qualidade Maçonica de todos os individuos da sua columna, lançando os olhos sobre elles, e reconhecendo-os por Maçons.

O 2° Vig.·. diz ao I.·. 1° Vig.·. : « Eu respondo por aquelles que estão na minha columna. »

O 1° Vig.·. diz isto mesmo ao Ven.·. , que diz tambem : « Eu respondo pelos que estão ao O.·. »

Nota. Para saber-se a ordem inteira da saude, he necessario recorrer ao caderno de Ven.·. deste gráo.

SEGUNDO VIGILANTE.

SEGUNDO GRÁO,

OU

Grão de Companheiro.

SEGUNDO VIGILANTE.

SEGUNDO GRAO.

ou

Prova de Comprehensão.

REGULADORES
DOS
GRAOS SYMBOLICOS.

Gràо de Companheiro.

SECÇÃO PRIMEIRA.

DOS PRELIMINARES.

Todo o Aprendiz que crêr reunir as qualidades necessarias para ser elevado ao Gráo de Companheiro, o pedirá em particular ao Vig.∴ da columna a que pertence desde a sua recepção.

Na occasião em que os trabalhos o permittirem, o 2° Vig.∴ dirá: « Venerabilissimo, o I.∴ N.∴ Aprendiz desta R.∴ L.∴ me rogou pedisse-vos por elle, o favor de ser admittido ao Gráo de Companheiro. »

O Ven.∴ diz: « II.∴ 1° e 2° VV.∴, convidai, etc..... »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·. II.·. da columna do Meio dia, etc..... »

O 2° Vig.·. dirá: « II.·. da columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que façamos as nossas observações a respeito do pedido do I.·. N.... »

Achando-se abertos os trabalhos, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai, etc..... »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do meio dia etc..... »

O 2° Vig.·. dirá: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. nos propõe o I.·. N.... para ser admittido ao Gráo de Companheiro, e nos convida a que façamos nossas reflexões a respeito desta pretenção. »

O Ven.·. fará o annuncio do scrutinio da maneira usada.

Os VV.·. repetiráõ o annuncio.

Se o scrutinio he favoravel, o Ven.·. convidará na forma do estilo, a todos os II.·. para que applaudão com elle.

Os VV.·. annuncião.

ABERTURA.

O Ven.∴ bate huma pancada de malhete, repetida pelos VV.∴, e diz: « A mim, meus II.∴, etc..... » e depois accrescenta: « II.∴ 1° e 2° VV.∴, certificai-vos se em huma e outra columna todos os II.∴ são Companheiros. »

Ainda que seja facillimo aos VV.∴ certificarem-se á simples vista se todos os II.∴ são Companheiros, porque devem conhecer os gráos de que cada hum se acha revestido, sobre tudo não havendo Visitantes desconhecidos, não será com tudo desacertado que cada Vig.∴ percorra a sua columna, e pergunte a cada I.∴ a palavra, sinal, e toque do gráo. Esta formalidade faz lembrar a todos, o que he commum esquecer-se por falta de pratica.

Quando os VV.∴ tiverem feito o seu giro, tornão a seus lugares, e dão conta ao Ven.∴ da commissão que lhes deu.

O Ven.∴ fará aos VV.∴, alternativamente, as cinco questões seguintes:

P. I.∴ 1° Vig.∴, sois Companheiro?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. Para que quizestes ser Companheiro ?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que idade tendes ?

R. Cinco annos.

P. A que horas começão os trabalhos de Companheiro ?

R. Ao meio dia.

P. Que horas são ?

R. He meio dia.

O Ven.·. diz então : « Como he meio dia, etc., II.·. 1° e 2° VV.·., convidai, etc..... »

O 1° Vig.·. diz : « I.·. 2° Vig.·., II.·. da columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida a nos unirmos a elle para abrirmos os trabalhos de Companheiro. »

Depois do annuncio, o Ven.·. bate sobre o altar as cinco pancadas de malhete ! ! ! ! !, repetidas da mesma maneira pelos VV.·.. Immediatamente o Ven.·. diz : « A mim, meus II.·.. »

Todos juntos fazem o sinal, e depois applaudem por cinco, repetidos tres vezes. Depois o Ven.·. diz : « Os trabalhos de Companheiro estão abertos. »

O 1° Vig.·. diz : « Os trabalhos de Companheiro, etc..... »

O 2° Vig.·. dirá : « Os trabalhos de Companheiro estão abertos. »

Estando assim os trabalhos de Companheiro em andamento, o Ven.·. annuncia outra vez o objecto da Sessão ; e depois de ter proposto o I.·. que deve ser admittido ao grão de Companheiro, convida os II.·. a que discutão a pretenção. Se ninguem falla, pede o sinal de approvação, levantando a mão.

O Aspirante bate com as pancadas d'Aprendiz á porta do Templo ; o I.·. Cobridor o adverte em voz baixa ao 2° Vig.·.

O 2° Vig.·. diz em voz baixa ao 1° Vig.·. : « I.·. 1° Vig.·., bate hum Aprendiz á porta do Templo. »

O 1° Vig.·. o diz em alta voz ao Ven.·., e este responde ao 1° Vig.·., que o passa ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor : « Vêde quem bate. »

O I.·. Cobridor diz em voz baixa ao 2° Vig.·., e este ao 1° Vig.·. : « He hum Aprendiz que quer ser Companheiro. »

O Ven.·. diz: « Perguntai-lhe, etc..... »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·., e este ao I.·. Cobridor: « Perguntai-lhe se acabou o seu tempo; se crê seu Mestre contente delle, e se he esta a sua ultima vontade. »

A resposta do Recipiendario chega ao Ven.·. pelas mesmas vias, e este diz então: « Fazei entrar o Aprendiz. »

O novo Companheiro he conduzido pelos dous VV.·.

1ª Viagem.		Hum malhete e hum cinzel.
2ª	»	Hum compasso e huma regoa.
3ª	»	Huma alavanca e huma regoa.
4ª	»	Esquadria e regoa.
5ª	»	Nada.

Depois das viagens, o Aspirante tendo recebido do Ven.·. o que lhe compete, este lhe diz: « Ide, meu I.·., fazer-vos reconhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·. »

Os VV.·. dão parte da exactidão da palavra, sinal, e toque que lhe deu o Companheiro.

Depois disto, o Ven.·. diz: « II.·. 1° e 2° VV.·., convidai os II.·. em huma e outra columna a que reconheção, etc. »

O 1° Vig.·. diz: « II.·. que condecorais a columna do Meio dia, etc..... »

O 2° Vig.·. dirá: « II.·. que condecorais a columna do Norte, o Ven.·. nos convida a reconhecermos para o futuro o I.·. N.... por Companheiro desta A.·. e R.·. L.·., e applaudirmos a sua recepção. »

Assentado o novo Companheiro defronte do quadro durante a instrucção, o I.·. 2° Vig.·. lhe indica com a ponta da espada as diversas figuras de que o Ven.·. lhe dá a explicação.

O Ven.·. fecha os trabalhos na forma seguinte:

INSTRUCÇÃO.

P. Sois vós Companheiro?

R. Eu o sou, Venerabilissimo.

P. Para que desejastes ser recebido Companheiro?

R. Para conhecer a letra G.·.

P. Que significa esta letra?

R. Geometria.

P. Nada mais significa?

R. He a inicial de hum dos nomes do G.·. A.·. do U.·.

P. Como fostes recebido?

R. Passei da columna J.·. á columna B.·., e subi os cinco degráos do Templo.

P. Por que porta subistes?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que ieis fazer ao Templo?

R. Cavar masmorras ao vicio, e levantar templos á virtude.

P. Quem se oppôz á vosso entrada?

R. O I.·. Cobridor.

P. Que exigio elle de vós?

R. Hum sinal, hum toque, e huma palavra.

P. Que vistes ao subir os degráos do Templo?

R. Duas grandes columnas.

P. De que materia crão?

R. De aço.

P. Qual era a sua altura?

R. Dezoito pés cubos.

P. Sua circumferencia?

R. Doze pés cubos.

P. Sua espessura?

R. Quatro dedos.

P. Erão por tanto vasias?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E para que?

R. Para encerrar a ferramenta dos Companheiros e Aprendizes, assim como o thesouro destinado para o pagamento de seus salarios.

P. Como recebem os obreiros seus salarios?

R. Por hum sinal, hum toque, e huma palavra; os Aprendizes por meio dos de Aprendiz, e os Companheiros pelos do seu gráo.

P. Quaes erão as decorações das columnas?

R. Folhas de acantho ornavão os seus capiteis, e estes erão cobertos com innumeraveis fructos da romeira.

P. Onde fostes recebido Companheiro?

R. Em huma Loja justa e perfeita.

P. Qual era a sua forma?

R. Hum quadrado longo.

P. Em que sentido era o seu comprimento?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. E a sua largura?

R. Do Meio dia ao Septentrião.

P. Qual era a sua altura?

R. Hum sem numero de pés, toezas, e cubos.

P. Qual era a sua cobertura?

R. Hum docel azul celeste semeado de estrellas.

P. O que a sustentava?

R. Tres grandes pilastras de forma triangular.

P. Como as chamais?

R. *Sabedoria*, *Força*, e *Belleza.*

P. Porque as chamais assim?

R. *Sabedoria*, para inventar; *Força*, para executar; *Belleza*, para ornar.

P. Qual era a sua profundidade?

R. Da superficie da terra ao centro.

P. Porque respondeis assim?

R. He para dar a entender que todos os Maçons espalhados sobre a terra; formão hum só e unico povo de Irmãos, governados pelas mesmas leis e pelos mesmos usos.

P. Tendes ornamentos na vossa Loja?

R. Sim, Venerabilissimo,

P. E quantos?

R. Em numero de tres.

P. Quaes são ?

R. O Pavimento mosaico, a Estrella flammejante, e o Festão recortado.

P. E qual era o seu uso ?

R. O Pavimento mosaico ornava a soleira do grande Portico do Templo; a Estrella flammejante, collocada no meio, esclarecia o centro; e o Festão recortado guarnecia e ornava as extremidades.

P. Dai-me a explicação moral destes tres ornamentos ?

R. O Pavimento mosaico he o emblema da união intima que reina entre os Maçons; a Estrella flammejante he o emblema do G.·. A.·. do U.·., brilhante de huma luz pura que tira de si mesmo; o Festão recortado significa o laço que une todos os Maçons, e faz delles huma só familia em toda a terra.

P. Tendes algumas joias na vossa Loja ?

R. Sim, Venerabilissimo.

P. E em que numero ?

R. Em numero de seis, a saber: tres moveis, e tres immoveis.

P. Quaes são as joias moveis ?

R. A Esquadria que traz o Venerabilissimo, o Nivel que traz o 1° Vig.·., e a Perpendicular ou linha de prumo que traz o 2° Vig.·.

P. Quaes são as joias immoveis?

R. A Prancha de traçar, a Pedra cubica ponte aguda, e a Pedra bruta.

P. Qual he o uso dás joias moveis?

R. A Esquadria serve para pôr as superficies em angulos rectos entre si; o Nivel para collocar horisontalmente as pedras humas ao lado das outras; e a Perpendicular para construir os edificios perfeitamente a prumo sobre as suas bases.

P. Dai-me a explicação em sentido moral.

R. A Esquadria nos adverte que todas as nossas acções devem ser reguladas pela rectidão e justiça; o Nivel, que deve reinar huma perfeita igualdade entre os Maçons; e a Perpendicular, que todos os bens dimanão do alto.

P. Qual he o uso das joias immoveis?

R. A Prancha serve aos Maçons para traçarem seus planos e desenhos; a Pedra cubica de ponta serve aos Companheiros para amolarem os seus instrumentos; e a Pedra bruta

serve aos Aprendizes para aprenderem a trabalhar.

P. Qual he o sentido moral?

R. A Prancha de traçar he o emblema do bom exemplo que devemos dar a nossos II.·., e a todos os homens; a Pedra cubica he o symbolo dos cuidados que toma o homem virtuoso para apagar as nodoas que o vicio lhe imprimio, e corrigir as paixões a que todos estamos sugeitos; finalmente, a Pedra bruta he a imagem do homem grosseiro e salvagem, que só o estudo continuo de si proprio póde polir e tornar perfeito.

P. Quantas especies ha de Maçons?

R. Duas: huns são theoricos, e outros praticos.

P. Que aprendem os Maçons theoricos?

R. Huma boa moral que serve a apurar nossos costumes e fazer-nos agradaveis a todos os homens.

P. E o que he hum Maçon de Pratica?

R. He o obreiro dos edificios.

P. Como conhecerei que sois Maçon?

R. Por meus sinaes, toques, e palavras.

P. Quantos sinaes ha na Maçoneria ?

R. Venerabilissimo , estes sinaes são innumeros , mas reduzem-se a cinco principaes.

P. Quaes são ?

R. O Vocal , o Guttural , o Peitoral , o Manual , e o Pedestre.

P. Para que servem elles ?

R. O Vocal , para dar a palavra ; o Guttural , para dar o sinal de Aprendiz ; o Peitoral , para o de Companheiro ; o Manual , para o toque de hum e outro ; e o Pedestre , para executar a marcha de ambos.

P. Quantas janellas tem huma Loja ?

R. Tres.

P. Onde estão ellas collocadas.

R. Ao Oriente , ao Occidente , e ao Meio dia.

P. E porque não no Septentrião ?

R. Porque o Sol o esclarece fracamente.

P. Para que servem ellas ?

R. Para esclarecer os obreiros quando vêem para o trabalho , em quanto o executão , e quando o largão.

P. Vistes hoje o vosso Mestre ?

R. Sim , Venerabilissimo.

P. Como estava vestido ?

R. De ouro e azul celeste.

P. Que significão estas duas côres ?

R. O ouro significa riqueza, o azul sabedoria, dous dons que o G.·. A.·. do U.·. concedeu a Solomão.

P. Onde se assentão os Companheiros ?

R. No Meio dia.

P. Porque ?

R. Como mais illuminados que os Aprendizes, e para servir os Mestres.

P. Como servis ao vosso Mestre ?

R. Com alegria, fervor, e liberdade.

P. Por quanto tempo o servis ?

R. Desde a madrugada da Segunda feira até ao Sabbado á noite.

P. Recebestes salario ?

R. Venerabilissimo, estou contente.

P. Em que lugar o recebestes ?

R. Na columna B.·.

P. Que indica esta letra ?

R. He a inicial de huma palavra que serve a reconhecer-nos.

P. Dizei-ma.

R. Dai-me a primeira letra, dar-vos-hei a segunda.

P. Que significa esta palavra?

R. Significa perseverança no bem.

P. Dizei-me a palavra de passe.

R. (Elle a diz.)

P. Que significa?

R. Numeroso como espigas de trigo.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS.

P. Que idade tendes?

R. Cinco annos.

P. A que hora se terminão os trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc..... »

O 1° Vig.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.·. nos convida, etc..... »

O 2° Vig.·. dirá: « II.·. da columna do Norte, o Ven.·. nos convida a que encerremos os trabalhos de Companheiro Maçon nesta A.·. e R.·. L.·. (tal), ao O.·. de (tal). »

Depois do annuncio, o Ven.·. bate cinco pancadas de malhete, que repetem os VV.·., e diz: « A mim, meus II.·. »

Todos fazem o sinal de Companheiro e applaudem.

O Ven.·. bate, e diz: « Estão acabados os trabalhos de Companheiro. »

O 1° Vig.·. bate, e diz: « Meus II.·., os trabalhos de Companheiro estão acabados. »

SEGUNDO VIGILANTE.

TERCEIRO GRÁO,

OU

Grão de Mestre.

REGULADORES
DOS
GRAOS SYMBOLICOS.

Grão de Mestre.

DOS PRELIMINARES.

O 1° Vig.∴ diz: « I.∴ 2° Vig.∴, II.∴ que condecorais a columna do Meio dia, o Ven.∴ nos convida, etc..... »

O 2° Vig.∴ bate, e diz: « II.∴ que condecorais a columna do Norte, o Ven.∴ nos convida a que apresentemos as nossas observaçõcs. »

Segundo Preliminar.

Os VV.∴ deixão os seus lugares, percorrem cada hum a sua columna para se certificarem se todos os II.∴ são Mestres, pedindo-lhes em voz baixa as palavras, sinal, e toque do gráo.

Quando voltão aos seus lugares, dão conta ao Respeitabilissimo.

ABERTURA.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o primeiro dever dos VV.·. em Loja de Mestre?

R. Resp.·., he saber se todos os II.·. sãõ Mestres.

P. Estais disso certificado?

R. Resp.·., nós o estamos.

P. I.·. 1° Vig.·., sois Mestre?

R. Experimentai-me; a acacia me he conhecida.

P. Dai-me o sinal de Mestre?

R. (Dá-lho.)

P. Ven.·. I.·. 2° Vig.·., que idade tendes?

R. Sete annos e mais.

P. A que horas se abrem os trabalhos?

R. Ao meio dia.

O I.·. 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida, etc..... »

O 2° Vig.·. diz: « VVen.·. II.·. que con-

decorais a columna do Norte, o Resp.·. nos convida o nos unirmos a elle para a abertura dos trabalhos no gráo de Mestre. »

O Resp.·. dá nove pancadas de malhete.

Os VV.·. repetem a bateria.

O 1° Vig.·. diz : « Estão abertos os trabalhos. »

O 2° Vig.·. repete, e diz : « VVen.·. II.·. que condecorais a columna do Norte, estão abertos os trabalhos. »

RECEPÇÃO.

O I.·. Cobridor annuncia ao 2° Vig.·., que se bate como Companheiro á porta do Templo.

O I.·. 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·. : « Ven.·. I.·. 1° Vig.·., bate-se como Companheiro á porta da Loja. »

O 1° Vig.·., com ordem do Resp.·., diz ao 2° Vig.·. : « Vêde quem bate. »

O 2° Vig.·., diz ao I.·. Cobridor : « Vêde quem bate. »

Depois da resposta do I.·. Cobridor, o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·. : « Ven.·. I.·. 1° Vig.·.,

he hum Companheiro que acabou o seu tempo, e quer ser admittido a Mestre. »

O 1° Vig.·. diz ao 2°: « Perguntai-lhe seu nome, etc..... »

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Cobridor: « Perguntai-lhe seu nome, seus prenomes, sua idade, e seu estado civil. »

O I.·. Cobridor communica ao 2° Vig.·. as respostas do Aspirante.

O 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·. : « Ven.·. I.·. 1° Vig.·., o Aspirante já passou os cinco annos; trabalhou no exterior do Templo sobre a pedra polida, e preparou as ferramentas. »

O 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·. : « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto, etc.....»

O 2° Vig.·. diz ao I.·. Cobridor : « Perguntai-lhe se está sinceramente disposto a preencher os deveres de hum Mestre Maçon, e se nada tem a arguir-se sobre os juramentos que precedentemente prestou. »

Introduzido o Companheiro, os VV.·. se assentão.

Quando se ordena a primeira viagem, tornão de novo aos seus lugares, e não os largão

mais, sem que para isso recebão ordem expressa.

O Resp.·. diz: « I.·. 2° Vig.·., levai comvosco dous II.·., e começai a procurar pelo Norte. »

O I.·. 2° Vig.·. escolhe dous II.·., e faz com elles o giro da Loja, começando pelo Norte, e sondando o terreno com a ponta da sua espada. Depois volta ao Occidente, bate, e diz: « Resp.·., nossas indagações forão baldadas. »

O Resp.·. se junta com dous outros II.·. aos VV.·., e todos reunidos fazem tres vezes o giro da Loja.

No segundo giro o 2° Vig.·. pára, e diz: « Resp.·., eu vejo levantar-se hum vapor de hum pequeno espaço de terreno. Approximemo-nos. »

O Resp.·. levanta, com a ponta da sua espada, huma parte do véo, etc.....

O 2° Vig.·. se approxima, pega no index direito do Recipiendario, e o deixa cahir, dizendo: « J.·., e dá hum passo para traz, fazendo o sinal de horror. »

O Resp.·. diz: « II.·. VV.·., quem desarranjou este corpo? »

O 2° Vig.·. diz: « Resp.·., suppuz pode-lo levantar com o toque de Aprendiz, *mas a carne deixa os ossos.* »

O Resp.·., ajudado pelos VV.·., levanta ao Recipiendario.

Todos os II.·. tornão a tomar os seus lugares.

Quando o Recipiendario chega ao Occidente, se faz conhecer pelos II.·. 1° e 2° VV.·.

Logo que o 2° Vig.·. o tem reconhecido, dá conta ao 1° Vig.·. que o diz ao Resp.·.

Terminado o discurso, o 1° Vig.·. com ordem do Resp.·., diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. II.·. que condecorais a columna do Meio dia, o Resp.·. nos convida, etc..... »

O 2° Vig.·. diz: « VVen.·. II.·. que condecorais a columna do Norte, o Resp.·. nos convida a que reconheçamos o I.·. N... por Mestre Maçon, e que como tal seja reconhecido pelos Maçons espalhados pela superficie da terra. »

Depois da instrucção, o 1° Vig.·. com or-

dem do Resp.·., diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., etc..... o Resp.·. pergunta, etc..... »

O 2° Vig.·. diz: « VVen.·. II.·. que condecorais a columna do Norte, o Resp.·. pergunta se tendes alguma cousa a propôr. »

ENCERRAMENTO.

P. Ven.·. I.·. 1° Vig.·., a que horas devemos encerrar nossos trabalhos?

R. A' meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

« Como he meia noite, etc..... VVen.·. II.·. 1° e 2° VV.·., convidai aos VVen.·. II.·. a que me ajudem, etc..... »

O 1° Vig.·. diz: « Ven.·. I.·. 2° Vig.·., VVen.·. MM.·., etc..... »

O 2° Vig.·. diz: « VVen.·. Mestres que condecorais a columna do Norte, o Resp.·. nos convida a que o ajudemos a encerrar os trabalhos de Mestre. »

Encerrão-se ao depois os de Companheiro, e finalmente os de Aprendiz.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Mestre?

P. Experimentai-me; a acacia me he coconhecida.

P. Onde fostes recebido?

R. Na camara do meio.

P. Como chegastes ali?

R. Por huma escada que subi por tres, cinco, e sete.

P. E que vistes?

R. Horror, luto, e tristeza.

P. Nada mais vistes?

R. Huma luz sombria illuminando o tumulo do nosso Resp.·. Mestre.

P. Qual era a sua grandeza?

R. Tinha tres pés de largura, cinco de profundidade, e tres de comprimento.

P. Que tinha elle em cima?

R. Hum ramo de acacia na parte superior, hum triangulo do ouro mais puro, e o nome do Eterno gravado no centro.

P. Que vos aconteceu?

R. Suspeitárão-me de hum crime horrivel.

P. Quem vos animou?

R. A minha innocencia.

P. Como fostes recebido?

R. Passando da esquadria ao compasso.

P. Que procuraveis nesta estrada?

R. A palavra de Mestre que se tinha perdido.

P. Como se perdeu ella?

R. Por tres grandes pancadas ás quaes succumbi.

P. Quem vos soccorreu?

R. A mão que me tinha ferido.

P. Como he isto?

R. Só o direi em segredo a hum dos meus iguaes, e quando fôr obrigado.

P. Que soubestes?

R. As circunstancias da morte do nosso Resp.·. M.·. Hiram, que foi assassinado no Templo por tres Companheiros, que querião extorquir-lhe a palavra de Mestre, ou tirar-lhe a vida.

P. Que fizerão os Mestres para se reconhecerem entre si depois da morte do nosso Resp.·. M.·. Hiram?

R. Convencionárão que a primeira palavra

pronunciada, e o primeiro sinal que se fizesse no momento da descoberta do corpo de Hiram, seriao substituidos ás antigas palavra e sinal.

P. Quaes forão os indicios da descoberta do corpo do nosso Resp.·. Mestre?

R. Hum vapor da terra novamente revolvida, e hum ramo d'acacia.

P. Que fizerão do corpo depois de o terem achado?

R. Solomão o fez enterrar com pompa.

P. Quem era o Mestre Hiram?

R. Era Tyriano, e filho de huma Viuva da Tribu de Nephtali.

P. Qual he o nome de hum Mestre Maçon?

R. Gabaon.

P. Como viajão os Mestres?

R. Do Occidente ao Oriente, e sobre toda a superficie da terra.

P. Porque?

R. Para espalharem a luz, e reunirem o que se acha disperso.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a Prancha de traçar.

P. Onde recebem elles a sua recompensa?

R. Na camara do meio.

P. Que significão as nove Estrellas?

R. O numero dos Mestres enviados á descoberta de Hiram.

P. Se hum Mestre se perdesse, onde o acharieis?

P. Entre a esquadria e o compasso.

P. Quaes são os verdadeiros sinaes de hum Mestre?

R. A palavra, e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Se hum Mestre se achar em perigo de vida, que deve fazer?

R. O sinal de perigo, dizendo: — A mim, Filhos da Viuva!

P. Como se faz este sinal?

R. (Elle o faz.)

P. Porque se diz os Filhos da Viuva?

R. He porque todos os Maçons se dizem filhos de Hiram.

P. Qual he a idade de hum Mestre?

R. Sete annos e mais.

P. Porque dizeis sete annos e mais?

R. He porque Solomão empregou sete annos e mais na construcção do Templo.

P. Que significa a palavra de passe de hum Mestre ?

R. He o nome de huma montanha donde Solomão fez tirar as pedras para a construcção do Templo.

FIM

DO REGULADOR DO SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Jan. T. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C.-1834.

12716